

GEO [GRAFIAS] POÉTICAS

ENTRE EDUCAÇÃO E MODOS SENSÍVEIS DE HABITAR



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

GEO[GRAFIAS]POÉTICAS:
ENTRE EDUCAÇÃO E MODOS SENSÍVEIS DE HABITAR

Londrina
2022

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

GEO[GRAFIAS]POÉTICAS:
ENTRE EDUCAÇÃO E MODOS SENSÍVEIS DE HABITAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Araujo, Danieli Barbosa de .

GEO[GRAFIAS]POÉTICAS : ENTRE EDUCAÇÃO E MODOS SENSÍVEIS DE HABITAR / Danieli Barbosa de Araujo. - Londrina, 2022.
137 f. : il.

Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.

Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Geopoética, Geografia, Educação, Experiências Urbanas. - Tese. I. Delgado Paschoal Moura, Jeani. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

DANIELI BARBOSA DE ARAUJO

**GEO[GRAFIAS]POÉTICAS:
ENTRE EDUCAÇÃO E MODOS SENSÍVEIS DE HABITAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Jeani Delgado Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Batista Gratão
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez
Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
UFRN

Prof^a. Dr^a. Ideni Terezinha Antonello
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 14 dezembro de 2022.

Agradecimentos

A realização do Doutorado em Geografia é fruto de um sonho e um desejo íntimo. É resultado de um trabalho de pesquisa árduo, que envolve determinação, paciência, tenacidade e dedicação. Confesso que em muitos momentos, a realização da tese parecia inatingível, distante e desconhecida. Com o passar do tempo ela se aproximou; em um piscar de olhos encontro-me presente no fato de ter que levar a cabo uma tese de doutorado e, com ela, todas as suas implicações.

Aos poucos, aquela desconhecida, converte-se em uma verdadeira amiga, substanciando-me diariamente, sendo uma fiel companheira. Por outro lado, também se converte em uma perfeita inimiga, em sua capacidade de me fazer sentir minúscula em um processo que parece infinito, mas que é decisivo para no culminar de uma trajetória formativa tão cheia de experiências como o doutorado.

Certa que o trabalho de pesquisa é sempre o resultado de incentivos, ideias, projetos e esforços conjuntos, gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram na realização desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Estadual de Londrina (UEL), por ter sido abrigo nesses onze anos de Instituição. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa regular de doutorado, concedida nos anos finais do curso, e pela bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) a qual me permitiu realizar uma estância de estudos na Universitat de Barcelona, Espanha e aprimorar o processo de pesquisa. O presente trabalho, neste sentido, foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À professora Dr^a Jeani Delgado Paschoal Moura, por seguir caminhando ao meu lado há mais de dez anos, desde a graduação, me acolhendo, encorajando e impulsionando a voar. Obrigada pela dedicação e apoio dado a esta pesquisa, pelo acolhimento das minhas sugestões e angústias, e pelo trabalho incansável de orientação. Juntas, cumprimos uma trajetória de muito aprendizado.

Agradeço ao professor Dr. Joan Tort Donada pelo acolhimento dado em minha estadia na *Facultat de Geografia i Història*, não medindo esforços para me proporcionar vivências significativas.

Aos professores da banca de defesa, Eduardo Marandola Jr., Lúcia Helena Batista Gratão, Pablo Sebastian Moreira Fernandez e Ideni Terezinha Antonello por aceitarem, mais uma vez, o convite de me auxiliarem na construção dessa pesquisa.

Aos companheiros de Departamento, em especial, aos participantes do grupo de estudos e pesquisa, Café com Leitura – Fenomenologia, Geografia e Educação. Parte do amadurecimento desta pesquisa advém das nossas trocas, do incentivo e do encorajamento ofertado a cada conversa, das viagens e dos momentos que tivemos a honra de compartilhar. Larissa, Douglas, Balieiro, Regina, Débora, Jéssica e Pedro, gratidão. Este grupo é a extensão da minha família.

Um trabalho de pesquisa também é resultado de apoio e acolhimento oferecidos por pessoas que muito nos estimam, que nos dão força e ânimo. Sou grata à minha família, aos meus pais Delcides e Quitéria, e aos meus irmãos, Junior, Denise e Daniel, os mais fiéis incentivadores. Com eles compartilhei uma infância feliz, uma vida ligada ao campo, à natureza, palco dos meus primeiros ensinamentos geopoéticos. Ali, colho todo o amor e apoio para seguir nos caminhos que escolhi trilhar. Vocês são minha base.

Aos amigos Breno Neto e Liliam Araujo, companheiros de profissão com quem compartilho tantas inquietações, desejos de pesquisa, sonhos pessoais e profissionais. Vocês foram fundamentais neste processo. Grata por nossa amizade.

Aos amigos que me acompanham ao longo da vida, aos amigos que a Geografia me proporcionou, também estendo meus sinceros agradecimentos.

Por fim, gratulo-me com o Grande Arquiteto do Universo – inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas. No processo solitário de escrita, marcado por um período de isolamento social, longe da minha família e amigos, busquei forças e perseverança no silêncio das orações, restabelecendo a confiança de que tudo, no seu tempo, aconteceria. Obrigada a Deus e aos meus guias espirituais pela graça da vida!

Ferido pela sociedade, decepcionado com a condescendência moral do século, o homem se volta para a natureza, para o exotismo, para encontrar uma resposta às suas inquietações, um complemento para sua incompletude. Porém, essa natureza exterior, próxima ou distante, ele a procura e a vê através da afetividade: prazer da solidão, sentimento de melancolia e de mistério, religiosidade à flor da pele. Nesse sentido, a geografia como ‘oxigênio da alma’, é uma das formas de humanismo (DARDEL, 2011, p. 82).

RESUMO

ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Geo[Grafi]as Poéticas:** entre educação e modos sensíveis de habitar. 2022. 137 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

Imersos em uma experiência primitiva e telúrica da terra, experimentamos sua intimidade material, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica, reafirmando que o espaço geográfico não é somente superfície, implica profundidade (DARDEL, 2011) dada não somente pela percepção cognitiva, mas encontrada em experiências sensíveis corporificadas. A presente tese busca inquietar o legado colonial da objetividade, que fomenta a visão dicotômica sujeito-objeto, oferecendo a possibilidade de (re)pensar um habitar poético da terra, por meio de um fazer geográfico perpassado pela geopoética. O fio condutor desta tese está no entendimento de que a geopoética imprime em si uma educação estética de mundo, uma educação dos sentidos e da percepção sensorial, capaz de reinventar e fazer emergir novos modos de pensar e habitar os ambientes. Enquanto ferramenta para compreender e expressar nossa relação com o mundo, a geopoética permite acessar os simbolismos e significações inerentes à paisagem e reconhecê-las enquanto base fundante do conhecimento, reafirmando que nossa relação terrestre não pode ser inteiramente compreendida por leis invariáveis e universalmente válidas. A problemática da pesquisa busca elucidar: quais as possíveis contribuições da geopoética na constituição de um fazer geográfico atravessado por um senso estético, poético e pedagógico de mundo? Neste exercício, comungando do desejo de encontrar formas genuínas de se conectar a terra, vislumbro pela geopoética, na linha formalizada por Kenneth White e relida em uma aproximação com a Geografia, em especial com a geograficidade dardeliana, caminhos para promover um fazer geográfico que resgate nossa inteligência nativa com a Terra, um habitar com intencionalidade original. Esta pesquisa qualitativa de natureza exploratória, em uma perspectiva da Geografia Humanista, envolveu pesquisas bibliográficas e de campo de forma amalgamada. Como resultados, essa tese apresenta um esforço narrativo de fundar mundos para além de interpretações sentimentais, com atravessamentos entre relações particulares com os lugares e experiências coletivas que revelam o “espírito do lugar”, no campo de uma ética que reconhece um solo comum (Terra) e modos inteligentes de habitá-lo. Com a geopoética convidamos a uma imersão ao nomadismo intelectual, um encontro físico com os lugares e um novo modo de caminhar no/pelo mundo.

Palavras-chave: educação dos sentidos; experiências urbanas; habitar; geograficidade; deambulares.

ABSTRACT

ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Geo[Graphy]Poetic:** among education and sensitive ways of inhabiting. 2022. 137 p. Thesis (Doctorate in Geography) – Department of Geo-Sciences, State University of Londrina. Londrina, 2022.

Immersed in a primitive and earthy experience of Earth, we experienced its material intimacy, a rooting, a type of foundation of geographical reality, reaffirming that the geographical space is not only surface, it implies depth (DARDEL, 2011) given not just by cognitive perception, but found in sensitive embodied experiences. The presente thesis tries to upset the colonial legacy of objectivity, that instigates the dichotomous view of subject-object, offering a possibility of (re)think a poetic habitat of Earthy, through a geographic make pervaded by geo-poetics. The common thread of this thesis is in the understanding that the geo-poetics impresses in itself an aesthetics education of the world, an education of senses and of the sensorial perception, able to reinvente and emerge new ways of thinking and inhabit the environment. As a tool to understand and express our relationship with the world, the geo-poetics allows us to access the symbolism and significations that are inherent to the landscapes and recognize them while founding basis of knowledge, reaffirming that our earthy relation cannot be entirely understood by invariable and universally valid laws. The problem of the research tries to clarify: which possible contributions of geo-poetics in the constitution of a geographical make that goes through an aesthetic sense, poetic and pedagogical of the world? In this exercise, partaking of the wish of finding genuine ways of connecting the Earth, astonished by geo-poetics, in the filed formalized by Kenneth White and reread in an approach with Geography, especially with Dardelian Geography, ways to promote a geographical make that rescues our native intelligence with the Earth, a habitat with original intention. This qualitative research of exploratory nature, in a Humanist Geographical perspective, involved bibliographic research and field research in a merged way. As the results, this thesis shows a narrative effort of founding worlds to beyond sentimental interpretations, with crossings among relationships with places and collective experiences that revel the “spirit of the place”, in the ethical field that recognizes a common ground (Earth) and intelligent ways of inhabiting it. With Geo-poetics we invite an immersion into the intellectual nomadism, a physical meeting with places and a new way of walking in/through the world.

Key words: education of senses; urban experiences; inhabit; geography; wanders.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Um percurso sobre a geopoética	45
Figura 2 –	Mapa dos Centros Geopoéticos	60
Figura 3 –	Deambulares em cena, Londrina-1	89
Figura 4 –	Deambulares em cena, Londrina-2	92
Figura 5 –	Primeiros registros em Barcelona	95
Figura 6 –	Nas paredes, as vozes do Raval- 1	96
Figura 7 –	Nas paredes, as vozes do Raval- 2	97
Figura 8 –	Eixo estruturante da Ciutat Vella.....	98
Figura 9 –	Derivas urbanas.....	100
Figura 10 –	Ruas de Vic	102
Figura 11 –	Em defesa da Língua Catalã	103
Figura 12 –	Ruas.....	104
Figura 13 –	Cidades visitadas na Espanha	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – CASA ONÍRICA: MEMORIAL GEOPÓÉTICO....	20
CAPÍTULO 2 – MAS, AFINAL, QUE É GEOPÓÉTICA?	32
CAPÍTULO 3 – ARquipélago GEOPÓÉTICO.....	57
3.1 LUGAR DE ENCONTRO: GEOGRAFIA E GEOPÓÉTICA.....	64
CAPÍTULO 4 – DERIVAS URBANAS	75
4.1 CADERNO DE NAVEGAÇÕES GEOPÓÉTICAS: EXPERIÊNCIAS URBANAS ENTRE BRASIL E ESPANHA	86
CAPÍTULO 5 – EDUCAÇÃO GEOPÓÉTICA	108
ENTREMEIOS	119
REFERÊNCIAS.....	125
ANEXOS.....	131
ANEXO A – Levantamento Banco de Teses e Dissertações CAPES	132
ANEXOB – Parecer Consustanciado pelo CEP	136

INTRODUÇÃO

Uma das principais consequências da modernidade é a visão dicotômica sujeito/objeto que acabou por criar um dualismo entre natureza e progresso. Essa fratura narcisista fomentou a base para o desencantamento do mundo moderno, arrancando o espaço da sua base terrestre e o transformando em uma abstração geométrica. A ideia de que a razão é o principal instrumento para o conhecimento fez com que a natureza fosse vista como um objeto a ser analisado e compreendido ao invés de ser experienciado. Todavia, hoje, este dualismo é desafiado diante do modelo insustentável da modernidade, marcado por crises, exigindo a necessidade de recuperar a sensibilidade como modo de existir e de habitar o mundo. A presente tese busca romper com pensamentos sedimentados, inquietando o legado colonial da objetividade, que separa o subjetivo do objetivo, oferecendo a possibilidade de (re)pensar um habitar poético da terra, por meio de um fazer geográfico perpassado pela geopoética.

Voltando-nos a uma experiência primitiva e telúrica da terra, experimentamos sua intimidade material, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica, reafirmando que o espaço geográfico, segundo Dardel (2011), não é somente superfície. Sendo matéria, ele implica em uma profundidade que não é dada pela percepção cognitiva ou por uma interpretação do intelecto, mas encontradas em uma experiência sensível. É neste sentido que o papel do geógrafo e, por extensão, do professor de Geografia, na perspectiva dardeliana, é compreender a geograficidade do espaço, adentrando em uma geografia em ato, antepredicativa. Neste exercício, comungando do desejo de habitar o mundo, de encontrar formas genuínas de se conectar a terra, vislumbro pela *geopoética*, na linha formalizada por Kenneth White e relida em uma aproximação com a Geografia, caminhos para promover um fazer geográfico que resgate a nossa inteligência nativa com a Terra, a nossa intencionalidade original: *habitar*. Com efeito, potencializa a consciência da existência ao estimular a curiosidade e aperfeiçoar formas de compreender e agir em relação às mudanças do nosso meio circundante.

Mais que uma poética da terra, a geopoética apresenta-se como uma via para compreender e expressar a nossa relação com o mundo, permitindo uma reflexão sobre a maneira de viver e, consequentemente, de melhorar a relação com os ambientes. É uma forma de olhar o mundo através de um prisma próximo ao da poesia, isto é, uma

maneira de ver e expressar a realidade de uma forma sensível, consciente e atenta às experiências. Assim, baseando-se em uma análise coerente com aquela desenvolvida por Nietzsche, em relação à metafísica e ao niilismo, a qual sustenta a necessidade de romper com antigos valores, principalmente aqueles que enfraquecem a nossa experiência de mundo, como os defendidos pela tradição platônica em sua proposta puramente racional (POULET, 2014), a geopoética apresenta-se como uma forma de pensamento que permite acessar a *geograficidade*, trazendo à luz os signos da relação concreta Homem-Terra.

A geopoética, portanto, é uma forma de expressão que revela a nossa condição humana e existência terrestre, contribuindo para que o Homem se sinta e se saiba ligado à Terra, como um ser chamado a se realizar em sua condição terrestre, como pretende a ciência geográfica (DARDEL, 2011). Assim, a geopoética busca unir o pensamento à Terra, de forma a criar uma nova expressividade, uma poética do mundo. Trata-se de encontrar diferentes caminhos para vincular a poética ao *geo*, ou seja, unir, de forma contemporânea, o pensamento a Terra. A geopoética, deste modo, apresenta-se como uma linguagem capaz de ler e expressar os signos da terra, cumprindo aquilo que Dardel (2011) apresenta como a tarefa do geógrafo: decifrar a grafia terrestre, escutando os apelos que vêm do solo, do mar, das florestas, reconhecendo o traçado dos rios e os desenhos das costas.

Ao observar uma lacuna existente na exploração acadêmica da temática, em especial em uma aproximação da geopoética com a ciência geográfica, como demonstra um levantamento feito no banco de teses e dissertações da Capes, o qual exibe uma quantidade limitada de pesquisas sobre o tema (anexo a), encontramos um caminho para a projeção de ideias, contribuindo com a produção de conhecimentos nesta perspectiva. A pesquisa proposta se justifica na medida em que procura contribuir com uma via de projeção do assunto, que nos termos anunciados, permanece relativamente pouco desenvolvido. Dessa forma, impulsionada pela curiosidade epistemológica voltada para a compreensão Homem-Terra, pela qual se modula o espaço geográfico — objeto de estudo da Geografia, e movida pelo desejo de deixar florescer modos particulares de se relacionar com a terra, encontro as inquietações que mobilizaram a presente pesquisa. Nesse sentido, debruço-me adiante, anunciando a geopoética como um “*campo do grande trabalho*” a ser explorado em Geografia, vislumbrando captar

pelo campo das ideias e pelos modos de ser no mundo exterior uma relação sensível e inteligente com a Terra¹, como defende White (1989).

A problemática da pesquisa busca elucidar: Quais as possíveis contribuições da geopoética para a Geografia, em especial, na constituição de um fazer geográfico atravessado por um senso estético, poético e pedagógico de mundo? Para tanto cabe esclarecer, em um primeiro momento, o problema teórico da geopoética, muitas vezes confundida e tratada como uma leitura romantizada e utópica da realidade, uma vaga expressão lírica da Geografia. A mesma preocupação se faz presente em outras modalidades de uso e manifestação da geopoética, como no campo da literatura, voltado à análise literária. Nesse campo há um impasse não só teórico, mas terminológico, como aponta o filósofo e poeta Federico Italiano (2008). Segundo o autor, o termo geopoética teve sucesso evidente em trabalhos acadêmicos recentes, todavia, muitos estudiosos da literatura adotaram o termo, até mesmo no título de seus tratados, mas não se ocuparam de formular uma definição (ITALIANO, 2008).

Em âmbito nacional, em trabalhos que permeiam a Geografia brasileira, a arquitetura e as artes, há uma variedade de escritos que impulsionam o pensamento geopoético, cada qual com sua particularidade. Algumas obras anunciam a geopoética enquanto um acontecimento súbito, um embevecimento e encantamento². Outras dão asas à geopoética através da dimensão poética das imagens dos lugares, tomando como base as projeções do filósofo Gaston Bachelard³. Outras, ainda, tomam como “[...] uma poética que emerge dessa consciência aguçada da consubstancialidade do homem com seu meio” (CAPREZ, 2015, p. 154). Há, nesse sentido, um vasto campo a ser explorado e descoberto dentro da geopoética, sobretudo em sua interface com a Geografia. Assim, com base nos pressupostos de Kenneth White (1989), falseia-se a ideia de geopoética enquanto uma visão utópica de mundo, passando a entendê-la enquanto um movimento em defesa de uma experiência geográfica sensível, ética e poética, trazendo à luz a *geograficidade* e defendendo a Terra como fundamento.

¹Em seus textos fundadores, Kenneth White utiliza a grafia (Terra) em maiúsculo para descrever o propósito da geopoética: “a busca por uma relação sensível e inteligente com a Terra”. Entende-se que para além do substantivo próprio, ele fala da Terra como realidade circundante. No decorrer do texto faremos uso da grafia de dois modos. Em maiúsculo, sempre que estivermos nos referindo a geopoética e suas proposições e em minúsculo elucidando as experiências cotidianas das pessoas com os lugares.

²F.C. de Paula, em seu texto *Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra*.

³L. H.B Gratão. *Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética*. Dentro da Geografia no Brasil, Lúcia Helena Batista Gratão foi a primeira a trabalhar, discorrer e lançar as bases sobre a temática geopoética (DE PAULA, 2015).

O outro caminho pela qual permeia a problemática trata-se do modo atual de habitar e se relacionar com os espaços que nos cercam e que exigem, cada vez mais, posturas capazes de romper com a alienação e conformismo, no qual nos encontramos. Diante da influência do pensamento e da prática ocidental que promoveu em seus discursos e atitudes uma dicotomia entre os seres humanos e o restante do mundo natural, a forma de se relacionar com o mundo contemporâneo, do espaço natural ao construído, encontra-se em desequilíbrio. Faz-se necessário, nesse sentido, pensar caminhos que rompam com esse estremecimento na relação Homem-Terra, e a geopoética, entendida em sua essência, pode ser um caminho profícuo.

O fio condutor desta tese está no entendimento de que a geopoética imprime em si uma educação estética de mundo, uma educação dos sentidos e da percepção sensorial capaz de reinventar e fazer emergir novos modos de pensar e habitar os ambientes. Enquanto uma expressão, para compreender a nossa relação com o mundo, a geopoética permite acessar os simbolismos e significações inerentes à paisagem em um encontro ‘inevitável’ com a Geografia. Ao valorizar as experiências e reconhecê-las como base fundante do conhecimento, a Geografia em diálogo com a geopoética, abre possibilidades para a busca de uma relação sensível com a Terra, resgatando valores estéticos, místicos e sagrados que regem a nossa existência, reconhecendo que esta relação terrestre não pode ser inteiramente compreendida por leis invariáveis e universalmente válidas.

O objetivo foi investigar a geopoética no campo da pesquisa e criação transdisciplinar, desvendando a sua potência estética, política, pedagógica e as reverberações na relação sensível entre Homem-Terra no âmbito teórico e empírico, em especial em sua aproximação com a Geografia. Como objetivos específicos, buscou-se compreender a geopoética por meio dos estudos de obras de autores/intelectuais voltadas ao restabelecimento da relação sensível entre Homem-Terra. Por conseguinte, discutir formas de se relacionar com o mundo contemporâneo como renovação cultural radical e crítica numa perspectiva pós-colonial, contra as homogeneidades e qualquer forma de padronização. E, por fim, refletir sobre a educação geopoética como criação de um mundo novo pelo poder do corpo humano – intuição, imaginação e pensamento racional – capaz de transformar e ser transformado em um processo radical, criativo e estético, por meio da participação (política e poética) consciente e ativa.

Quanto à metodologia, a pesquisa qualitativa de natureza exploratória, em uma perspectiva da Geografia Humanista, envolveu pesquisa bibliográfica e de campo. A

primeira encontra nas obras de Gaston Bachelard, Eric Dardel, Kennet White entre outros, a base filosófica e geográfica para a discussão da presente pesquisa. As obras desses autores revelam imagens poéticas da terra por meio de olhares subjetivos que dão sentido (valor) à Terra e sustentam a tese sobre a geopoética (poética da Terra). Esses pensadores contribuem com a investigação da geopoética no campo da pesquisa e criação transdisciplinar, desvendando a sua potência estética, política, pedagógica e as reverberações na relação sensível entre Homem-Terra em âmbito teórico.

A pesquisa de campo envolveu o que denominamos de *experimentações geopoéticas*, envolvendo práticas conversantes, como o encontro virtual “A (re)descoberta da casa: leituras geopoéticas”, que ajudou no processo de investigação e conhecimento do conceito de geopoética, sobretudo no contexto da geografia, assim como na compreensão das relações atuais com os espaços cotidianos. Práticas de derivas urbanas, enquanto um exercício de transcender a teoria e colocá-la em um campo de experimentação corpóreo, sensível e caminhante. O uso de fotopoéticas como forma de exercitar um olhar sensível sobre os espaços e promover o compartilhamento de *geo-grafias* pessoais, e a construção de um espaço virtual intitulado “Ateliê de Experimentações Geopoéticas”, reunindo parte das experiências narradas e ajudando a construir um caminho de compreensão da abordagem geopoética, visando sua aproximação com a Geografia.

Para a realização dessas experimentações utilizamos como base a metodologia apresentada por Rachel Bouvet (2012), que propõe uma renovação da leitura da paisagem, interrogando a maneira que interagimos com o espaço e buscando desenvolver uma relação sensível com o ambiente. Sua metodologia parte de três perspectivas, adaptadas para a construção da pesquisa. A primeira é a *exploração física do lugar*, aflorando a percepção e interação com a paisagem. A segunda compreende a busca por *uma interação com pessoas ou intervenções* feitas por aqueles que tenham conhecimento aprofundado do sítio a ser visitado ou do assunto a ser debatido, seja por vivência ou mesmo conhecimentos históricos, geográficos e científicos. E a terceira ilustra a elaboração de atividades *de criação individual ou coletiva*, que refletem as etapas anteriores, envolvendo desde desenhos, notas de observação, relatos, fotografias, colagens, composição de poemas e mapas. Para conservar e materializar os traços dessas experiências, Bouvet (2012) recorre ao que denomina de *Carnets de Navigation*. O caderno de navegação, portanto, é um

compilado que reúne pontos de vista sobre o local visitado e modos variados de expressão que contribuem para formar uma percepção ampla e sensível da paisagem.

A construção da tese está organizada em seis momentos, trafegando pelo campo teórico e desdobrando-se em *práxis*, aportando a geopoética enquanto ação.

O primeiro capítulo intitulado “*Casa Onírica: memorial geopoético*” apresenta uma trajetória de encontros com a temática de pesquisa, trazendo narrativas pessoais e relatos de participantes ao promover uma reflexão sobre a Casa, em uma perspectiva bachelardiana, a qual atesta a lição: habitar o planeta começa com a nossa capacidade de habitar a casa.

O segundo capítulo “*Mas, afinal, que é geopoética?*”, conta com relatos de conversas em torno do assunto, apresentando um levantamento teórico do conceito, resgatando a sua origem e o seu uso em distintos campos do conhecimento, demonstrando como o tema permeia o solo acadêmico, em especial, da Geografia.

O terceiro capítulo “*Arquipélagos geopoéticos*”, demonstra como a proposta geopoética vem avançando e se expandindo em diversos contextos e usos locais, dando origem a um campo organizacional de trabalho. Cada ilha que compõe o arquipélago promove, ao seu modo, propostas que fortalecem relações sensíveis com os espaços. Neste capítulo apresento o “*Ateliê de Experimentações Geopoéticas*”, um pequeno “*promontório virtual*”, criado enquanto um caminho para aprofundar o debate sobre a geopoética no âmbito geográfico. No movimento maior do ‘arquipélago’ whitiano, proponho uma ‘ilha’ como lugar de encontro entre a Geografia e a Geopoética.

O quarto capítulo “*Derivas urbanas*”, trafega pelo campo experimental de uma geopoética urbana, apontando para a necessidade de reinvenção do nosso modo de viver e se relacionar com a cidade, trazendo reflexões sobre como as nossas experiências geográficas são moldadas e, muitas vezes, tolhidas. A fim de criar um espaço, no qual possamos ler o mundo de maneira imaginativa, poética e sensível, um “*Caderno de Navegações Geopoéticas*” é elaborado, reunindo experiências de viagens, percepções e cartografias pessoais, como uma forma de leitura sensível da cidade. Tendo as derivas e o caminhar, como modo básico de se relacionar com o mundo, resgatamos a própria tradição empírica da geografia, desdobrando-se em uma proposta de educação geopoética a ser explorada no próximo capítulo.

Partindo de experiências narradas, o quinto capítulo “*Educação geopoética*”, apresenta como a geopoética imprime uma aprendizagem dos sentidos, da percepção e da criação estética e poética do mundo, tendo enquanto base, a experiência

corporificada, ou um modo de reinventar e fazer emergir uma rede de significados diversos, anunciando novas maneiras de habitar os ambientes nos planos ecológico, psicológico e intelectual.

Por fim, compreendendo o caráter provisório do conhecimento, no último capítulo, “*Entremeios*”, encerro a presente tese sem concluir-a de fato, mas situando-a no *entremeio*, não mais o lugar deixado, ainda não no lugar cobiçado, assim, permito-me mantê-la flutuando, vagamente ligada a duas margens, conforme nos elucida Onfray (2009), pensando que dela possa se desdobrar novas *Geo[grafias]poéticas*.

CAPÍTULO 11

Casa Única: Memorial Geopoético

Exposição Fotográfica



“Da minha janela observo os diferentes céus de Londrina e sempre sou surpreendida” (PEREZ, 2020).⁴

⁴ As capas que ilustram a abertura dos capítulos são resultados de uma exposição fotográfica realizada, enquanto exercício metodológico, para a práxis da geopoética. Utilizando-se da prática das fotopoéticas, revelam-se como linguagem na produção e compartilhamento de *geo-grafias*, sendo vista como uma linguagem criadora, imaginativa e viva (FERNANDEZ, 2019).

Minha infância é marcada por gestos de peixes, por entes que alçam tipo borboletas e bem-te-vis, por entes que rastejam tipo lesma, lagarto. Meu olho é marcado por árvores, por rios... Aprendi até sete anos só coisas que analfabetam... Nunca li livros com histórias infantis. Tive que fazer eu mesmo as artices da infância. Fui criado no mato isolado. Acho que isso me obrigava a ampliar o meu mundo com o imaginário (Manoel de Barros).



A menina e as uvas. *Colagem digital.* (ARAUJO, 2022).

A parreira de uvas é a paisagem que marca a história da minha família. É minha paisagem primitiva, inaugural. Neste espaço singular, meus irmãos e eu, observávamos, com admiração, “[...] meu pai a erguer a videira, como uma mãe que faz tranças à filha”.
(TORGÀ, M. n. p. 1941).

A casa é uma das maiores potências de integração de pensamentos, memórias e sonhos, diz Gaston Bachelard em sua *Poética do Espaço*. A casa como espaço de consolação e intimidade, ajuda-nos a dizer: serei habitante do mundo apesar do mundo. A casa habitada adquire valores de proteção e resistência como se fossem uma extensão da energia física e moral do ser humano. Quem realmente habita a casa e os sonhos percebe o modo como a sua permanência altera a percepção do mundo exterior e interior. Consequentemente, o espaço não é algo meramente utilitário, mas um espaço vívido, ou seja, um espaço concreto da intimidade humana.

Para cada um de nós, nos propõe Bachelard (1993), existe uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além passado verdadeiro. A casa onírica simboliza uma unidade da imagem e da lembrança, uma espécie de imaginação e memória. A casa onírica é uma casa criada a partir de nossas lembranças e sonhos. Ainda que não exista mais, pode ser reencontrada e revivida por nós através de nossas lembranças e do devaneio. A casa onírica permanece conosco como um ideal, um espaço no qual desejamos, sensivelmente, habitar. Um habitar geopoético compartilha do mesmo impulso, permanece como um desejo íntimo, conduzindo a um espaço de habitação, isto é, um lugar ao qual pertencemos e que nos proporcione sentimento de confiança, dando origem à sensação de identidade, sintonia, segurança e integração (DE OLIVEIRA, 2021).

Minha casa natal — onde adquiri o sentido de intimidade — em expressão bachelardiana, foi meu convite inicial para ouvir a “voz da terra”. Meu pai, nascido e criado na roça, aprendeu facilmente essa lição. Por ossos e ócios do ofício, aprendeu a ouvir a terra — entender as suas necessidades, os seus ciclos e as suas belezas. Quando criança, em tentativas para que eu não saísse de casa, ele dizia que ao aproximar o ouvido do chão, debruçando-se sobre a terra batida, era capaz de saber se eu estava ou não em casa, pois a terra lhe dizia. Perguntava-me como ele fazia aquilo e repetia, em vão, o gesto na tentativa de entender. “Papai escuta a terra” ; eu pensava. Mais tarde, de modo não tão literal, descobri que uma das virtudes da geopoética é a de ouvir a voz da terra.

Em minha trajetória, enquanto pesquisadora enraizada em inquietações sobre o estado do mundo contemporâneo marcado por eminentes crises, então, procurei colocar em destaque o fazer geográfico aliado a uma educação dos sentidos e da percepção, enquanto um caminho para pensar o enfrentamento de tais problemáticas.

Encontrar nas cidades espaços amados, louvados e topofílicos, como convida Gaston Bachelard (1993), e resgatar as experiências íntimas com a cidade, compreendendo a dimensão existencial do humano, sua identidade pessoal e o compromisso ético com os espaços de vida, foram proposições iniciais de pesquisa que me acompanharam em 2018, ano em que iniciei o processo de doutoramento. Minha busca permeava, ainda que de modo tímido, um resgate geopoético, embora, inicialmente eu não a compreendesse assim.

Ao longo dos últimos anos me deparei, de modo intimista, com o conceito de *geopoética*. Senti uma afinidade imediata e um desejo de ingressar em uma pesquisa aprofundada sobre o tema, principalmente em uma aproximação entre geopoética e Geografia, em especial com a *geograficidade dardeliana*. Por se tratar de uma busca por uma relação sensível e íntima com a terra, partes do meu passado, da minha própria história, ecoaram de forma espontânea, alicerçando a ressonância com o tema. Filha de pequenos agricultores; cresci aprendendo a cuidar e a cultivar modos intimistas com a terra. Minhas memórias de infância e adolescência são marcadas pelo contato com a natureza, com os animais e com os ofícios de plantar e colher.

A parreira de uvas é a paisagem que marca a história da minha família. É minha paisagem primitiva, inaugalural. Neste espaço singular, meus irmãos e eu observávamos, com admiração, “[...] meu pai a erguer a videira, como uma mãe que faz tranças à filha” (TORGÀ, M. 1941, n.p.). A vinha, em essência, é o espaço de criação e experimentação do meu pai. Ali, seus velhos dedos carregados de virtude manuseiam, como pedras preciosas, os frutos que cultiva há quase 40 anos. Viticultor apaixonado, ele sonha cada detalhe. Sonha com o tamanho dos cachos, com o sabor, a cor e a textura das uvas. Cuida o solo, roga ao tempo boas condições e espera, pacientemente, a gestação de cada fruto para a colheita. Como bem diz Bachelard, “para um sonhador da matéria, uma uva bem composta já não é um belo sonho da videira, não foi formada pelas forças oníricas do sonho vegetal? Em todos os seus objetos, a Natureza sonha” (BACHELARD, 2019, p. 250).

Nesse espaço de “criação” e de sustento familiar, despontam experiências que inauguram trajetórias geopoéticas. Ali, os valores inconscientes se fundem e ultrapassam as observações objetivas. Um universo de imagens e simbolismos brota na profundidade da menor ação. Quantas vezes advertiram-me por brincar de forma desrespeitosa com os bagos de uvas, lançando-os ao ar com um chute! A reprovação do meu pai é poeticamente salutar, os frutos são mais que frutos, são as marcas na pele e

no corpo de dias laboriosos de trabalho, são poesias da natureza, que brotam da terra. Estou convencida que as almas simples que meditam e trabalham fisicamente e manualmente, como meu pai, conhecem o caráter real da imagem material (BACHELARD, 2019), isto é, sabem encontrar a poética no prosaísmo da vida cotidiana.

Em constante sintonia com a geopoética, na obra *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*, Gaston Bachelard (2019) lembranos que o trabalhador não fica “na superfície das coisas”, ele sonha com a intimidade, com as qualidades íntimas das coisas, com a mesma profundidade que o filósofo. Encontro a correspondência dessa expressão em minha própria experiência de vida, sendo filha de lavradores, sonhadores de intimidades. E é dessa *geograficidade* que se revelam as propedêuticas geopoéticas cravadas em mim, “geopoéticas pré-científicas” que surgem antes do meu encontro com o conceito e toda a força que ele carrega. O universo da teoria subentende um universo já presente, nos recorda Merleau Ponty (2006). Segundo o autor, atrás desse mundo existe um mundo originário, anterior a toda atividade, mundo antes de toda tese: é o mundo percebido.

Em uma espécie de *arqueologia fenomenológica pessoal*, escavando camadas do meu mundo vivido-percebido e acessando *geograficidades* que se desvelam em um memorial geopoético, chego, entre tantos lugares, ao pomar da minha infância. Espaço de um mundo imaginário, de uma relação afetiva com o lugar. Memórias geopoéticas de uma menina que habita o espaço do pomar, que se perde no labirinto das árvores frutíferas, que brinca nas sombras das bananeiras. Uma infância que vive o espaço do pomar como um mundo de possibilidades. Nesse espaço singular, de memória, de imaginário e de afetividade se fazem presentes minhas geografias míticas: presenças dispersas pelo espaço que agitam as profundezas emotivas e afetivas do ser (DARDEL, 2011).

Quando criança, o antigo pomar era o espaço que me encantava em nossa chácara. Era um mundo a ser explorado. Naturalmente aprendi a identificar cada uma das árvores frutíferas que o compunha e, aos poucos, passei a nomear as minhas favoritas: o pé de seriguela, no qual eu podia escalar com facilidade, era um de meus preferidos. Mas, tinham outros: pé de nêsporas, laranjas, tangerinas, mangas, pitangas, acerolas, carambolas, ameixas, maçãs, abacates, bananas e figos. O de pêssego, umas das árvores mais majestosas que ali habitava, e que era amado pela vizinhança por oferecer vistosos pêssegos para compotas, também era de meu agrado.

Mas, era mesmo no pé de manga, bem em frente a nossa casa, que eu demorava-me, abrigava-me, escondia-me e encontrava-me.

Ali, naquele antigo pomar, que atraía a vizinhança da cidade e gerava encantamento com a possibilidade de colher e comer frutas frescas; aprendi muitas coisas. Do cuidado com o solo à matemática. Foi observando minha mãe vender laranjas e mexericas que aprendi o significado de uma dúzia, antes mesmo de ir à escola.



Meu pomar: memórias de infância. Colagem digital. (ARAUJO, 2022).

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas” .

(BARROS, M. 2015, p. 124).

Só descobri mais tarde, na vida adulta, que aquele simples quintal me fez adentrar em um profundo movimento de consciência, uma reflexão existencial que guarda em si uma relação rica, sensorial, respeitosa e afetiva com o mundo vivido. Hoje, o pomar da minha infância, fisicamente, não existe mais. As árvores frutíferas foram deixando de existir, mas posso sentir o habitar do seu *genius loci* – o espírito do lugar. A força íntima que carrego daquela paisagem é o que me transporta a ela com frequência, potencializando o imaginário e o desejo de um fazer geográfico integrador. “A vivência do lugar, quando envolve a intimidade do sujeito, também pode lhe dar a oportunidade de renovar sua relação com o mundo” (BOUVET, 2010, p. 107).

Este contato inaugural com a terra, com a roça, me ofertou possibilidades de aprender a partir da vivência. É neste sentido que minha infância, revela-se como o testemunho das minhas primeiras aprendizagens geopoéticas, despontando em uma educação enraizada no ambiente de vida. Foi nestes espaços de intimidade da casa natal, tendo meus pais como guias, que construí as bases do *gesto de habitar*, dotando de tonalidades afetivas o modo de me relacionar com o mundo.

Diante desse “reanimar das origens”, no resgate de um passado geopoético, ainda presente em mim; fortaleço-me na projeção de uma geopoética que engrandeça o fazer geográfico, dotando-o de sensibilidade. Há aqui o desejo de uma geopoética enquanto uma prática geográfica e de uma geografia enquanto uma prática poética e política, enriquecendo a existência do indivíduo e o fazendo tomar consciência de mundo. Trata-se de um convite ao exercício de uma educação sensível, capaz de olhar o mundo de forma crítica, no sentido de questionar nossas ações e estar aberto às novas interpretações, bem como escutá-lo em suas sensibilidades.

Para um estudo fenomenológico dos valores da intimidade encontramos a casa enquanto um ser privilegiado (BACHELARD, 1993). Para tanto, como sugere Bachelard (1993), não se trata de descrever casas, de detalhar os seus aspectos, é preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição para atingir as virtudes primeiras, inerentes à função de habitar. Em ressonância, anunciamos que para o estudo de uma intimidade com a terra, é preciso retomar a mesma função, a do habitar. Diante da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 percebemos uma necessidade ainda maior de redescobrir o sentido do gesto de habitar, posto que as consequências redefiniram os modos de viver, de se relacionar com o outro e com os espaços, marcando um período de rupturas no funcionamento das sociedades contemporâneas. É antiga a emergência de redescobrir novos modos de se relacionar com o mundo e

repousa, entre outras, na ideia de progresso que naturaliza a substituição do aparato natural pelo técnico, atrofiando nossa capacidade inata de relação com o planeta (PESSOA, 2020). “Há quanto nossa espécie habita esse pequeno planeta do sistema solar, e quantas formas diversas criamos para habitá-lo, para criar no mundo hostil nosso lugar cativo, nosso cantinho?” (VÃ FILOSOFIA, 2011, n.p.).

Diante do anseio de refletir sobre as relações com os espaços cotidianos na contemporaneidade, assim como tais relações passaram a se desdobrar no período pandêmico, foi realizada, em maio de 2020, uma experimentação geopoética⁵. Com o intuito de ouvir e conversar, (a)colhendo experiências, pontos de vistas sobre o modo como nos relacionamos com os espaços, partimos nossa investigação do primeiro universo de intimidade: a casa. A conversa, enquanto caminho metodológico de pesquisa implica, como aponta Sampaio, Ribeiro e Souza (2018), na circulação da palavra em um movimento filmico, por meio do pensar(-se) com o outro, indo na contramão de algo enraizado, pré-estruturado. Não é algo rígido, mas fluido e aberto ao acaso.

O convite para a experimentação, realizado através das mídias sociais do programa de Pós-Graduação em Geografia, trazia junto ao cartaz de divulgação a seguinte provocação: “*se pretendemos, assim como defende a geopoética, ‘uma relação sensível e inteligente com a Terra’ (WHITE, 1989), é preciso compreender como essa relação se dá a partir dos espaços vividos, iniciando pelo nosso primeiro universo – a casa. É importante compreender como as pessoas pensam seus espaços de vida, para refletir sobre nossos papéis na construção de um mundo melhor. Neste sentido, este é um convite a fim de captar geopoéticas presentes nas vivências cotidianas, bem como refletir e indagar sobre o modo atual que habitamos*”.

Intitulada “*A (re)descoberta da casa: leituras geopoéticas*”⁶, a experimentação partiu do universo da casa, em uma metáfora bachelardiana, revelando-a como mestra

⁵ Chamamos de “Experimentações Geopoéticas” as práticas realizadas no decorrer do processo de pesquisa, como grupos de conversas, atividades com fotografias, derivas e flanares urbanos, que ajudaram a construir um caminho de compreensão da abordagem geopoética, visando sua aproximação com a Geografia.

⁶ Essa experimentação geopoética foi realizada em maio de 2020 como metodologia para a construção da pesquisa, por meio da plataforma “jtsi meet”, de modo online, em função do isolamento social. Voltado para o público acadêmico a experimentação contou com a participação de docentes de instituições de ensino superior e da educação básica, graduados e estudantes de Geografia no âmbito da pós-graduação, entre outras áreas. A atividade contou com a presença de 27 participantes tendo duração aproximada de 1h30min. O convite para a participação foi realizado através da divulgação do folder do evento nas redes sociais do Programa de Pós-Graduação em Geografia-UEL, bem como nas redes sociais da organizadora.

no gesto de habitar, nos abrigando, ensinando sobre intimidade e atestando a lição: a capacidade de habitar o planeta começa com a nossa capacidade de habitar a casa. Ao mergulharmos na metáfora da casa bachelardiana, encontramos nela uma espécie de dialética do interno e do externo, pois na medida em que desvela a nossa relação com a casa, projeta-nos para um questionar sobre a nossa relação com a *casa-mãe*: Terra. Bachelard sugere que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 1993, p. 24).

Ao colocar o problema do habitar poético na casa, em questão, podemos estender a reflexão para o problema do habitar poético na Terra, presente nas ponderações levantadas pela geopoética. Como aponta Bachelard (1993), em nossa vida adulta as ligações antropocósmicas encontram-se tão desguarnecidas que não sentimos o vínculo de ligação com a casa, com o universo. A poética da casa, anunciada pelo autor, busca resgatar os espaços de intimidade, tocando o fundo poético das coisas, sendo via de acesso a uma ontologia que leva à reflexão sobre a nossa própria relação com a terra.

Como forma de captar, através da fala do outro, as geopoéticas presentes em suas vivências cotidianas, iniciamos a experimentação. Na ocasião, alguns participantes mantiveram-se em ritmo de escuta, outros compartilharam suas experiências, opiniões e questionamentos. No decorrer do texto, preservado a identidade dos participantes, as falas aparecem acompanhadas de pseudônimos que se correlacionam aos propósitos do projeto geopoético, sendo eles: *experiência, corporeidade, terra, sentidos, travessia, poética e ética*.

Iniciamos as conversas pontuando como a casa, vista como a nossa concha inicial, nosso primeiro universo e abrigo do sonhador (BACHELARD, 1993), passou a ser ressignificada e redescoberta no período de pandemia. Uma nova rotina foi sendo (re)desenhada, a casa foi sendo revisitada, espaços pouco ou raramente utilizados foram ganhando vida, exibindo seus valores de proteção, abrigo e aconchego, mostrando que a casa não se reduz a uma estrutura rigidamente geométrica, mas que guarda em si valores e sentidos. Ao mesmo tempo, um sentimento de não liberdade, de não poder habitar o mundo, de exercer o direito de habitar a terra se apresentava.

Uma das participantes em referência a (re)descoberta da casa, em tempos de reclusão e isolamento, compartilhou: “estávamos o tempo todo no mundo, o tempo todo fora de casa, sem perceber, sem dar grande importância para tudo isso

[...] a casa virou um espaço de reflexão da rotina e de valores” (CORPOREIDADE, 2020).

Em mais um olhar sobre a casa ouvimos:

Em meio a essa conversa sobre a casa eu fiquei pensando no sentido de lar. Como que essa casa que está sendo apresentada pode se relacionar com o lar. Falando um pouco da minha experiência, que tem muito a ver com essa colocação que eu acabo de pontuar, da casa e do lar, eu estou vivendo uma situação muito esquisita. Eu não estou na minha casa, estou na casa da minha mãe. Vim para cá, com meu marido, e é estranho demais porque eu já vivi aqui nesta casa, mas não é meu lar, não é a minha casa. Então, isso tem me incomodado. Eu não encontro meu lugar aqui. Eu me vejo sempre buscando um canto para criar o meu lugar e isso tem me incomodado muito (TRAVESSIA, 2020).

Privados do direito de ir e vir, de exercitar com liberdade experiências geográficas, coloca-se em questão a importância da experiência de mundo como um modo autêntico de existência. A pandemia restringiu, ainda mais, a relação própria com a natureza, que há muito já vinha se restringindo com a era da técnica. As experiências dos lugares e paisagens são inerentes à existência do homem e configuram uma consciência geográfica da terra, da constituição do mundo, mesmo que não se entenda nada da geografia científica (MOREIRA NETO, 2017). Os olhares que antes pareciam se conformar, revestiram-se de um espírito inquiridor, mostrando que a antiga problemática global, pautada em crises econômicas, ambientais e sociais, foi agora intensificada, tornando-se ainda mais complexa (ROBERTS, 2020). Teria a pandemia desperto nossa consciência ética e estética da Terra?

Na medida em que se refletia sobre a casa, como espaço de abrigo e proteção, palco de nossas primeiras vivências, as falas dos participantes nos conduziram a pensar em nossa própria relação com o mundo. “É interessante pensar que uma coisa tão particular como a casa, espaço de vivência tão singular, seja para o positivo ou para o negativo, nos leva a pensar o outro lado: o mundo” (CORPOREIDADE, 2020). Nesse sincronismo, o modo como vemos a casa em Bachelard (1993) nos faz refletir e questionar sobre o modo como habitamos e nos relacionamos com o mundo.

Neste movimento, um dos participantes nos interroga:

Qual é a relação que a gente constrói, que as pessoas constroem com a casa por um período histórico? Qual a construção que a gente tinha, que outras gerações tinham, qual a construção que essa geração tem e qual a construção que essa geração está fazendo deste período? Por exemplo, a minha avó tinha uma relação com a casa, em um sentido individual, uma relação não só de segurança, mas de descanso, de prazer de estar em casa. Eu tenho uma relação com a casa que envolve mais um aspecto de dormir, extremamente útil, um aspecto de utilidade. Não tenho uma relação como a da minha avó e provavelmente irei ter outra relação depois deste período (SENTIDOS, 2020).

Tais questionamentos nos fizeram refletir sobre o habitar contemporâneo. Refazendo as perguntas postas em uma proximidade com o habitar a terra, pudemos questionar: — Qual a relação que outras gerações e culturas tinham com seus espaços vividos, e qual a relação que esta geração está construindo? — Estamos nos tornando seres tecnicistas/utilitaristas? — Estamos perdendo a essência, o encanto, o prazer de ser-e-estar-no-mundo? Imersos em uma superioridade assumida do homem sobre a natureza, admitir-se utilitarista não soa incongruente. Parece ilusório ou mesmo utópico, (re)assumir e defender uma relação natural e orgânica com a Terra em um período marcado por uma realidade cada vez mais destituída de seu papel original. Todavia, “a terra, poder telúrico da pedra viva e da vida petrificada, não está limitada à superfície visível das coisas [...] o visível é apenas o dom revogável de um poder invisível” (DARDEL, 2011, p. 52; 53).

Por vezes, este poder invisível escapa, assim como a essência da própria realidade geográfica. Como lembra-nos Dardel (2011), há uma geografia mítica que permeia o nosso habitar, a qual não comporta pontos de referência objetivo ou utilitarista, pelo contrário, devolve ao homem os laços que o une aos seres da Terra. “Os primitivos, os antigos, os orientais não têm, jamais, a respeito da Terra, o desapego objetivo dos modernos, nem seu desdém técnico por uma realidade que não será mais do que matéria e material” (DARDEL, 2011, p.54).

Muitos de nós, afirma Pallasmaa (2012), sofrem da alienação do *homo faber*, na qual se acredita que a tecnologia seja capaz de transformar o mundo a tal ponto que já não é necessário vivenciá-lo por meio das emoções. Tal fato corrobora com a perda do sentido de lar, de casa e com a própria habilidade de nos sentirmos conectados ao mundo em meio a uma cultura de fluidez.

Em outra fala, mais um questionamento é apresentado:

Pensando no começo da apresentação da geopoética como uma postura crítica e sensível para investigar os modos de ser, estar e habitar o mundo. Repensar o nosso cotidiano vivido, por cada um de nós, e também coletivamente, como é possível a gente examinar, justamente esse modo de ser e analisar esse modo de ser e estar na casa como uma ordem e não como um convite? Essa questão do fique em casa, ‘stay at home’, ela é imperativa, ela vem como um comando. Ela não vem como uma sugestão, como um convite [...]. Mesmo com este comando, com esta imposição, essa ordem, observa-se que ela nem sempre é cumprida e a gente vai para rua. Mas, por outro lado, pensar que tipo de sociedade e que seres humanos são esses que mesmo recebendo uma ordem não conseguem cumprir. E pensar, a partir daí, imaginar, como seria se um convite fosse feito no lugar da ordem? O que estou colocando aqui é a possibilidade de refletirmos sobre que seres são esses que precisam dessa ordem imperativa para permanecer nesse lugar, nesse ambiente, nesse espaço que tradicionalmente, historicamente está associado ao acolhimento e a proteção (ÉTICA, 2020).

É preciso uma ordem, um comando, para vivermos o mundo? Para respeitarmos os seus limites de segurança? Não seria esse um impulso, um compromisso natural? Um convite, um apelo ao *habitar*. E isso não se refere ao fato de possuir uma residência, como aponta Heidegger (1951), mas se traduz no modo como o homem, ao se relacionar, constrói o mundo que o circunda, sendo o modo básico de alguém se relacionar com o mundo.

Nesse sentido, com o intuito de descortinar a realidade geográfica, em sua multiplicidade de modos de ser, entendendo que reflexões sobre nosso próprio fazer geográfico podem abrir vias de pensamento em relação ao nosso papel no mundo, caminharemos na construção de uma geopoética que fortaleça e desenvolva novas perspectivas existenciais para a Geografia. Para tanto, no próximo capítulo, navegaremos pelas bases do pensamento geopoético, explorando a origem do termo, seus significados e emergência no contexto contemporâneo.

CAPÍTULO 2

Mas, afinal, que é Geopoética?

Exposição Fotográfica



Registro

Da Exposição Fotográfica "Meu canto No Mundo",
Buscando revelar pequenas nuances do habitat
cotidiano que, por vezes, transfiguram-se em
acontecimentos geopoéticos.



“Um dos locais mais lindos que visitei. Paz de espírito” .
(DE PAULA, 2020).



Movimentos. *Colagem digital*. (ARAUJO, 2022).

“Como pode esse ceticismo dos olhos ter tantos profetas quando o mundo é tão belo, tão profundamente belo, tão belo em suas profundezas e matérias? Como não ver que a natureza tem o sentido de uma profundezas?” .

(BACHELARD, 2019, p. 9).

“Não consigo fazer comentários sobre a geopoética porque conheço pouco, na verdade, praticamente nada” (SENTIDOS, 2020).

“Eu, formado em Geografia, não havia ouvido nada em relação à geopoética antes” (TERRA, 2020).

As falas registradas no encontro “A (re)descoberta da casa: leituras geopoéticas”⁷, nos coloca diante da necessidade de navegarmos, com mais vagar, pelo conceito. A experimentação, para além de uma leitura geopoética da casa, permitiu, ainda que de maneira breve, trafegar pelas bases do pensamento geopoético, revelando sua essência e emergência no contexto contemporâneo. A experimentação promoveu as primeiras compressões sobre o conceito de geopoética no meio acadêmico, em especial na Geografia, e trouxe à luz experiências íntimas com o espaço. Na ocasião, uma gama de experiências particulares foram compartilhadas, e questionamentos sobre a geopoética e suas contribuições no cenário atual, também foram colocadas em questão.

Enquanto a geopoética era apresentada aos nossos interlocutores, como um caminho importante para a reflexão do nosso modo de ser e estar no mundo, despontavam-se olhares de desconfiança, interrogação e desconhecimento em relação ao conceito. “E como muitos já falaram, tem-se a ideia, quando se fala de geopoética, de algo muito romantizado” (TERRA, 2020). Embora a terminologia não causasse estranheza, sendo relativamente “conhecida” no âmbito acadêmico, se notava incertezas em seu real sentido, sendo comumente associada à ideia de poesia ou a uma linguagem romântica do mundo.

Essa questão da geopoética e sua relação com a casa... geralmente quando pensamos em geopoética e poesia pensamos só em coisas boas. [...] Muitas vezes pensamos em geopoética como poesia, ‘minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá’, ou ‘minha casinha, meu fogão de lenha’ (EXPERIÊNCIA, 2020).

⁷ Essa experimentação é parte do encontro narrado no capítulo “Casa Onírica: memorial geopoético”. A mesma foi dividida em dois momentos. O primeiro no qual se realizou uma leitura geopoética da casa, nos direcionando a uma leitura geopoética do mundo. E o segundo momento, em que buscamos compreender como o conceito de geopoética circula no meio acadêmico, em especial na Geografia.

“Achei muito interessante quando você pontuou que a geopoética tem essa abordagem crítica. De certa forma, no meu entendimento, ela visa descortinar a realidade, mostrar múltiplas faces e interfaces das coisas que vem acontecendo no espaço geográfico” (TERRA, 2020). A Geopoética chega como um convite, como uma forma de resistência à passividade, como um compromisso ético e estético, nos convocando a olhar para o mundo, captando sua essência.

“É muito complexo falar de toda essa questão poética do habitar. Me parece, de fato, que falar essas coisas é romantizar uma realidade que é da minoria das pessoas” (POÉTICA, 2020). Bouvet (2012, p. 11), nos adverte, “a geopoética não é um conceito que se pode explicar facilmente. Aqueles que se interessam, por esse movimento têm, com frequência, a impressão de fazer geopoética há algum tempo sem mesmo saber”. As visíveis imprecisões sobre o conceito reafirmaram a necessidade de construir um caminho que melhor ampare suas intencionalidades.

Pela necessidade de se refazer a pergunta: “Afinal, que é geopoética?”, uma jornada pelos seus meandros será apresentada, buscando compreender seus significados, a origem do termo, bem como seus diferentes usos e emergência no contexto contemporâneo.

Suponho que a resposta mais simples seja: olhe ao seu redor. Apaixonados por viagens em países distantes ou por *flâneries* pela sua própria cidade, por passeios pela orla ou montanha, leitores de poesia, de narrativas e de mapas ou aqueles providos de um olhar fotográfico ou geográfico, todos perambulam pelo campo geopoético, cada um a seu modo (BOUVET, 2012). A geopoética evita ser capturada de maneira definitiva. A natureza, um tanto quanto indescritível e hermética de geopoética é exatamente o potencial produtivo do conceito, a fonte de seu radicalismo e exatamente o porquê os geógrafos podem querer adotá-la, uma vez que ela expande, em sua proposta de (re)encantamento do mundo e de busca por uma relação sensível com os espaços, os meios pelo qual a geografia é praticada (LEEUW; MAGRANE, 2019).

Começo esse exercício de pensar a geopoética resgatando experiências vividas e registradas em um caderno de viagem, que me impulsionaram a pensar fenomenologicamente sobre o tema. Era uma tarde de domingo, após o natal, em uma cafeteria do bairro *Poble Sec*, em Barcelona. Longe do meu universo de referências, dos modos ordinários de me expressar e comunicar, proporcionado pelo desenraizamento,

ao transpor fronteiras e estar imersa em uma nova cultura, a disponibilidade de exposição às novas paisagens e de adensamento e reflexão da minha própria relação com o mundo. A primeira linha abaixo do título “o que é geopoética?” grafam: *pensar livremente sobre o que é geopoética, esse é o exercício que quero realizar. Quero pensar livremente sobre geopoética. Quero senti-la antes de conceituá-la. Quero vivê-la antes de projetá-la enquanto força e potência geográfica. Quero pensar na geopoética que sinto e se desvela a mim.*

A indagação que abre essa reflexão tem me inquietado há tempos. Na busca de supri-la mergulhei em leituras sobre o tema a ponto de ter uma resposta pronta a todos àqueles que me questionassem. Mas diante da escrita de uma tese e da necessidade de retomar a questão a cada nova conversa que envolvesse o tema, a inquietação voltou a se fazer presente. Recentemente, ao resgatar experiências durante o estágio de doutorado sanduíche no exterior, compartilhava com os estudantes da disciplina de Ordenamento Territorial, do curso de Geografia da Universidade de Barcelona, na qual ministrei aulas sobre a temática paisagem, o quão é difícil e, por vezes, redutor conceituar algo que foge da objetividade. Na ocasião falávamos de paisagem, das suas diversas abordagens em diferentes correntes de pensamento da geografia, na arte, na literatura entre outros campos de conhecimento.

Lembrei-me, nesse momento, de Ariano Suassuna, poeta brasileiro e defensor da cultura nordestina, que em uma de suas falas comenta o quão é difícil colocar em palavras algo que nos encanta: “Tudo que é bom de passar é ruim de contar. E tudo que é ruim de passar é bom de contar”. As palavras podem de algum modo reduzir o sentido de encantamento, mas também potencializá-lo. Falar e escrever sobre geopoética é uma tarefa árdua. É caminhar, lado a lado, do medo do reducionismo e da utopia. Mas também, do desejo de projetá-la enquanto uma forma de fazer-pensar Geografia.

Neste exercício de pensar livremente sobre geopoética, coloquei em suspense respostas prontas, dando espaço para emergir as ideias guardadas em mim. E ali, sentada, arrebatada pela paisagem urbana, em vestes de natal, escrevi:

A geopoética habita interiores, habita o meu eu profundo, que às vezes se perde na tentativa de descrevê-la. A geopoética habita lugares que muitas vezes não são óbvios e outros que sim. Ela está guardada nas coisas, ao mesmo tempo em que pode

repousar sobre uma mesa, um gramado, um banco de uma praça. A geopoética também é encontro. Para encontrá-la é preciso estar atento. É preciso voltar-se para ela, olhá-la, senti-la. Ela é intimidade. E para acessá-la é preciso descobrir como adentrar na interioridade de onde ela floresce. Gaston Bachelard e Eric Dardel são autores que indicam caminhos para encontrar a geopoética. A defesa da poética por Bachelard e da geograficidade por Dardel apontam os caminhos deste acesso. Não acreditar no interior geopoético das coisas é como reduzir o mundo a um objeto, negando seus valores, seus símbolos, sua essência. Tenho pensado na geopoética como aquilo que me faz sair de um estado habitual para um estado de encantamento. Se a geopoética habita as coisas ou se ela faz morada no próprio ser, não sei dizer. Mas sei que através do contato com a materialidade do mundo ela se revela. Seu desvelar depende de ambos. Depende do meu ser-estar no mundo, do meu ser-estar em Amoreira, em Londrina, em Barcelona ou na reclusão de um quarto em quarentena.

Ainda que demasiadamente simples, tomo este exercício como mobilizador da tarefa de pensar a geopoética, e a percebo por dois caminhos complementares: por via da intimidade e como projeção da *anima*, em uma perspectiva bachelardiana.

A primeira revela que a geopoética guarda em si um sentido de intimidade, de proximidade com o ambiente. É através de uma relação íntima com os espaços, de uma abertura à intimidade que adentramos o interior das coisas, isto é, deixamos a função de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos e nos direcionamos para uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora (BACHELARD, 2019). A intimidade desperta o desejo de proximidade, de profundidade, de raiz, indo ao princípio das coisas, tornando a visão mais aguçada e conferindo valores (simbólicos e oníricos) às imagens materiais. “Percebe-se bem que uma teoria do conhecimento real que se desinteressa dos valores oníricos se priva de alguns dos interesses que impelem ao conhecimento” (BACHELARD, 2019, p. 10).

A segunda comprehende a geopoética enquanto uma projeção da *anima*, isto é, marcada por uma força de repouso e de bem-estar (BACHELARD, 2019). Para Bachelard, em sua obra *A Poética do Devaneio*, *animus* e *anima* são duas formas de expressão e leitura do mundo. O *animus* é da ordem da análise, da réplica, dos projetos e das preocupações. A *anima*, por sua vez, é da ordem do onirismo, do acolhimento e do devaneio, é uma força de compreensão das entrelinhas que marcam nossa relação existencial com a terra, revelando suas sutilezas. Sem devaneio de *anima* como decifrar

os signos da terra, como nos convida Dardel? Como compreender e expressar essa relação com a terra, tarefa dada à geopoética, senão por um impulso de anima? A geopoética, portanto, é da ordem da *anima*. Ela aceita e acolhe as evasões não objetivas, dispensa o heroísmo, o patriarcado e caminha junto a um processo de encantamento do mundo. O desejo por uma relação sensível com a terra traz à luz sua força de anima.

A geopoética busca uma renovação da nossa relação como mundo e o explorar de novas práticas para se redescobrir o sentido do gesto de habitar. As experiências vividas, o contato inaugural com a terra, com os espaços, são essenciais à geopoética, pois esses renunciam o primado de uma relação óptica e passiva com o mundo, ofertando a possibilidade de aprender a partir de vivências. “A relação que estabelecemos com a terra se faz do lado de fora, *in situ*, ao abrigo do vento ou em pleno sol, sobre o rio congelado ou perto de um riacho na primavera” (BOUVET, 2012, p. 11). A geopoética é um pouco de nossas caminhadas pelo mundo, a necessidade de sair, flanar e experimentar.

“Como penetrar na esfera poética do nosso tempo?”, questiona Bachelard (2019, p.25). Prossigo com outra indagação: Por que adentrar na esfera poética de nosso tempo? Para além de um modo de comunicação, a poética é um modo de ver, sentir, perceber e expressar o mundo. A geopoética, enquanto poética da terra, abre possibilidades para compreender e expressar nossa relação de mundo. Em uma psicologia da profundidade, a geopoética conduz os seres humanos a uma *topofilia* (BACHELARD, 1993; TUAN, 2012) indicando um sentimento positivo, de amor, de carinho e de pertença em relação ao lugar. Na contramão de um raciocínio silogístico clássico, a poética pode ser um caminho para a tomada de consciência de nossa relação existencial com o mundo. Tal método, inclusive, é utilizado por Gaston Bachelard que defende a imagem poética como uma ferramenta de autocompreensão e de alcance cosmológico (MORENO, 2017). Através da poesia ou, para ser mais exata, da imagem poética, Bachelard defende a possibilidade de uma tomada de consciência pessoal e do mundo em que vivemos.

Auxiliando-nos na construção do direito de viver a Terra, habitando-a poeticamente, a geopoética abre possibilidades para refletirmos, por meio de uma leitura crítica e sensível, a condição atual de ser-estar no mundo.

Traçadas algumas projeções que se alinharam a um pensamento geopoético, expressas por vias da intimidade e da anima, reforçando a necessidade de renovar e

questionar a nossa relação com o mundo; proponho pensarmos a origem e a formulação do conceito de geopoética, compreendendo melhor as ressonâncias esboçadas.

A história do termo é antiga e tem suas raízes na virada literária teórica que ocorreu na França após 1968. Como conceito, “geopoética” foi primeiramente utilizada pelo poeta e filósofo francês Michel Deguy, em sua obra *Figurations*, publicada em 1969. Autor de uma vasta obra, seu trabalho mantém relações harmônicas com a perspectiva fenomenológica. Fazendo dos poemas um campo de reflexão sobre o homem e promovendo indagações sobre as mutações culturais de nosso tempo, o autor destaca a imaginação poética como resposta às provocações do mundo.

[...] Um poeta nunca está totalmente ausente, ouvi dizer. Eis a questão. E substituo poeta por poema para propor a questão: um poema pode em algum momento estar totalmente ausente? O que faz a chuva, por exemplo? E não falo do “fenômeno meteorológico”, mas da chuva que molha, aquela que recebe o astrofísico sem capa de chuva na saída do observatório em um certo dia. Falo de seu papel e de sua função dentro da peça, de seu efeito em nosso drama, *in hoc theatro mundi*.

Ela cola, cola a saia ao corpo, os cabelos ao crânio, a pele ao osso; ela encolhe, tira a maquiagem, denuncia a mímica; ela desincha, reduz, localiza; sob a chuva, o aparecer coincide com aquilo que aparece. Também não falo da ideia da chuva, mas daquilo que chamei, em outro momento, de figurante da encenação geral. O poema pega as coisas no ato, na circunstância, e testemunha sobre o que nos fazem [...] (DEGUY, 2004, n. p.).

O conceito de geopoética na obra deguiana baseia-se na premissa de que “todo logos é topológico” e expressa a experiência da terra. Deguy escreve, em sua obra *Figurations*, sobre a convicção de que certas coisas e seus arranjos, ou certos lugares, formavam parábolas; que a *geo-logia* podia ser entendida assim como a astrologia era entendida, que uma espécie de *geo-poética*, conhecimento dos vales da terra, era possível, assim como é possível aprender as figuras do pensável, e que a metáfora ou tradução do ser para as figuras do pensamento era o nome do espaço “poético” (KONONCZUK, 2016). Seu conceito de geopoética se fundamenta na teoria linguística das metáforas espaciais. Segundo Collot (2012), o parentesco profundo entre linguagem e paisagem revela a base da geopoética deguiana.

Anos mais tarde, ampliando o campo semântico e tomando rotas divergentes das adotadas por Deguy, o poeta e escritor escocês Kenneth White, tido como principal teórico dessa abordagem, define sua concepção de geopoética, aproximando-se de uma definição fenomenológica de estar no mundo. A definição mais simples de geopoética proposta por White, segundo Kononczuk (2016), e ao mesmo tempo aquela que abre os mais amplos campos, enuncia: a geopoética começa quando o corpo entra em um espaço. É, portanto, caminhando, flanando, em contato com o mundo, que poetizamos nossos itinerários e, que estes, por sua vez, nos inundam com o seu encanto, isto é, revela a sua poética.

No trajeto da primeira para a segunda parada, a paisagem se revela em sua excentricidade. Uma espécie de aquarela brota aos olhos. Solo de cor clara, provavelmente calcário, uma grande presença de árvores, de distintas formas, de cor verde escura e mesclas com folhas amarelas, revelando o encanto do outono em um dia frio. (Viagem à L'Empordà, comarca histórica da Catalunha, situada na província de Girona, Espanha. Registro de viagem. ARAUJO, 2021).

Em seu livro, *Plateau de l'Albatros* (1994), Kenneth White propõe uma introdução à geopoética que perpassa por uma “geo-experiência”, uma experiência da paisagem que valoriza a relação de contato e de proximidade com os espaços, prezando a vivência do espaço geográfico. Em 1979, em uma caminhada, física e intelectual, pela margem norte do rio St. Lawrence em direção ao Labrador, no Canadá, Kenneth White deu vida ao conceito de geopoética. Nessa espécie de “mundo aberto”, expressão que cunhou para dar forma a um pensamento e a uma estética, refletindo a ideia de abertura e meditação sobre o mundo, o autor entende que a geopoética surge com o culminar, a manifestação intelectual final de uma experiência vivida em contato íntimo com a natureza elementar. Essas experiências vividas, como os estudos ou as peregrinações, norteiam profundamente seus trabalhos; sendo a noção de viagem e deriva as mais fundamentais na sua proposta.

Tratando-se de um movimento que concerne os fundamentos próprios da existência do homem na Terra, a geopoética volta-se às questões primordiais, aquelas que se situam ao nível da organização do mundo, da relação do homem com este espaço e de seu papel como agente transformador. Enquanto um modo de pensar e de viver que preza o retorno às fontes, ao fundamental, a geopoética apresenta-se como um

movimento intelectual e ético que quer recuperar, por meio dos sentidos, o mundo que se perdeu com o domínio excessivo da razão. É uma reação contra os excessos do capitalismo global que consome a natureza e os seres humanos, destruindo seus modos de vida e demonstrando-se cego às belezas do mundo.

White entende a geopoética como uma poética especial da vivência do espaço geográfico, uma poética da vivência da terra e do cosmos. Segundo Kononczuk (2016), a imaginação poética de White é dominada pelo espaço aberto, um convite à experiência. Considerado um andarilho, um nômade, tem-se dedicado às pesquisas que versam sobre essa temática, como em sua tese de doutorado, na qual trabalha sobre o tema *nomadismo intelectual*. White acredita que a experiência, o contato com o mundo circundante e a adesão ao chamado do “fora”, como expressa em sua obra *La Figure du dehors*, propõe um retorno à paisagem original, que são fundamentos bases para a geopoética. A tarefa do nômade intelectual de White é atravessar, além da paisagem física, uma paisagem mental para voltar a um momento primordial, o momento anterior às nossas formas-pensamento presentes, a fim de compreender algo essencial, *elementar* (MCFADYEN, 2018).

Mas, quais as inquietações de Kenneth White para a formulação da geopoética? Quais suas pretensões na proposição dessa teoria-prática? Grande parte da obra do autor é caracterizada por um movimento de idas e vindas entre o espaço fechado das cidades e o espaço aberto não codificado. Da parte urbana de suas origens, nasceu uma forte crítica social e cultural, assim como a busca de elementos essenciais extraídos tanto das culturas do mundo, quanto da experiência direta das paisagens, tudo isso envolvido no que ele chama de nomadismo intelectual. De sua experiência prolongada com a natureza, nasceu a convicção de que sem contato com o não-humano a vida deteriora-se. É deste contexto que partem suas primeiras inquietações na formulação de uma geopoética (POULET, 2014).

No texto “Carta sobre as origens da geopoética”, encontramos alguns sinais que movem tais inquietações. Comecemos por sua infância, marcada por um contato íntimo com o litoral, considerado por ele como um espaço próximo às origens biológicas e aos ritmos primordiais. Nascido e educado na margem atlântica da Europa, mais precisamente na costa oeste da Escócia, Kenneth White diz guardar a topografia dessa região inscrita em seu corpo. Ele relata “[...] é fato que a costa Oeste da Escócia chama a atenção e inspira o espírito” (WHITE, 1994, n.p.).

Grande parte do seu trabalho tem como tema o litoral, permeando inscritos sobre praias, costas, margens e ilhas, demonstrando os laços de intimidade do autor com essa paisagem. White sempre cultivou o desejo de lançar um olhar mais aprofundado para o litoral atlântico, espaço responsável por grande parte da fase tecno-economista da civilização, que de certa forma, apoiou o divórcio da sensação de terra, em nome de uma ideologia. Segundo White (1994), inspirado em Léo Frobenius, na obra *Destino das Civilizações*, na qual o autor considera que após a conquista mecânica do globo, seguida da civilização tecno-economista, deveria acontecer uma grande virada, uma mudança de rumos, o litoral atlântico, enquanto berço dessas iniciativas tecno-economistas, seria um dos espaços a privilegiar os primeiros sinais dessa mudança de rumos. Ali “[...] pode haver um espaço de respiração, um lugar de movimentos esquecidos e, mesmo, inéditos; quem sabe, talvez, um novo sentido da cultura” (WHITE, 1994, n.p.).

Kenneth White tem como desejo explorar o litoral atlântico europeu e como ponto de partida para essa investigação recorre a sua própria experiência. É de sua “janela filosófica”, de um pequeno apartamento na cidade de Pau, uma comuna francesa situada no departamento dos Pireneus Atlânticos, na região da Nova Aquitânia, no sudoeste da França, que contempla parte da cadeia pirenaica. Diante desse contemplar lia, assiduamente, Eliseu Reclus, geógrafo e anarquista, apreciando as evocações do autor sobre os glaciares, as tormentas e sobre os povos que ali habitavam. “Eu tinha a impressão de estar em uma região, em uma área, que a Europa e a história tinham esquecido; uma área que, ao manter laços com um passado arcaico, tinha se lançado em direção ao desconhecido, em direção a um mundo que está por vir; uma área onde se podiam ler conexões profundas [...]” (WHITE, 1994, n.p.).

Acompanhado, em suas leituras, por antigos geógrafos, como Estrabão, Ptolomeu e Pompônio Mela, poetas e filósofos, White percebia a importância da exploração inicial do espaço geográfico, de uma redução ao essencial. “[...] ‘O que você busca é um mundo’. Eu estava obcecado pela ideia de mundo, de novo mundo” (WHITE, 1994, n.p.). O que White chama de mundo não é um espaço físico e sim o lugar de uma sensação. Isto é, um “mundo novo” se abre ao buscar um retorno ao essencial, uma relação sensível com os lugares. Esse mundo novo aberto dá origem ao que mais tarde ele vai chamar de “campo de grande trabalho”, no qual a geopolítica repousa. “Eu me dizia que era à beira da Europa, nas margens atlânticas, que os sinais

e contornos de um novo mundo – sem ideologia conquistadora, sem utopia moralizadora, estavam para ser encontrados” (WHITE, 1994, n.p.).

Era voltando-se para a paisagem do litoral atlântico que White sentia uma espécie de geopoética em curso e o emergir de um novo começo, uma nova base. Fascinado pelo espaço em seu sentido pré-histórico e a-histórico, isto é, em seus aspectos cosmológicos, geológicos e atmosféricos, White ouve a paisagem – que transmite a voz original do mundo (KONONCZUK, 2016). Há uma inquietação que o move, há justificativas evidentes para pautar sua busca por uma teoria que possa considerar uma relação mais próxima com o espaço, como aquelas descritas na simplicidade e potencialidade dos poetas.

Enquanto escritor, mais tarde como professor de literatura e evidente crítico dessa área, White percebe como os escritores escoceses davam a impressão de terem passado por escolas de escrita criativa, produzindo belas obras, mas sendo elas restritas a trabalhos de gabinete, longe de uma linguagem que partisse de um contato e expressasse a terra. Seu visível interesse pela geografia associa-se às possibilidades que o geógrafo tem de estar em campo, em conexão direta com os signos da terra, em um contato direto com a paisagem. Na contramão da crítica apresentada, os trabalhos de White costumam ser um reflexo de suas viagens e experiências na/com a paisagem. O início de um movimento geopoético, em uma perspectiva whiteana, parte do seu desejo de expressar a terra, tarefa muito próxima a dos geógrafos.

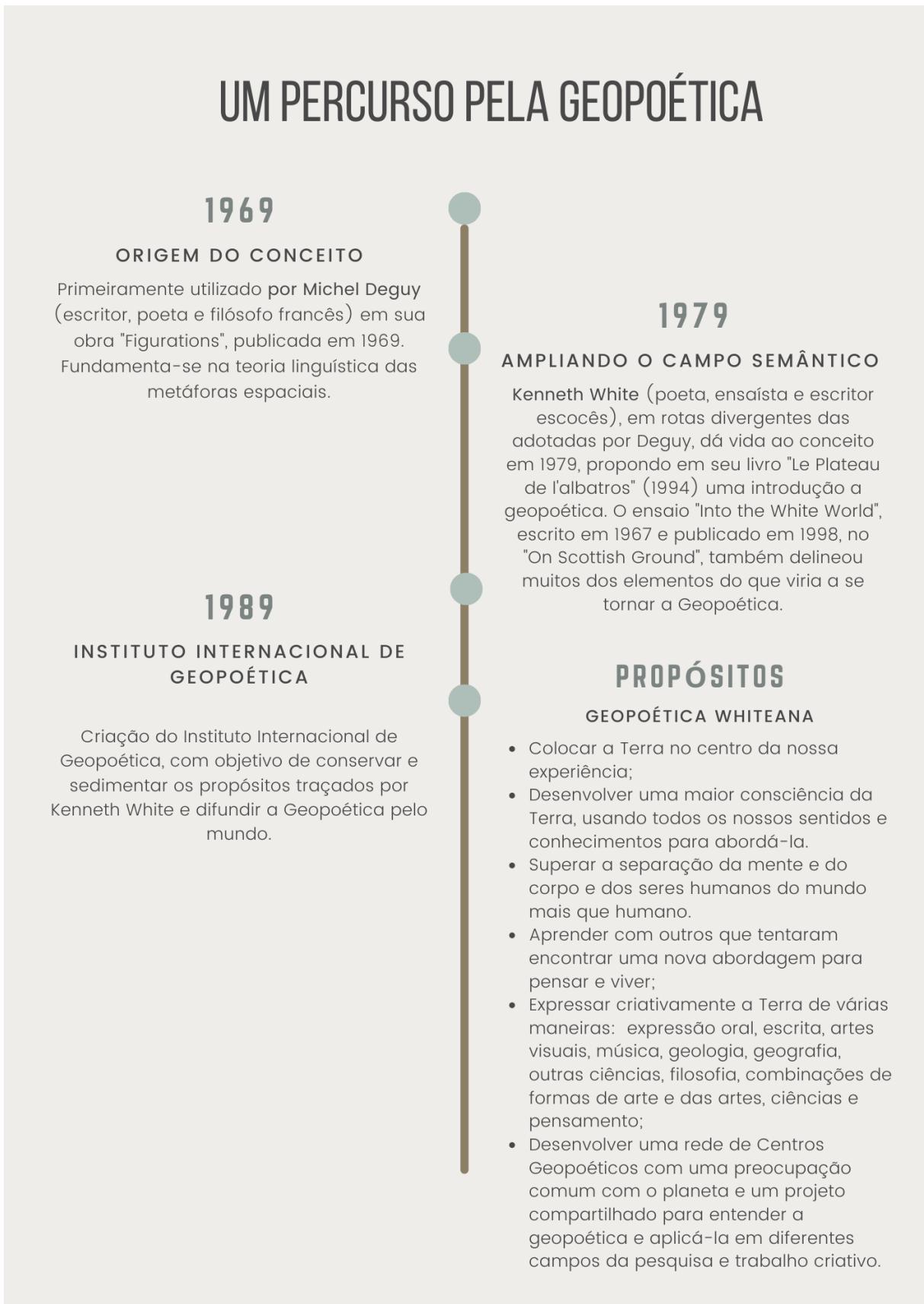
Ainda nos meandros da compreensão do conceito de geopoética, o poeta Michel Collot (2012), em seu texto *Rumo a uma geografia literária*, destaca que as relações que a literatura mantém com o entorno espacial não são de agora. Mas só recentemente, como aponta o autor, desenvolveu-se e autonomizou-se a ponto de suscitar novas teorias e métodos, como a *geopoética* e a *geocrítica*. Realizando uma breve caracterização da geopoética o autor sugere que o termo parece suscetível de designar ao mesmo tempo, uma *poética*, ou seja, um estudo das formas literárias que configuram a imagem dos lugares, e uma *poiética*: uma reflexão sobre os liames que unem a criação literária ao espaço. É esse segundo aspecto, segundo Collot (2012), que foi privilegiado pelos criadores da palavra em francês, no caso, os poetas, Michel Deguy, que a esboçou, e Kenneth White, que foi mais longe na defesa e ilustração dessa noção, aperfeiçoando e ampliando-a, ao propor em seu livro *Plateau de l’Albatros* (1994) uma introdução a geopoética (COLLOT, 2012).

Todavia, a proposta geopoética de White não está ligada a uma arte da linguagem, como foi sustentado nos anos 1970 com o textualismo e o formalismo, mas implica uma visão de mundo que demanda uma “poética pós-moderna”, isto é, nem do eu, nem da palavra, mas do mundo (COLLOT, 2012). Em oposição à categoria de textualismo, vista por White como ultra-literário e redutivo, reduzindo tudo, incluindo a Terra, para um texto, o escritor propõe o que denomina de *Textonique de la Terre*. A noção de *textônica* refere-se à ideia dos movimentos tectônicos da crosta terrestre e da teoria da errância dos continentes. Tal conceito busca evidenciar um processo de mudança contínua do “texto” da Terra, que abre o espírito humano às transformações contínuas, através do qual o planeta continua a adquirir novos significados. White está, portanto, interessado na história da terra, legível por sua forma geológica, por sua paisagem (KONONCZUK, 2016).

A concepção de geopoética que White busca promover é aberta (figura 1), ultrapassa o campo da poesia e da literatura e visa a criação de um “novo espaço cultural”, reunindo artes, ciências e filosofia. De acordo com White, a cultura tem como base a relação entre espírito humano e terra. A cultura é o desenvolvimento dessa relação sob os planos intelectual, sensível e expressivo (COLLOT, 2012). A civilização moderna parece ter perdido essa base, e para reconstruir um mundo habitável é necessário resgatá-la, eis o propósito da geopoética whiteana. “O projeto geopoético, não se trata nem de uma ‘variedade’ cultural a mais, nem de uma escola literária, nem de poesia considerada como arte íntima. Trata-se de um movimento maior que concerne os fundamentos próprios da existência do Homem na Terra” (WHITE, 1989, n.p.).

É possível, contudo, encontrar o termo geopoética assumindo uma definição mais estritamente literária, se atendo ao estudo da literatura no espaço e/ou à representação dos lugares nos textos literários. Na Polônia, por exemplo, os “geopoéticos” entraram nos estudos literários poloneses através de várias rotas lideradas por pesquisadores representando diversas direções dentro das humanidades, e procurando confirmar suas próprias intuições acadêmicas e suas expectativas em relação à literatura e suas possíveis tendências metodológicas. Isso, por sua vez, resultou no surgimento de numerosos, às vezes contraditórios, conceitos de geopoética (KONONCZUK, 2016).

Figura 1- Um percurso pela Geopoética



Fonte: Instituto Internacional de Geopoética. Org. Araujo (2020).

Como exemplo, no contexto polonês, a geopoética tornou-se uma disciplina popular e intensamente desenvolvida, graças aos estudos de Elzbieta Rybicka, autora de *Geopoetics: space and place in contemporary literary theory and practice* (2014), que passou a incluir a geopoética no discurso teórico metodológico polonês, ganhando o *status* de um método, articulando a descrição dos fenômenos literários à experiência de um espaço geográfico específico. A proposta de Rybicka difere-se de Kenneth White e de outros estudiosos poloneses, ainda que estes façam uso do mesmo termo.

Ainda sobre a diversidade conceitual, como apontam Bouvet e Bergeron (2013), a geopoética é muitas vezes percebida como a abordagem específica de um escritor, artista ou filósofo, que aproveita a sua experiência de mundo para criar poemas, histórias de viagens, pinturas e ensaios. As autoras apontam que embora seja relativamente fácil fazer entender que a geopoética não pode ser reduzida à poesia, por outro lado, é grande a tentação de considerá-la, em termos de abordagem de um autor, sua “poética”, seu modo singular de escrever o mundo. Todavia, a geopoética se apresenta como um campo aberto de pesquisa no qual se deseja repensar e desenvolver vínculos entre o ser humano e a Terra.

Exemplo de uma abordagem específica está nos trabalhos no âmbito das disciplinas decorrentes da virada ecológica, como o ecocriticismo, ecofilosofia ou ecofeminismo, conceitos defendidos no trabalho apresentado por Anna Kronenberg (2015). No texto “Geopoética: relações entre literatura e meio ambiente”, a autora confere à geopoética a tarefa de dar subjetividade ao ambiente natural. Os interesses de White, como expressa Kononczuk (2016), giram em torno da área geográfica do homem e não do ambiente natural, como as teorias da virada ecológica. No entanto, White (1989) defende que a ligação com a biologia é tão necessária para a geopoética quanto à ecologia, incluindo a ecologia da mente, bem fundamentada e desenvolvida.

A geopoética de White, de acordo com Kononczuk (2016), está enraizada na *poética do espaço* de Gaston Bachelard, a qual defende que a imaginação humana é moldada pelo espaço. Para White, a matéria geográfica é a fonte de imaginação que determina nossa habitação poética no mundo. Assim, “[...] a imagem poética enraizada na substancialidade da paisagem, reflete a experiência de habitar um território” (KONONCZUK, 2016, tradução nossa)⁸. Rocha (2020), em ressonância, aponta que Gaston Bachelard apresenta uma relação de circularidade entre os conceitos de

⁸ [...] poetic image, rooted in the substantiality of the landscape, reflects the experience of inhabiting a territory”.

geopoética e metaontologia. O conceito de geopoética, segundo o autor, será encontrado principalmente na recepção de um dos herdeiros do pensamento bachelardiano, Jean-Jacques Wunenburger. Todavia, ambos apresentam estruturas geopoéticas em seus pensamentos, buscando levar o ser ao encontro de sua geosofia, na tentativa de uma reconciliação com a terra. Para Rocha (2020), a geopoética no pensamento bachelardiano seria o caminho mais elementar de reconhecimento da relação fenomenológica do espaço, já que é por meio da relação com a vida cotidiana que o indivíduo pode encontrar o sentido de espacialidade.

“Bachelard sonha; e nos convida a sonhar, [...] sonha e nos arrasta para o envolvente ‘espaço onírico’ que nos desvela a essência do poético” (GRATÃO, 2016, p. 148). É no desvelar do poético, na conjunção corpo-espacço, que a geopoética ganha forma. Bachelard abre novas possibilidades de olharmos para a geografia e o fazer geográfico. Em sua obra *A poética do Espaço*, ao propor um exame topofílico dos espaços, revela que a realidade geográfica não se limita àquilo que vemos e não se restringe ao mensurável, mas está repleta de parcialidades da imaginação. Por meio de suas obras, da vertente poética, somos lançados a um instante geopoético, ao resgate de uma experiência sensível com o espaço. “Bachelard, é um desses cientistas que sentem que do lado da arte e da poesia há algo que não se enquadra na ordem da científicidade, mas que é altamente significativo” (WHITE, 2014, p. 148. tradução nossa)⁹.

A essência da geopoética de Kenneth White reside na exploração da poética do espaço, realizada através da “habitação poética no mundo”, requerendo um entendimento da escrita da terra — como enraizado na etimologia da palavra geografia. Possibilitando a leitura dos signos da Terra, a geopoética se aproxima do fazer geográfico, sendo uma forma de conhecimento que pode ser usada para compreender o mundo à nossa volta de uma forma sensível e intuitiva. White vê o homem não como um “hospedeiro” da Terra, mas como um morador que a habita poeticamente (KONONCZUK, 2016). Enquanto andarilho, a filosofia geopoética de White começa quando o corpo entra em contato com o espaço, quando é convidado à reflexão e à descoberta.

Ainda refletindo sobre as inspirações e inquietações do escritor escocês na formulação da geopoética, este deu vida ao conceito em 1979, em uma caminhada,

⁹ « Bachelard, fait partie de ces scientifiques qui sentent que du côté de l'art et de la poésie il y a quelque chose qui ne relève pas de l'ordre de la scientificité, mais qui est hautement signifiant ».

física e intelectual, pela margem norte do rio St. Lawrence em direção ao Labrador, no Canadá. “Estou viajando para os Laurentians, a caminho do grande espaço branco do Labrador”. Uma nova noção em mente: a de geopoética. A ideia de que é preciso sair do texto histórico e literário para encontrar a poesia ao ar livre onde a inteligência (inteligência corporificada) flui como um rio (WHITE, apud BESOMBES, 2021, p.1).

A gênese da geopoética whiteana se sustenta na manutenção de um mundo habitável, na busca por uma relação sensível e inteligente com a Terra. Essa relação inteligente não pauta-se no intelecto cognitivo, no qual é preciso tudo transformar em teoria, mas em uma inteligência corporificada, que tem base na experiência com o espaço, demonstrando que o contato com os ambientes são significativos e necessários. Isto é, demonstra que uma sensibilidade estética não necessita de um fundo epistemológico, nem mesmo ser transformada em conhecimento racional para ser apreendida. Enquanto andarilho, nômade intelectual, suas viagens tiveram grande relevância em seu trabalho, sendo uma oportunidade de descobrir “a poética do espaço”, de ler poéticas presentes nos fenômenos geográficos e naturais, refletindo sobre o modo de ser e estar no mundo. “Foi viajando, peregrinando, perambulando ao longo da costa norte, que a ideia da geopoética tomou forma” (WHITE, 1994, n.p.).

Muitos eram os que, de algum modo, já haviam expressado elementos dessa perspectiva tecida por White, como os monges celtas que escreviam poesia da natureza, os xamãs, americanos nativos, bem como diversos estudiosos e pensadores dos quais White faz leituras erosivas, traçando a sua proposta. A geopoética se encontrava latente através do espaço e do tempo. O autor aponta que começou a falar em geopoética por dois motivos. Por um lado, estava se tornando cada vez mais óbvio que a Terra (biosfera) estava em perigo e que os caminhos, profundos e eficientes, teriam que ser trabalhados para protegê-la. Por outro lado, White sempre esteve convicto que as poéticas mais ricas vinham do contato com a terra, do mergulho no espaço biosférico, da tentativa de ler as linhas do mundo (WHITE, 1989).

Como aponta o poeta, White (1989), para além de todas as diferenças culturais e históricas, a humanidade precisa de uma base comum: a Terra. Neste sentido, a geopoética pode ser lida como uma abertura contra vários discursos dogmáticos, ideológicos, filosóficos ou religiosos exclusivos e por um futuro melhor para os seres humanos e a natureza. Com a geopoética não há culturas ou entidades independentes e autossuficientes. A Terra que abraça e nutre a diversidade está no centro da geopoética, isto é, há uma força de unidade cósmica (HASHAS, 2017).

Isso explica o “geo” nesse neologismo. Em sua etimologia “geo” significa Terra. Por poético, por vezes, tem-se uma visão pejorativa, associada a uma fuga da realidade, a uma visão utópica cerceada de lirismo e fantasias, ou ainda uma associação estrita a poesia enquanto arte de compor e criar versos, “[...] não é na poesia que encontramos a poética em questão. Eu, da minha parte, encontrei muitos outros elementos onde menos esperamos: em estudos de geologia, física, botânica [...]” (WHITE, 1990, n. p. tradução nossa).¹⁰

Neste sentido, White (1989) propõe que pensemos o poético enquanto inteligência poética, *nous poéticos*, que se traduz, do grego, em intelecto ativo ou ainda em intelecto agente, segundo as tradições aristotélicas. Leicester (2009) sugere que o “geo” é tanto sobre a Terra quanto sobre o mundo, ou melhor, os muitos mundos que habitamos. Em relação à “poética”, ele sugere ser uma linguagem, assim como é a matemática. Uma linguagem cada vez mais da ciência, tendo em vista que a linguagem “normal” não parece mais adequada ou suficiente, visto que a estrutura da realidade parece mais poética do que mecanicista.

A geopoética, portanto, não se limita a uma visão romantizada e utópica de mundo, sua essência está envolta de uma consciência crítica, criativa e ativa. Como aponta Mohammed Hashas (2017), é um projeto intercultural, no sentido que não apenas reconhece linguística, cultural, poética, científica e filosoficamente a diversidade, mas exige uma interação genuína entre seus diversos componentes. A geopoética intercultural é, neste sentido, multiculturalmente dialógica, requerendo um diálogo genuíno com diferentes culturas, filosofias, ciências, geografias e modos de ser, no intuito de ampliar os recursos humanos na compreensão da diversidade oferecida pelo cosmos – totalidade harmoniosa.

Como aponta Mcfadyen (2018), em sua obra *Finding Radical Hope in Geopoetics*, a geopoética é concebida como uma *cultura mundial*; a Terra é o motivo central. Cuidar da Terra é uma parte fundamental da geopoética — uma preocupação que é compartilhada por todos, norte, sul, leste e oeste. Enquanto movimento intercultural, a mesma requer interação de diferentes visões de mundo, principalmente, no campo do conhecimento. O trabalho geopoético tem como objetivo

¹⁰ “[...] ce n'est pas dans la poésie que l'on trouve la poétique dont il est question. J'en ai, pour ma part, trouvé beaucoup plus d'éléments là où l'on s'y attend le moins: dans des études de géologie, de physique, de botanique [...]”.

explorar os caminhos desse relacionamento sutil, sensível e inteligente com a Terra, trazendo, longo prazo, uma cultura no sentido mais profundo da palavra.

A geopoética, proposta por Kenneth White (1989), permeia o campo transdisciplinar em defesa do nomadismo intelectual, que se pauta na interligação dos saberes de diferentes campos do conhecimento, bem como de experiências empíricas, de distintas partes do globo, na construção de uma consciência e um compromisso global. O filósofo está preocupado em harmonizar, construir uma relação genuína entre homem, cultura, trabalho e mundo, buscando um modo de vida que seja capaz de dar densidade/profundidade às nossas vidas. A geopoética é um projeto em andamento, aberto ao desenvolvimento futuro, que não é apenas possível, mas necessário lê-lo de acordo com as necessidades da sociedade atual (HASHAS, 2017).

Em um processo de diagnóstico da crise do pensamento ocidental, Kenneth White (1989) começa a delinear seu projeto geopoético. Num período marcado por descontentamentos, em que o contato com a terra e com a natureza se tornaram atividades estranhas e raras, e igualmente raras àqueles que questionavam o uso da ciência e seus avanços sem precedentes, o filósofo passa a analisar as limitações do pensamento ocidental, elencando etapas que vão dar origem ao que ele chama de “autoestrada do oeste da civilização”, um período que nos marcou profundamente, promovendo, de certa forma, um afrouxamento da relação sensível e fundamental Homem-Terra.

A autoestrada é usada enquanto metáfora, elucidando nossa relação com os espaços. Na autoestrada avançamos em direção a um ponto específico, nos esquecemos de outros caminhos possíveis. Seguimos um caminho feito de linhas retas, com pressa de chegar ao destino. Kenneth White prefere o caminho do nômade, aquele que permeia por distintas rotas, que se permite experienciar distintas paisagens, que contempla com atenção na medida em que caminha.

A primeira etapa da autoestrada corresponde à idade clássica, tendo Platão e Aristóteles como protagonistas. Ambos ditam os fundamentos do discurso ocidental. Platão, conhecido pelo seu idealismo – o mundo ideal ausenta-se do mundo real. Para White, ele está interessado em algo além das preocupações “mundanas”, longe do compromisso com o mundo real. Aristóteles, conhecido por sua classificação, na qual grande parte do nosso conhecimento se baseia, pode conduzir a fenômenos de estudos em partes isoladas, desconsiderando estudos que envolvam uma escala mais ampla, considerando o todo. “Que a divisão e as classificações sejam úteis ninguém

nega, mas elas podem, a longo tempo, revelar-se redutoras: o real as ultrapassa” (WHITE, 2014, p.8, tradução nossa).¹¹

É necessário, hoje, como aponta White (2014), ultrapassar o sistema aristotélico e conseguir inventar novos contextos, conceber um novo espaço intelectual e cultural. White não reduz as contribuições filosóficas de ambos os autores, mas aponta que chega um momento em que tais contextos não funcionam mais, acarretando um bloqueio na inteligência. Parte da tradição que temos hoje, marcada pela ausência de uma interculturalidade, um excesso de idealismo e um niilismo destrutivo, partem de tais influências.

Outras etapas vão sendo adicionadas a essa autoestrada, como o cristianismo, que construía torres verticais em preparação a uma vida transcendental no céu, bem como o cartesianismo e a modernidade, na qual a natureza torna-se cada vez mais objetivada e considerada exclusivamente como matéria prima a ser explorada, tornando-se um objeto, enquanto o homem, seu mestre. Ao tornar o homem senhor da natureza a ciência moderna acabou por deixá-lo desencantado, em um mundo, por vezes, sem sentido, desprovido de imaginação criadora, que segundo Bachelard (1993) é capaz de romper com a inumanidade do mundo, com sua negatividade, oferecendo uma releitura do espaço vivido.

A metáfora da autoestrada é longa, passa por distintos períodos, até chegar à contemporaneidade, em que descontentamento e mediocria, ao invés de democracia, caracterizam a situação atual. O propósito maior de White ao traçar a autoestrada, apontando seus impactos, não está em tecer meras críticas, mas propor um novo caminho à luz da geopoética e trilhar um rumo diferente, um caminho nômade. Sair de uma autoestrada em movimento é um desafio possível, ainda que difícil.

Nossa visão de mundo dominada por uma ciência racional e mecanicista, que privilegia aquilo que pode ser numerado, medido e pesado, deu origem à perda de “um senso de mundo”. Essa perda reflete na visão e divisão reducionista das áreas de conhecimento. A geopoética defende a necessidade plural de alterar os danos excessivos que tanto o ambiente quanto a consciência humana e o ser estão experimentando como consequência dessa perda de “senso de mundo”. Em busca de alternativas, White envolve-se com tradições não ocidentais e com tradições da

¹¹ “Que la division, que la classification soient utiles, personne ne le niera – elles peuvent toutefois à la longue se révéler réductrices, le réel les déborde”.

fenomenologia europeia, como Husserl, Heidegger entre outros, encontrando bases sólidas para uma renovação da cultura (MCFADYEN, 2018).

O movimento geopoético é profundamente sensível e emergente, revelando um método de pensamento e uma maneira de estar no mundo que anuncia uma “arte da vida”, como bem pontua Hashas (2017), preocupando-se fundamentalmente com uma relação que tome a Terra como motivo central de todas as culturas. White, neste sentido, apoia-se em um movimento transcultural, abraçando culturas diferentes em torno de um motivo central, em busca de uma “cosmocultura”, defendendo que é hora de voltar à conotação estética da palavra cosmos, que etimologicamente significa uma totalidade bonita e harmoniosa (HASHAS, 2017).

A geopoética de White, portanto, é abrangente, o mundo aberto pelo poeta e filósofo escocês não é orientado comercial, político, local, nacional ou secularmente. Pelo contrário, sua orientação é universal, ele toma a cultura universal como busca que o nômade intelectual deve descobrir.

[...] o nômade intelectual que se transforma em geopoeta terá dificuldades em abrir um caminho: ele traz consigo uma hereditariedade e a sociedade não vai parar, de uma forma ou de outra, de calá-lo, pois, ao abrir uma área mais ampla, perturba profundamente (WHITE, 2014, p.24, tradução nossa).¹²

Desde o fim do século XIX, pressentindo para aonde essa autoestrada do ocidente nos conduziriam, notava-se na fala de estudiosos, como aponta White (2014) ao citar Nietzsche e Rimbaud, tentativas a fim de deixar a “autoestrada” e seguir novos caminhos. Fazendo análise do niilismo e questionando a marcha do tempo, ambos os autores trilham fora do contexto estabelecido e das classificações reconhecidas, saindo da autoestrada do ocidente para se aventurar em um espaço negligenciado. O Romantismo, por exemplo, já vinha produzindo reações e protestos, tomando consciência de que o ser humano é cerceado por todas as partes. Muitas destas tentativas não tiveram grande êxito, todavia, promoveram avanços marcantes, abriram pequenas fissuras, desviaram-se do “caminho esperado”. Como aponta Rambourg (2014), apesar das tentativas e de certos fracassos, grandes insucessos são, por vezes, mais interessantes do que pequenos sucessos.

¹² le nomade intellectuel qui se mue en geopoeticien aura du mal a se frayer un chemin: il traîne une heredité, et la société ne cessera d'essayer, d'une manière ou d'une autre, de le faire taire, car, en ouvrant une aire plus large, il dérange profondément.

A preocupação de Kenneth White (1992) em *Elements of geopolitics* está em uma nova sensação de mundo, que mais do que acumular informações, significa tomar consciência da expansão e da singularização do nosso universo-multiverso, experienciar uma sensação de imensidão e incomensurabilidade, um senso de relatividade e topologia. Significa, globalmente, uma maior sensibilidade em relação ao ambiente que tentamos viver. Em uma sociedade que aposta em informações quantitativas, torna-se necessário enfatizar a importância de outras formas de conhecimento, bem como do contato direto com o ambiente que pode ser apreendido e apreciado, caminhando em direção a uma pedagogia planetária (WHITE, 1992).

Longe de ser uma poesia da natureza ou uma onda ecológica, como querem alguns, a geopoética presentifica um tipo de reflexão, um método-amétodo de escrita, uma maneira de estar no mundo (WHITE, 2014). O projeto geopoético é um modo de resistência e questionamento à atual espetacularização em que vivemos; uma crítica às teorias hegemônicas. Exige, como aponta Mcfadyen (2018), uma abertura e prontidão para reconhecer e abandonar autoritarismos, suposições filosóficas e a bagagem cultural de uma linguagem pautada em uma ditadura do discurso. A geopoética é de várias maneiras, um processo de desaprendizagem radical, é uma busca por descolonizar a mente, buscando uma “nova cartografia mental”, como chamou White, um novo mapeamento de nosso relacionamento com o mundo.

“É possível ter uma verdadeira ‘ciência da terra’ que nos faça ver, conhecer, amar, respeitar, temer e desejar, que não dissocia, por um lado, conhecimentos quantificados, abstratos, formais e outros?” “É possível uma ‘ciência’ que nos conecta a terra?” Tais indagações levantadas por Georges Amar (1990, n.p.), em seu texto *Le sens de la terre* publicado nos *Cahiers de Géopoétique*, organizado por Kenneth White, partem da diversidade de atitudes relacionadas a terra, reveladas pelos termos geometria, geologia, geofísica, geopolítica entre outros, que dificilmente em suas grafias nos dão a sensação do que realmente precisamos: o sentido da Terra, como busca a geopoética.

Para Amar (1990) devemos renovar constantemente e atualizar a nossa “experiência da terra”, isso só pode ser feito em relação a uma epistemologia, uma linguagem e um pensamento aberto e flexível. Talvez, o que falte em nossa civilização, seja um “pensamento da terra”, forte, bonito e poético o suficiente para apoiar, estender e guiar a experiência para que não esqueçamos o exotismo da descoberta, o

encantamento e a imaginação criadora; tão rapidamente absorvidos e negligenciados no sistema de poder e conhecimento atual (AMAR, 1990).

Não progrediremos na direção de um verdadeiro sentido da terra sem mobilizar (ou reformar) o intelecto, porque se este último é parcialmente responsável por nossa ruptura com o mundo, deve ser capaz de um caminho inverso (AMAR, 1990, n.p. tradução nossa).¹³

Um pensamento da terra, como parte integrante da geopoética, precisa de uma base conceitual adequada. Amar (1990) sugere que uma experiência da realidade que não encontra uma linguagem adequada e até mesmo rigorosa, qualquer que seja seu grau de intensidade, é rapidamente ameaçada de esquecimento e distorção. Um dos fundamentos da geopoética é que a própria linguagem é uma forma de ser real, um elo entre o homem e o mundo. Toda linguagem precisa de repertórios, escalas, paletas, alfabetos, ou seja, uma variedade de modos de ser, agir, sentir e essa variedade é uma propriedade do real, não do imaginário. A linguagem humana extrai todos os seus poderes, seu repertório, suas qualidades do reservatório inesgotável que é a linguagem do mundo (AMAR, 1992).

White (1992) aponta a necessidade de desaprender a gramática dos princípios ditatoriais, que se espalharam pelo ocidente, assim, como a necessidade de uma linguagem simples, mais próxima da física do universo, capaz de delinear um campo de linguagem e vivências com características poéticas, mas, que ao mesmo tempo, tem pouco em comum com o que é habitualmente conhecido como poesia. “É nesse sentido que o desafio da geopoética é a busca de uma linguagem para o mundo: uma linguagem que não retire as coisas da mundanidade, mas, pelo contrário, as restaure” (AMAR, 1992, n.p. tradução nossa)¹⁴. Assim, em sua proposta geopoética, Kenneth White busca repensar o espaço, a cultura, a terra, a linguagem e a filosofia olhando-as por uma perspectiva transdisciplinar de modo a emprestar, a cada uma delas, uma nova aura dimensional, um novo sentido de estar no cosmos (HASHAS, 2017).

De acordo com Amar (1992), o conceito de geopoética se assenta em duas convicções basilares, o da relação Homem-Terra e o da criatividade humana. O primeiro se volta para uma renovação cultural e sensível, sensibilizando nossos modos

¹³ “On ne progressera pas dans la voie d'un véritable sens de la terre sans mobiliser (ou «réformer») l'intellect, car si ce dernier est en partie responsable de notre rupture d'avec le monde, il doit bien être capable du chemin inverse”.

¹⁴ “C'est en ce sens que l'enjeu de la géopoétique est la recherche d'un langage-pour-le-monde:un langage qui n'ampute pas les choses de leur *mondéité* mais au contraire la leur restitue.”

de pensar e sentir, combinando conhecimento e sensibilidade, criatividade e receptividade. Busca-se restabelecer uma relação sensível e inteligente com a Terra, exercitar o devir ético, a cidadania, a alteridade e a própria geopoética. Na medida em que reconhecemos que a Terra é a realidade comum dos seres terrenos, o sentido de responsabilidade e cultura deve permear o modo de ser e estar no mundo. O contato com a terra, neste contexto, nos ensina, intuitivamente, maneiras conscientes de viver.

O segundo, a criatividade humana, de ordem poética, não se limita a uma subcategoria da literatura, mas se desvela como um método de trabalho, uma maneira de fazer, pensar, sentir e produzir. Uma poética que surja no campo da relação homem-terra. “Um ser só se torna verdadeiramente criativo, verdadeiramente ativo quando encontra sua poética: uma modalidade de feliz acordo, ou seja, exata e apaixonada, com seu ambiente” (AMAR, 1992, n.p. tradução nossa)¹⁵.

Complementares, tais convicções apontam para uma renovação de nossa participação na terra, de nossas concepções poéticas. A geopoética, neste sentido, se apresenta como a redescoberta de uma poética fundamental, oferecendo uma concepção rica e interessante de poética, ligada a Terra, doadora de cores, sensações, texturas, formas. Para Amar (1992) o elo entre poética e terra não se dá entre um sujeito-artista (poeta) e um objeto-matéria (terra). Não se trata de descrever ou até mesmo se inspirar na Terra, mas de entender e experimentar que é a nossa “terrinez”, a sensação do mundo em nós, nosso desejo e conhecimento sensível da Terra, que é a fonte das poéticas mais férteis.

Ser terrestre, como aponta Amar (1992), em sua obra *Du surrealisme a la geopoétique*, é o que temos em comum. A busca da geopoética está em tornar a terra interessante, estimulante e empolgante, onde a poetização da vida não precise de rivalidades desastrosas nem de transcendências perigosas, em que o real, o comum, seja extraordinário, sem adição de fantasias e utopias. As experiências geopoéticas, em suas inúmeras faces, revelam formas sensíveis de se relacionar com o mundo, sendo um modo de comunicação das experiências íntimas com o espaço.

Segundo De Paula (2015), a geopoética se relaciona aos nossos encontros com a terra, os quais, subitamente nos causam encanto, vertigem ou sensações que dificilmente conseguimos explicar. Para a autora todo acontecimento geopoético é

¹⁵ “Un être ne devient véritablement créatif, véritablement actif, que lorsqu'il a trouvé sa poétique: une modalité d'accord heureux, c'est-à-dire à la fois exact et amoureux, avec son milieu.”

tributário de nossa condição Corpo-Terra. A experiência de viajar, de flanar, de deriva, o encontro com os lugares nos coloca em contato com a linguagem do mundo, lembra-nos e nos devolve a expressividade inerente ao mundo, revelando acontecimentos geopoéticos, ou seja, aqueles que têm a capacidade de causar em nós uma experiência estética – angústia, admiração, alegria, embevecimento. É o acontecimento geopoético, segundo De Paula (2015), que inaugura o termo geopoética, pois antes de se tornar uma perspectiva teórica, a geopoética é vivida.

Diante do caminhar pelas origens e intencionalidades da geopoética, ressalto e concordo, em especial, no âmbito da Geografia que: “[...] propor que algo denominado ‘geopoética’ possa contribuir, de alguma forma para um profundo movimento da terra e a abertura de um mundo, parecerá a muitos totalmente absurdo e, se eu não a conhecesse bem, concordaria com eles” (WHITE, 2020, n.p. tradução nossa).¹⁶

Neste sentido, diante das potencialidades da geopoética, navegaremos, no próximo capítulo, em meio a um arquipélago geopoético. Veremos como essa teoria tem influenciado diferentes campos de pesquisas, defendendo, de distintos modos, o retorno do *habitar*, isto é, o cuidar da Terra. Neste ensejo, no movimento maior do ‘arquipélago’, proposto por White (1989), apresentaremos uma pequena “ilha” como lugar de encontro entre a Geografia e a Geopoética.

¹⁶ “To propose that something called “geopoetics” can contribute, at a given moment in History, in any way to a deep earth-movement and the opening of a world, will seem to many totally preposterous, and, if I didn’t know more and better, I’d agree with them”.

CAPÍTULO 3

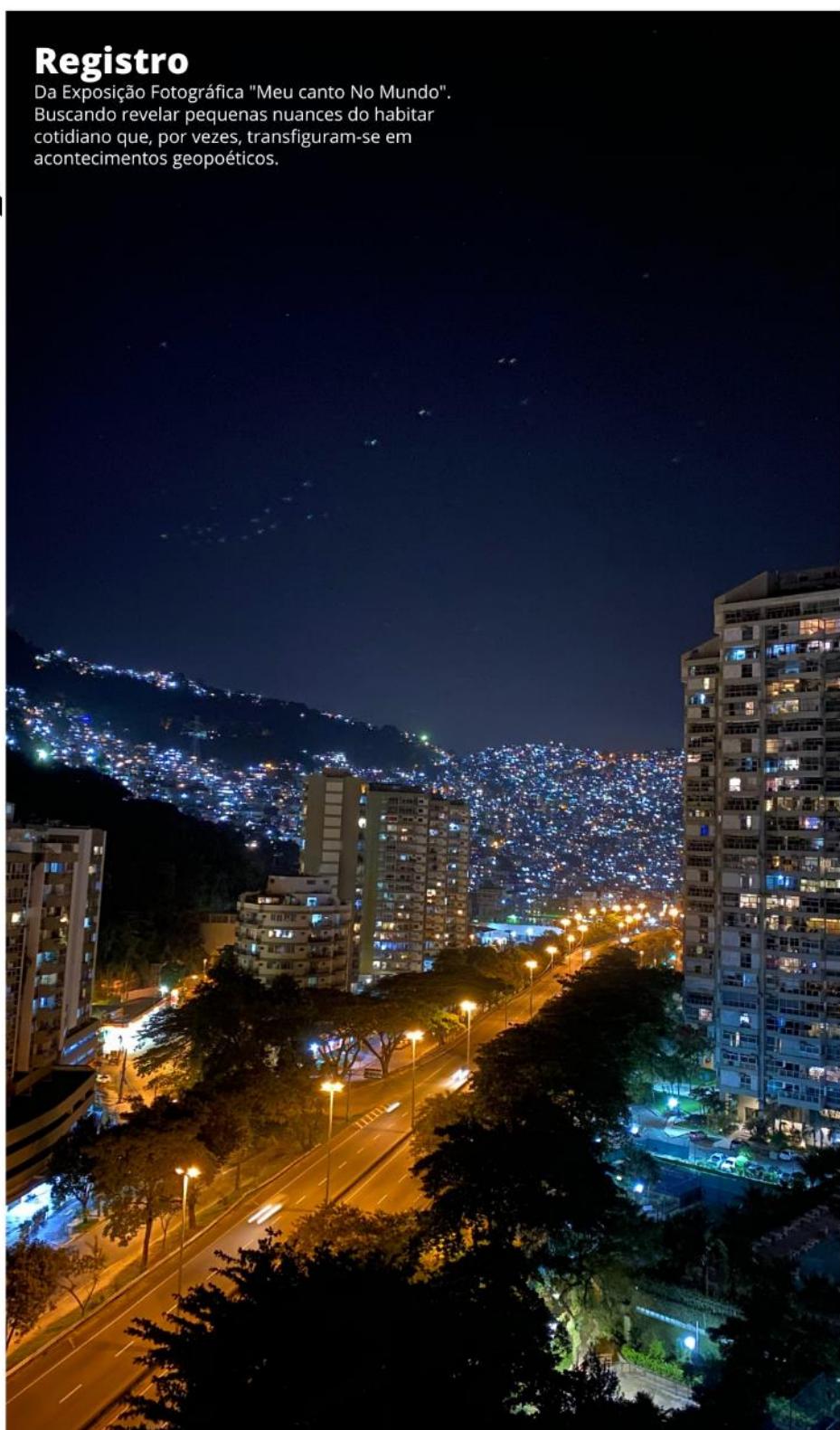
Jáquipélagos Neoposéтиcos

Exposição Fotográfica



Registro

Da Exposição Fotográfica "Meu canto No Mundo".
Buscando revelar pequenas nuances do habitat
cotidiano que, por vezes, transfiguram-se em
acontecimentos geopoéticos.



“Contraste. As luzes que impressionam e hipnotizam”.
(SOARES, 2020).



Travessias geopoéticas. *Colagem digital*. (ARAUJO, 2021).

“Toda escuta do que se é, é travessia, caminhada, viagem existencial. A música é o mar aberto do tempo onde a travessia é escuta do que nos atrai, mas que o doce canto e o encanto não nos mantêm, pois destruiria a travessia. A escuta é a própria travessia: a possibilidade de fazer da fala do silêncio a eclosão do sentido do que se é. **A travessia é fazer eclodir no cotidiano o extraordinário.** Para que não surja o trágico - fim da travessia - é necessário ter bem patente que a travessia é um movimento ambíguo: da fala para o silêncio e do silêncio para a fala. A palavra cantada é a palavra encantada: a plenificação do que somos” . (CASTRO, 2020).

“Mas no promontório, onde o vento, de segundo a segundo se transforma em luz, ele sentiu um sentido de viver, no limite de todo saber” (WHITE, 2003, p. 497. Tradução nossa).¹⁷

Atravessar territórios, saberes, compartilhar conhecimentos e abrir espaço para um movimento transcultural, assim pensaremos o arquipélago geopoético. Não se trata de tecer uma teia entre vários componentes disciplinares, mas de tomar consciência da necessidade de ir além, num movimento físico e intelectual, pois o cultivo do espírito, de estar no mundo, requer percorrer paisagens inspiradoras, paisagens mentais; requer travessias. O arquipélago geopoético, neste sentido, nos convida a sermos praticantes de geopoética, andarilhos, *flâneurs* do mundo.

Ao mesmo tempo viajante, filósofo, poeta e intelectual nômade, Kenneth White toca em muitos campos do saber enquanto cria o seu próprio: a geopoética. Suas próprias palavras talvez o descrevesse melhor: “poeta-pesquisador” e “poeta-pensador-viajante” (BESOMBES, 2021). Para conservar e sedimentar suas ideias, em 1989, em um período que a Terra encontrava-se ameaçada, sendo necessário preocupar-se de maneira profunda e eficaz, White fundou o Instituto Internacional de Geopoética em busca do retorno ao fundamental, isto é, ao poético. Ligação primordial com a terra. Alguns anos após a sua fundação, White propõe a “arquipelização do Instituto”, a criação, em vários lugares, em vários países, de uma rede de centros e de ateliês com o objetivo de concretizar, de maneira local, o trabalho geopoético (figura 2). Com a arquipelização, a proposta geopoética avança e se expande, bem como se aperfeiçoa, em diversos contextos locais. Um campo organizacional da geopoética, assim, podemos entender o grande arquipélago geopoético. Cada ilha (centro, ateliê), promove, ao seu modo, propostas que fortalecem uma relação sensível com os espaços.

O Instituto Internacional de Geopoética reúne autores de várias disciplinas: poetas, publicitários, geógrafos, arqueólogos, escritores, sociólogos, pintores, biólogos e filósofos que promovem oficinas e publicam seus trabalhos a respeito da geopoética no anuário *Cahiers de Géopoétique*, que conta, atualmente, com 6 edições. São organizados anualmente seminários, colóquios e diversas experimentações geopoéticas. O instituto, em seu processo de arquipelização, se fortificou em distintos países pelo mundo, como França, Suíça, Itália, Escócia, Chile, Suécia, entre outros

¹⁷ “Over on the headland where the wind, from second to second turns into light he felt a sense of living at the edge of all knowing”

(quadro 1), tornando-se uma grande rede de compartilhamento com interesses comuns: desenvolver a compreensão sobre a geopolítica e aplicá-la criativamente nas diversas esferas da vida.

Figura 2- Mapa dos Centros Geopoéticos



Legenda

- | | |
|---|--|
| 1 Atelier Géopoétique de Nouvelle-Calédonie | 8 Centre Suisse de Géopoétique |
| 2 Atelier Géopoétique des Marges | 9 Atelier Géopoétique du Rhône |
| 3 Centre Chilien d'études Géopoétiques | 10 Centre Géopoétique de la Méditerranée |
| 4 Centre Écossais de Géopoétique | 11 Centre Italien de Géopoétique |
| 5 Atelier des Grues | 12 Geopoetika |
| 6 Centre Géopoétique de Paris | 13 La Traversée Atelier de Géopoétique |
| 7 L'Atelier du Goéland | |

Fonte: Instituto Internacional de Geopoética (2021). Org.: Araujo (2022).

Quadro 1- Localização dos Centros Geopoéticos.

1	Centro geopoético da Nova Caledônia	Nouméa, Nova Caledônia.
2	Ateliê geopoético das Margens	Bora-Bora, Polinésia Francesa.
3	Centro de Estudos Geopoéticos	Santiago, Chile.
4	Centro Escocês de Geopoética	Edimburgo, Escócia.
5	Centro Sueco de Geopoética – Ateliê Grous	Karlstad, Suécia.
6	Centro Geopoético de Paris – Atelier della Senna	Paris, França.
7	Centro de geopoética da Aquitânia – Atelier del Gabbiano	Aquitânia, França.
8	Centro Suíço de Geopoética	Genebra, Suíça.
9	Ateliê geopoético do Rhône	Lyon, França.
10	Centro geopoético do Mar Mediterrâneo	Marselha, França.
11	Centro italiano de geopoética	Alexandria, Itália.
12	Geopoética	Belgrado, Sérvia.
13	La Traversée atelier de géopoétique	Montreal, Canadá.
14	Ateliê de Experimentações Geopoéticas	Londrina, Brasil ¹⁸

Fonte: Instituto Internacional de Geopoética. Adp.: Araujo (2022).

Indo além da disseminação institucional da geopoética, a arquipelização, e mais recentemente a proposta de “oceanização” do instituto (abrindo sua navegação para um espaço maior, oceânico), espalha-se por inúmeras disciplinas e discursos que já vinham defendendo uma interação mais harmoniosa entre o homem e o espaço. Suas ilhas não estão apenas geograficamente espalhadas pelo mundo, estão dispersas entre várias áreas do conhecimento, como na geografia, literatura, filosofia, artes e outras tantas.

E por que um arquipélago? Há uma série de situações históricas que fazem das ilhas um alto símbolo do pensamento europeu. A ilha é concebida, como aponta Margantin (2004), como um espaço de experimentação envolvendo o conhecimento humano, tanto em nível político, científico quanto filosófico. É a representação de um mundo em transformação, em extensão, que procura a sua circularidade, que tende para uma visão total (MARGANTIN, 2004). A insularidade é um tema que permeia a obra de White, as ilhas aparecem em muitos de seus escritos e a geopoética representa um dos seus primeiros promontórios. Para White, a ilha é um espaço que a mente pode apreender, isto é, que pode ser concebida como um todo.

¹⁸ A 14^a ilha apresenta-se como uma projeção da tese, que será abordada no próximo capítulo.

Na visão metafórica, as ilhas apresentam características em comum, em particular a presença das costas, o que torna fácil a elas passarem do local para o global e chegarem a uma espécie de consciência cósmica. A insularidade é, por um lado, um espaço delimitado onde certas experiências de vida e pensamentos são possíveis, permitindo uma relação com o mundo aberto, através de novas conexões com arquipélagos.

Da Nova Caledônia ao Canadá, da Polinésia Francesa à Sérvia, de um canto a outro, assim espalham-se as pequenas ilhas geopoéticas, dando forma a uma cartografia em busca do sensível. A arquipelização do instituto nos convida a um exercício de nomadismo, por distintas experiências e campos do saber. Um dos princípios fundamentais da geopoética, diz respeito ao “movimento”. Caminhar, viajar, observar permitem-nos experienciar o mundo. O movimento não se restringe ao corpo físico, mas ao movimento do pensamento que permite que novos caminhos sejam criados e pensados, que as ideias caminhem, aflorem, que estejam abertas à fluidez (ARAUJO, 2021).

“Como habitar o mundo de maneira geopoética?” questiona Rachel Bouvet (2012), representante do *La Traversée*, ateliê quebequense de geopoética. Comungando com a proposta de Kenneth White, a autora demonstra a geopoética enquanto uma possibilidade prática, do dia a dia, evocando a transdisciplinaridade e o nomadismo, em suas propostas de trabalho no âmbito da literatura. O ateliê nômade, como se refere à autora, oferece excursões, cafés geopoéticos, oficinas entre outras atividades que permitem entender melhor a nossa relação com o mundo, demonstrando ser possível habitá-lo de modo geopoético.

A oportunidade de ligar exploração física à exploração literária, sensível e plástica, é um dos objetivos propostos pelo ateliê. Dentre as atividades desenvolvidas que chamam atenção, no campo da geografia está a prática de exploração sensível do ambiente dando origem aos chamados “*Carnets de Navigation*”. Reunindo um grupo de pessoas em um espaço natural ou urbano, a prática propõe renovar a leitura da paisagem, interrogar a maneira pela qual interagimos com o espaço, desenvolver uma relação sensível com o mesmo, e experimentar novas formas de criação coletiva e individual, com vistas a aprofundar a reflexão geopoética (BOUVET, 2012).

Para tanto, são adotadas três perspectivas, como aponta Bouvet (2012). A exploração física do lugar, que permitirá uma interação concreta e polissensorial com a paisagem. As intervenções feitas por pessoas que têm um conhecimento aprofundado

do local seja por sua experiência vivida ou por saberes históricos, geográficos, científicos, permitindo uma melhor compreensão do local a ser explorado. E, por fim, as atividades de criação que darão vida aos cadernos de navegação. “É assim que tentamos habitar a vastidão” (BOUVET, 2012, p. 13). Os *Carnets de Navigation* conservam os traços das experiências dos lugares, reunindo fotos, relatos, notícias, ensaios, desenhos, colagens, mapas, bem como uma multiplicidade de pontos de vista sobre o local visitado. Quanto mais a relação com o mundo ganha em intensidade, mais aumentam os recursos geopoéticos (BOUVET, 2012), por isso a importância do uso de diferentes faculdades da percepção para sua compreensão.

Em outro exemplo, demonstrando a geopoética enquanto uma possibilidade prática, enquanto modo de habitar poeticamente o mundo, o “Centro de Estudios Geopoéticos de Chile”, através da arquitetura, tem trabalhado, em um contexto latino-americano, com proposições geopoéticas no intuito de habitar lugares delicados como o Atacama, Ilha de Páscoa, Patagônia, entre outros. O objetivo é que as paisagens chilenas sobrevivam e continuem ofertando o que muitos sentem ao viajar por estes locais: que são os primeiros a caminhar por ali. “Nós, como grupo, pensamos que a arquitetura e as cidades locais devem estar alinhadas com a realidade, de acordo com as famosas palavras de Hölderlin: *poeticamente o homem habita a terra*” (LABORDE, Miguel. s/d. Tradução nossa)¹⁹.

O Centro de Estudos Geopoéticos busca contribuir para reorientar e melhorar a relação entre o ser humano e o planeta Terra, especialmente na América do Sul, região em risco devido ao recente crescimento da dinâmica tecnoindustrial que, a cada ano, assedia florestas, rios, lagos, praias, céus e solos, que têm sido o sustento e inspiração da habitação humana nesta área, uma das mais ricas e diversificadas do globo (LABORDE, Miguel s/d. Tradução nossa).²⁰

A ilha chilena é uma entre inúmeras outras que compõem o arquipélago geopoético, caracterizado por grandes e pequenos centros ou ateliês espalhados pelo mundo. Apesar de suas características particulares, todos carregam uma preocupação

¹⁹ “[...] nosotros, como grupo, pensamos que la arquitectura y las ciudades locales debieran estar en línea con la realidad, de acuerdo con las célebres palabras de Hölderlin: “Poéticamente habita el hombre sobre la tierra”.

²⁰ “El Centro de Estudios Geopoéticos busca contribuir a reorientar y mejorar la relación entre el ser humano y el planeta Tierra, especialmente en América del Sur, región en riesgo por el reciente crecimiento de la dinámica tecno-industrial que, cada año más, asedia bosques, ríos, lagos, playas, cielos y suelos, los que han sido sustento e inspiración del habitar humano en esta zona, una de las más ricas y diversas del globo”.

comum com o planeta e o desejo de um projeto compartilhado, na busca de compreender a geopoética desenvolvendo-a em diferentes campos de pesquisa, de acordo com as realidades e necessidades locais.

E por que não pensar em uma ilha geopoética brasileira, que tenha como objetivo envolvê-la pelas vias da geografia, uma geografia perpassada pela geopoética? Um espaço que congregue lampejos geopoéticos, sendo um caminho para uma experiência geográfica movida pelo desejo que brota da geopoética, e que nos convém enquanto geógrafos, “uma relação sensível com a Terra”. Um espaço para emergir de geo(grafias)poéticas. Eis o que proponho.

3.1 LUGAR DE ENCONTRO: GEOGRAFIA E GEOPÓTICA

“A geopoética é uma geografia concebida pelos caminhos fenomenológicos. Uma geografia que alia o rigor da ciência à observação pessoal e poética” (GRATÃO, 2006, p. 179).

Fazendo uso da metodologia proposta por Rachel Bouvet, no que diz respeito às explorações físicas, intervenções e interações com pessoas, atividades de criação, e inspirado no Instituto Internacional de Geopoética, bem como em outros centros espalhados pelo mundo, damos um passo rumo a este esforço inicial e assim surge o *Ateliê de Experimentações Geopoéticas*²¹. Visto como práxis emergente, o ateliê revela-se em um *laboratório de geopoética aplicada*, como diria Amar (1990), sendo um caminho para aprofundar o debate sobre a geopoética, contribuindo com o seu desenvolvimento no âmbito geográfico e dando visibilidade a sua potência crítico-criativa, sendo um caminho para ressignificar nossa relação com o mundo, criando laços sensíveis com a nossa base comum.

O Ateliê surge como um desdobramento da presente tese, congregando diversas atividades realizadas durante o período de doutoramento que ajudaram a promover a confluência geografia-geopoética. Conservam artigos autorais, trabalhos que permeiam a temática, fragmentos de experimentações geopoéticas, como a *exposição*

²¹ Link de acesso: <https://ateliogeopoetica.wixsite.com/ateliogeopoetica>

fotográfica “Meu canto no Mundo”, na qual se buscou demostrar, por meio dos registros ali grafados, “um modo sensível de ‘ser (e ver) no (o) mundo’, subvertendo a lógica da técnica, de um enquadramento agradável da realidade ou da exatidão da perspectiva científica” (FERNADEZ, 2019, p.2).

Na contramão de um tempo marcado pela pressa e pela massificação, as fotografias revelam o íntimo, o singular, um tempo de pausa, sendo uma forma de resistência ao modo de habitar contemporâneo. Ali, as imagens foram sonhadas, imaginadas, precedendo o ato de acionar a câmera. O olhar encontra-se sob o efeito dos potenciais das imagens íntimas antes do registro fotográfico ser realizado. A cena íntima encontra com a cena fotografada em uma correspondência fotopoética (MURAD, 1997).

O corpo de uma tese, muitas vezes, não consegue refletir o seu percurso, transvios, seus impulsos de mobilização ou mesmo abarcar com mais detalhes temas que confluem para o desenvolvimento da temática de pesquisa. O Ateliê traz alguns dos traços desse caminhar e pretende ir além, despontando-se em um espaço de *propedêuticas geopoéticas*, que nos introduzem ao tema, e *geopoéticas do porvir*, nos projetando para aquilo que ainda pode vir a florescer.

O que a geopoética teria a contribuir com o pensamento geográfico? Como seria um fazer geográfico perpassado pela geopoética? Como aponta Gratão (2006), a geopoética é uma geografia do interior, que brota de dentro do ser; do lado humano de criação, de arte, do sentimento além do pensamento; das demarcações da liberdade, da inserção do homem no mundo. A geopoética é “uma geografia concebida pelos caminhos fenomenológicos. Uma geografia que alia o rigor da ciência à observação pessoal e poética” (GRATÃO, 2006, p. 179). O ateliê surge como um espaço, que assim como as demais ilhas, escolheram uma linha a ser desenvolvida sob o ponto de vista geopoético. Nossa intuito vem do desejo de resgatar observações pessoais e poéticas dadas à paisagem, bem como a própria tradição empírica da geografia, concebendo-as como modos sensíveis de habitar o presente.

Percorrendo alguns conceitos geográficos que têm no cerne de suas discussões a defesa de uma relação íntima entre homem-terra, trafegamos pela linha de confluência anunciada: o encontro geografia-geopoética. O conceito de *geograficidade*, traçado pelo geógrafo francês Eric Dardel, o qual o descreve como sendo a relação existencial encontrada entre o ser humano e o espaço geográfico é um dos pontos de convergência. Em um profundo movimento geopoético, Dardel (2011)

em sua obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* ressalta que o geógrafo que mede e calcula vem atrás, a sua frente há um homem a quem se descobre a “face da Terra”. Há uma visão primitiva da Terra, pautada em experiências, e por vezes, experiências geopoéticas, o saber, o conhecimento cognoscente, vem em seguida complementá-las. “Interessa-nos aqui (em geopoética) as tentativas e impulsos da chamada geografia humanista, por exemplo, em Dardel, em *o Homem e a Terra*”, (WHITE, 2014, p. 100, tradução nossa).²²

Como discorremos anteriormente, a geopoética traz à tona a proposta de um relacionamento sensível, assim como modos de expressar esse relacionamento. Ela converte-se em uma ferramenta, um modo de aflorar, em uma linguagem próxima à poesia, as geograficidades, projetando-as como base fundante a serem compartilhadas por todos, em uma perspectiva cultural. A Terra, como aponta Besse (2011, p.21), é como o solo fundamental, a origem a partir do qual todo conhecimento e toda existência podem se elevar e tomar sentido. Ela não se restringe a um saber teórico, ela assume um valor prático, ético e moral na medida em que nos coloca diante do compromisso de salvaguardar nossa base comum, nossa morada, devolvendo a nossa própria *geograficidade*.

Outro conceito importante é o de *topofilia*, concebido por Gaston Bachelard (1993) e amplamente trabalhado pelo geógrafo chino-estadunidense Yi-Fu Tuan (2012). Para Bachelard *topofilia* refere-se aos espaços felizes, compreendendo um conjunto de imagens que aspiram a determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços amados. Para Tuan o conceito vem indicar um sentimento positivo, de amor, de carinho, em relação ao lugar. De um modo mais elementar percebe-se que o conceito é composto por “topo” que vem do grego “tópos” = lugar, e “filia” de “filos” + “ia” = amor + qualidade (FARIÑA, 2018). Em defesa do sentido de lugar, encontramos a sua importância na promoção da cidadania. Assim, ao fomentar um sentido de lugar fomenta-se uma maior apropriação e responsabilidade no que acontece no espaço geográfico.

Pensamento paisageiro, defendido pelo geógrafo e filósofo Augustin Berque, é outro conceito que ganha destaque no lugar de encontro geografia-geopoética. O autor buscando um sentido profundo de paisagem, apresenta tal conceito como sendo a relação íntima existente entre homem e terra. Uma ligação que parte da experiência,

²² “Nous intéressent ici les tentatives et les élans de la géographie dite humaniste, par exemple, chez Dardel (*L'Homme et la Terre*)”.

da intimidade com o lugar. Sua proposição está na contramão do paradigma ocidental moderno clássico, que promoveu uma ruptura entre físico e fenomênico, objetivando o mundo e o distanciando do sujeito (MARANDOLA; OLIVEIRA, 2018). Para Berque, resgatar o *pensamento paisageiro* é uma forma de resistência frente ao atual modo de vida insustentável em que vivemos tanto no âmbito ecológico, ético e estético. Sua proposta busca um resgate da nossa organicidade com a terra, uma ruptura entre o paradigma homem e meio.

Como nos sugere Pascall (2013), em consonância com os autores supracitados, a relação concreta e singular que o homem tem com o território não pode ser inteiramente conhecida ou compreendida apenas pelo conhecimento racional vigente. Na verdade, essa relação é existencial. Envolve cognição, percepção, imaginação, emoção e essas, simultaneamente, inscrevem o ser humano no espaço e no cosmos, no tempo e na história, na cultura e na ordem simbólica, nos elementos e nas paisagens. Para expressar essa complexidade, o conhecimento científico clássico demostra-se insuficiente. É preciso, neste sentido, experenciar outras perspectivas, outras geo[grafias]poéticas.

Em um momento, no qual o debate sobre a perda de conectividade com o espaço demostra-se presente, a experiência poética pode ser um caminho para a tomada de consciência de nossa relação existencial com o mundo. Tal método, inclusive, é utilizado pelo filósofo Gaston Bachelard, o qual defende a imagem poética como uma ferramenta de autocompreensão e de alcance cosmológico (MORENO, 2017). Através da poesia, ou para ser mais exato, da imagem poética, Bachelard defende a possibilidade de uma tomada de consciência pessoal e do mundo em que vivemos.

O apelo a outras visões que não a da ciência clássica, percorre, há muito tempo, distintas áreas do conhecimento. A história da ciência geográfica começa na contramão de uma geopoética. O discurso geográfico, por muito tempo, procurou na modernidade – período marcado pela racionalidade, pelo território da razão, do saber metódico e normativo – ser um discurso científico e moderno (GOMES, 2003). A falta de uma multiculturalidade dialógica marca o campo das ciências, inclusive o da Geografia, bem como a própria relação Homem-Terra. Embora diversas contracorrentes tenham emergido, ainda no auge do modernismo, questionando o poder da razão, os modelos e métodos da ciência institucionalizada e o espírito científico universalizante, sente-se, ainda hoje, com o suposto fim do modernismo, que é necessário dar um passo adiante, conceber um novo espaço intelectual e cultural no qual haja uma unidade entre os

saberes.

Ao colocar a Terra no centro da experiência humana, a geopoética convida a ciência geográfica à transdisciplinaridade, promovendo uma abertura para um fazer geográfico mais criativo e integrador, além de fortalecer uma cultura universal — o modo como os seres humanos trabalham, produzem e conduzem um crescimento mais harmonioso do indivíduo e do coletivo em seus ambientes. White encontra na geopoética as bases para uma renovação da cultura. Com isso, ele quer dizer que as culturas de sucesso, se agrupam em torno de um motivo central, um núcleo de interesse, uma poética, entendida como uma linguagem básica da experiência, percepção e expressão. Uma nova perspectiva cultural na qual os vários domínios em que o conhecimento foi separado podem ser unificados por uma *poética*, que coloca o planeta Terra no centro da experiência (MCFADYEN, 2018, n.p.).

O contexto contemporâneo ao mesmo tempo que traz inquietações acerca da experiência geográfica dada a crescente mecanização dos espaços, ressalta sua centralidade na compreensão de diversos fenômenos, sejam socioambientais ou mesmo na compreensão da própria *geograficidade* (MOREIRA NETO, 2017). A geopoética abre possibilidades de concretude de experiência geográficas íntimas com o espaço, de uma intimidade material, na qual deixamos a curiosidade passiva, como aponta Bachelard (2019), que naturalizam a ausência de encanto, nos direcionando para uma curiosidade inspetora, que penetra na profundidade das coisas. A experiência geográfica “[...] se realiza na intimidade com a Terra. É a ‘geografia’ do camponês, do montanhês ou do marítimo” (DARDEL, 2011, p. 93). A experiência dos homens sobre a terra é fundamentalmente geográfica. Tudo aquilo que fazemos cotidianamente, habitar nossa casa, viajar, deslocar-se pela cidade, tem significado geográfico, são experiências geográficas, isto é, experiências geograficamente significadas e contextualizadas (MARANDOLA JR., 2017).

A inevitabilidade da *geograficidade*, como pontua Moreira Neto (2017), nos leva a problematizar e questionar a realidade técnica e tecnológica contemporânea, principalmente no que diz respeito à experiência geográfica. As perspectivas perceptivas e fenomenológicas da experiência geográfica, como aponta Marandola Jr. (2017), são importantes para o conjunto dos estudos ambientais por tencionarem propostas demasiadamente pragmáticas e por reclamar a necessidade de repensar a maneira como nos relacionamos com a Terra, com a natureza, com a sociedade, bem como para compreender a própria geografia científica.

Há um ressurgimento do interesse pela natureza, pelo equilíbrio da vida nos sistemas ecológicos, por relações mais íntimas com a terra, à medida que nos tornamos mais conscientes dos danos que a humanidade está causando ao mundo. E é nesse sentido que a geopoética vem ganhando ritmo. A crítica ao pensamento ocidental trouxe um novo enfoque à integridade do mundo e às diferentes formas de expressar a vida. A geopoética, enquanto uma linguagem genuína da terra intenciona além do resgate da geograficidade e modos de expressá-la, a manutenção de um mundo habitável, um apelo a um campo político, ético e socialmente engajado.

A ampla área de atuação da geopoética oferece espaço para que todas as disciplinas contribuam. Seja qual for origem ou cultura, os princípios básicos de vivenciar o mundo como um ambiente inclusivo, compartilhar e compreender a vida em todas as suas formas variadas, têm o potencial de encorajar um pensamento novo e estimulante. A geopoética não é domínio exclusivo de pensadores e poetas, ela se volta, inevitavelmente, para as experiências vividas. Ela fornece um campo no qual pensamento, poesia, ciência e experiências podem se encontrar, em um clima de inspiração recíproca, visto que estão prontos para deixar estruturas restritas e adentrar no espaço global (cosmológico, cosmopoético) (PRICE, 2015).

Como aponta Gratão (2012), a geopoética é um campo que vem sendo atravessado pela geografia e tem inquietado aqueles que se deixam (en)levar pela imaginação geográfica e a experiência estética do mundo. Muitos geógrafos, apostando nas perspectivas levantadas pela geopoética, têm querido uma aproximação com a geografia. O geógrafo Simon Springer (2017), por exemplo, defende em seu texto *Earth Writing* que já é hora de liberar nossa imaginação geográfica das algemas do nosso passado disciplinar e abraçar com ousadia a imanência da geopoética.

Para Springer (2017), uma abordagem geopoética permite substituir a arrogância que muitas vezes se liga à academia por uma modéstia que nos leva a um maior contato com o resto do mundo. O autor defende a necessidade de se manter aberto a outras visões epistemológicas e ontológicas abrindo espaço para diferentes sentidos da escrita da terra. A geopoética, segundo o autor, é de fundamental importância, pois oferece uma avaliação sincera de nossa relação com a escrita, dando vida a nossa conexão com a terra (SPRINGER, 2017). Conhecido como geógrafo anarquista, crente da capacidade humana de experimentar diferentes ideias e práticas, o autor defende um ativismo acadêmico informado e reflexivo que abrace os

pressupostos geopoéticos. Ele argumenta que precisamos da teoria para uma ação significativa tanto quanto precisamos de ações, ou seja, a geopoética exige *práxis*.

Outro geógrafo que defende a geopoética no contexto da geografia é Eric Magrane. Em seu livro *Geopoetics in Practice*, Magrane (2019) oferece *insights* sobre poesia, lugar, ecologia e escrita do mundo através de uma lente geográfica que ele considera crítico e criativa. Seu livro aborda a geopoética como uma prática reunindo geógrafos, poetas e artistas contemporâneos que contribuem com suas pesquisas, metodologias e escrita criativa. Assim como Springer (2017), Magrane (2019) acredita em uma geopoética que convoca seus envolvidos a agirem, entendendo-a enquanto um movimento colaborativo.

Muitos outros geógrafos têm visualizado na geopoética uma abertura para a ampliação do campo disciplinar da geografia, como destaca Ferretti (2020), que aborda o tema partindo de autores do “Sul global”, especificamente do estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, que se caracteriza pelo hibridismo étnico e uma história de insurgência anticolonial de grupos social e racialmente marginalizados. Ferretti (2020) defende a noção de geopoética enquanto uma redescoberta decolonial de ideias e práticas através da leitura de alguns geógrafos brasileiros, como Josué de Castro, que traz em suas obras importantes contribuições para a relevância social da geografia. Discutindo as raízes da geopoética nordestina, Ferretti (2020) relaciona as obras estudadas a uma geografia de resistência, defendendo-a como um campo de estudo engajado e ativista. Seu principal argumento é que o uso da narrativa e da poesia por geógrafos, como Castro, para fins sociais e políticos mostra a relevância da geopoética para ampliar o campo disciplinar das geografias culturais.

Embora muitos dos geógrafos citados conectem-se a uma abordagem que recorre à literatura para expressar a sua geopoética, vale ressaltar que há uma infinidade de modos de acontecimentos da geopoética. Rachel Bouvet (2012), citamos, ainda que no campo literário, expressa a geopoética através de experimentações, promovendo de forma prática uma relação sensível com os espaços. Pode-se dizer que estas manifestações ou acontecimentos geopoéticos, sejam pela música, pela literatura, escrita ou atividades *in loco*, são pequenas parcelas que compõem o grande campo aberto geopoético.

Kenneth White (2015) prefere se referir a essas práticas enquanto “práticas de inspiração geopoética”, evitando uma redução e confusão do seu propósito fundamental uma vez que um leitor iniciante, ao se deparar com alguma das

manifestações geopoéticas, pode interpretar tal ato como a filosofia geopoética em si. Todavia, a geopoética não se traduz, unicamente, em escrita criativa, práticas e experiências espaciais, embora essas sejam fundamentais e de grande valor. Como vimos no decorrer do trabalho, há um grande campo dentro da filosofia geopoética, congregando experiências, trabalhos acadêmicos e um movimento de renovação cultural. White (2015) destaca que as práticas de inspiração geopoética nos conduzem a uma iniciação ao espaço, a uma leitura necessária da terra, mas frisa o cuidado com as classificações e generalizações (WHITE, 2015).

Ainda no movimento de aproximação da geopoética e geografia, no artigo *Géopoétique et géographie humaniste*, o geógrafo Bertrand Levy (1992), apresenta as semelhanças e diferenças das correntes geopoéticas e geohumanista. O autor não iguala nem a geopoética e nem a geografia humanista com uma nova era poética ou metafísica, mas sim o resultado de um esforço sobre si mesmo de abertura ao mundo (LEVY, 1992). O geógrafo prefere apostar no “diferencial de novidade”, conceito bachelardiano, que as duas abordagens, geopoética e geografia humanista, trazem para as disciplinas de onde vêm.

Levy (1992) aponta que os geógrafos assim como os geopoéticos, além de alguns objetivos, têm referências em comum que derivam de distintos campos de pesquisa, como os filósofos Heidegger e Bachelard. É certo que os julgamentos emitidos em relação aos autores diferem, mas as obras fundadoras permanecem presentes. Levy (1992) pontua que um importante nome passou despercebido do olhar atento dos geopoéticos, mas que aqui fizemos questão de resgatar: Eric Dardel, em o *Homem e a Terra*, obra que também passou despercebida ou sob o silêncio na geografia francesa da época. Hoje, pode-se considerar essa obra como um ponto de encontro entre as duas abordagens. Dardel (2011) entende a aposta de uma geografia poética e existencial, que defende as experiências geográficas. Na tradição de uma hermenêutica, uma interpretação dos signos da Terra, desenha uma geografia que revela e destaca significados e símbolos que conectam o homem à Terra (LEVY, 1992). A geopoética, na mesma direção, defende este espírito de “começo”, de voltar-se para uma relação fundamental com a Terra, traduzindo, por meio de uma linguagem poética, via poesia, fotografias, experiências sensíveis com a paisagem e outras expressões artísticas, os signos da geograficidade.

Embora não tenha surgido no campo da geografia, a geopoética permeia muitas temáticas das quais os geógrafos humanistas estão preocupados. Explorando o

conceito holístico do que significa existir na Terra, em meio à realidade dominante do ponto de vista antropocêntrico ou do impacto humano neste planeta, a geopoética se aproxima naturalmente das experiências geográficas. Aliadas, podemos entendê-las enquanto um caminho no enfrentamento da problemática de pesquisa, principalmente, no que tange ao modo atual de habitar e se relacionar com os espaços.

Enquanto campo semântico entre filosofia, arte e ciência, a geopoética representa uma tentativa de criar uma linguagem particular associada à admiração da paisagem, ocupando um lugar especial no campo da geografia não tradicional, aparecendo nas condições de uma "virada espacial" nas ciências sociais e humanas (BOGOMYAKOV, 2017). Ela promove um pensar-sentir os espaços, defendendo novas inteligências que permitam o florescimento da vida e não sua devastação. De Echeverri (2020) aponta que a capacidade de sentir-pensar a terra como mãe e professora, não como um objeto de manipulação e controle do sujeito, é urgente e necessária.

Estudiosos como Magrane (2019) e Bogomyakov (2017) visualizam a geopoética enquanto uma geografia criativa, isto é, uma perspectiva que abrange tanto a forma criativa de compreender o espaço geográfico quanto um modo criativo de expor os resultados dos estudos. "Geopoética é uma geografia criativa, geografia crível e geografia de criatividade; o trabalho de formação de um corpo cultural geograficamente diferenciado" (BOGOMYAKOV, 2017, p.108, tradução nossa). ²³ A proposta de uma geografia criativa é explorar possibilidades multi e transdisciplinares no campo de estudos geográficos (DE SOUZA; DE ALMEIDA, 2020).

No texto *Geopoética contemporânea no contexto da formação de um novo discurso geoespacial*, Bogomyakov (2017) discute alguns projetos dos quais participou/experienciou ao longo da vida e que, segundo o autor, podem ser interpretados como diferentes formas de geopoética modernas, ilustrando a busca por uma nova relação do homem com o espaço e oportunizando a formação de um novo discurso geoespacial. Tais projetos mostram como a geopoética apresenta-se nas práticas cotidianas e revela seu potencial frente à crise socioambiental.

Dos projetos apresentados, o autor cita o *guião poético*, material repleto de cartografias pessoais em formato de poemas e notas sobre distintos lugares do mundo. O autor argumenta que ao ler o guia poético verifica-se que não há um significado universal dos lugares descritos, são detalhes conhecidos apenas por residentes de longa

²³ "Geopoetics is a creative geography, creatable geography and geography of creativity; the work on the formation of a geographically differentiated body of culture".

data, evocando memórias de infância e experiências particulares. A valorização das singularidades locais e dos encontros íntimos das pessoas com os lugares apresentados no guia poético, descrito por Bogomyakov (2017), revela como uma conexão forte com os espaços vividos, expressos em notas e poemas, é capaz de sobrepujar visões utilitaristas e sugerir experiências de comunhão com a terra, em um sentido visceral, de ligação profunda.

Outro projeto citado, que exemplifica como a geopoética perpassa pelas experiências vividas, é o *clube de jornadas emocionais*. As viagens organizadas pelo grupo, ora expedições históricas, ora ecoturismo ou expedições psico-geográficas, têm um requisito comum: capturar e descrever a importância subjetiva e a beleza de cada viagem. O exercício promove o desenvolvimento intelectual e estético da paisagem, uma espécie de intimidade com o espaço é criada, superando uma percepção estereotipada e mecânica.

Os projetos apresentados são semelhantes há muitas outras práticas espaciais que se desenvolvem em diferentes cidades do Brasil e do mundo. Eles não são acidentais, esboçam algo de geopoético, visto que gravitam em direção a uma nova experiência de crescimento e empatia pela paisagem. As experiências geopoéticas nos abrem para o novo, orientando a interrogação sobre o mundo e nos reconectando a nossa “*libido geográfica*”, uma sensibilidade estética, um desejo guiado pela imaginação de percorrer paisagens, lugares, como expressa o geógrafo John Wright (2014).

As práticas geopoéticas, enquanto uma abertura para experiências geográficas em projeção de *anima* (BACHELARD, 2019) se desvelam em força de compreensão e tradução das entrelinhas que marcam nossa relação existencial com a terra, sendo um modo de responder à perda de sentido, o desencantamento do mundo; voltando-se para um contato mais direto com o sensível, em uma fuga do espetáculo e um convite à experiência íntima. Assim: “É preciso ter um dia sentido o apelo que vem de fora, essa tensão que nos expulsa para fora de nossos confortáveis lares e que nos deixa entrever novos horizontes, para poder caminhar tranquilamente nas trilhas da geopoética (BOUVET, 2012, p.11)”.

Neste sentido, compreendendo a importância de uma aproximação da geografia com a geopoética, assim como navegando por experiências e reflexões geopoéticas no processo de construção da tese, no qual foram realizadas experimentações em forma de leituras de fragmentos/lampejos da cidade, que projetamos o Ateliê de

Experimentações Geopoética. As atividades desenvolvidas neste espaço virtual valorizam a troca de saberes e exercitam um olhar sensível para os ambientes vividos. Trazendo em si uma abordagem transdisciplinar, como pretende a geopoética, sendo uma centelha de esperança em um mundo no qual a sensibilidade se encontra fragilizada, este espaço pretende ser um meio de comunicação e experimentações geopoéticas, desenvolvendo um olhar que capta as poéticas íntimas dos lugares, no âmbito teórico e empírico, para serem compartilhadas numa nova perspectiva existencial, privilegiando um pertencimento comum à Terra.

Diante da defesa de geógrafos em relação a geopoética, como destacado, visualizando em sua proposta a abertura e redescoberta de novas ideias, bem como práticas e ampliação do campo disciplinar da geografia, trafegaremos, no próximo capítulo, revestidos de uma geopoética em *práxis*, sobre as seguintes inquietações: *onde está a relação com a Terra na cidade? Podemos viver, geopoeticamente, na cidade quando sabemos que construir, muitas vezes, não leva em conta o habitar, quando tudo se mostra contrário a "uma morada poética?"*. Percorreremos, neste sentido, o campo experimental de uma geopoética urbana, apontando para a necessidade de reinvenção dos modos de viver e se relacionar com a cidade.

CAPÍTULO 4

Derivas Urbanas

Exposição Fotográfica



“Encontro das Águas. A visão do chafariz, fonte das águas e as nuvens. Foi um momento de graça, perpetuado na memória num inicio de tarde” .
(MELO, 2020).



Deambular. Colagem digital. (ARAUJO, 2022).

“[...] A fórmula para o derrube do mundo não a fomos procurar nos livros, demos com ela vagueando. Era uma deriva de longos, longos dias, em que nada se parecia com aquilo que a véspera mostrara; e que nunca cessava [...]” .

(DEBORD, 1995, p. 49).

Em plena selva de asfalto e cimento da cidade industrial, o personagem Marcovaldo do escritor Italo Calvino (1994), sai pela cidade em busca da Natureza. O personagem sonhador não tem olhos adequados para os semáforos, vitrines e outros signos da sociedade de consumo. Ele está atento às possibilidades de caçar ou pescar na cidade, as aves migratórias e outros tantos detalhes que passam despercebidos na fluidez contemporânea. Marcovaldo busca, de maneira genuína, se conectar a terra, encontrando em meio à selva de pedra, modos de habitar o mundo. Kenneth White (1989) descreveria tal busca como *geopoética*: uma relação sensível e inteligente com a Terra, um modo de resistência ao ritmo de vida moderno, que faz com que não saibamos mais habitar nossos espaços cotidianos. Em uma perspectiva bachelardiana, diria que Marcovaldo estaria em busca de sua *casa natal* e seus espaços amados — ambientes de proteção, abrigo e felicidade. Já na ontologia dardeliana diria que a busca de Marcovaldo revela sua própria *geograficidade* - a relação concreta Homem-Terra.

Por muito tempo uma visão funcionalista prevaleceu no mundo ocidental, criando um dualismo do sensível e do inteligível herdado da filosofia cartesiana, como aponta Benachir (2008) em seu texto intitulado *Vers une architecture géopoétique*. Tal influência refletiu na arquitetura, abolindo as ligações entre o ambiente construído e o ser humano. Segundo Benachir (2008), uma abordagem geopoética do habitar, longe de confiar no subjetivismo individual dos pós-modernos e na dimensão normativa da “máquina de habitar” do movimento moderno, centra-se em uma estrutura vital, de modo a não ser reduzida a funções utilitárias. O habitar geopoético visa integrar o respeito pela existência individual e coletiva na terra, de modo a fundar um ambiente unificado entre natural e construído, sensível e físico (BENACHIR, 2008).

A urbanização desordenada fornece uma das formas mais dramáticas das mudanças e impactos que ocorrem na superfície da terra. O colapso da cidade moderna, como aponta Caprez (2015), leva a uma nova consciência que denuncia o desequilíbrio com o meio ambiente e seu modo excludente de produção do espaço, nos desafiando, cada dia mais, a imaginar novos quadros de vida e formas futuras de “vivermos juntos”. Não só o planejamento urbano, mas diversas outras áreas, incluindo a educação, artes, áreas voltadas para a conservação do meio ambiente, apontam para a necessidade de reinvenção do nosso modo de viver, no qual a relação existencial do homem com o seu espaço encontre a dimensão ontológica do habitar, buscando uma harmonia com a Terra, isto é, modos sãos e inteligentes de se viver.

Pensando nas cidades contemporâneas e em como elas moldam nossas experiências com os espaços, nos deparamos, muitas vezes, com um desequilíbrio entre o vivido e o construído, como aponta Sennett (2018). Para o autor a *cité*, antiga terminologia francesa, que designava o modo de vida em um bairro, os sentimentos de cada um em relação aos vizinhos, aos estranhos, a vinculação com o lugar, bem como uma consciência de lugar coletivo, representando a maneira como se quer viver coletivamente, vem se perdendo, como o próprio conceito, que deixou de existir na França (SENNETT, 2018). Resgatar a consciência de *cité*, de lugar, de mundo, de humano, revela modos geopoéticos de habitar. Como aponta o autor “a maneira como se quer viver deveria ser expressa na maneira como as cidades são construídas” (SENNETT, 2018, p. 12).

Todavia, a forma de planejamento e desenvolvimento das cidades, como aponta Jean Gehl (2015), alterou-se rapidamente no decorrer do último século, bem como o modo dos indivíduos se relacionarem com o espaço. Até 1960, as cidades no mundo se desenvolviam com base em séculos de experiência. Com a florescente expansão urbana, o desenvolvimento da cidade transferiu-se para profissionais especializados – os urbanistas, que passaram a aplicar suas próprias técnicas e métodos no processo de planejamento e construção. O modernismo teve grande influência neste processo, apostando em uma visão de cidade-máquina, a qual resultou em uma cidade fragmentada tendo suas partes separadas por funções. As consequências desse tipo de planejamento – que impactou o uso da cidade pelas pessoas tardou a ser reconhecida. Por muitos anos havia pouco conhecimento sobre como as estruturas físicas exerciam influência sobre o comportamento humano.

Com o passar do tempo, diversos estudos revelaram tais impactos. Guy Debord, escritor francês, cunhou por volta de 1960 o termo *psicogeografia* para tratar dos efeitos que o ambiente geográfico opera sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos, desenvolvendo também técnicas para a apreensão das afetividades urbanas, como a Deriva (ELLARD, 2016). A deriva urbana, como aponta Villa (2013), é uma forma de explorar a cidade, perder-se nela, fazer uma viagem indeterminada usando o corpo como ferramenta fenomenológica e registrando o processo através de alguma representação, como textos, notas, fotografias e desenhos. O importante no processo de deriva não é o ponto de chegada, mas o caminho, no qual o caminhar deixa de ser um meio para se tornar um fim em si mesmo (VILLA, 2013). Pela deriva

passamos da descrição física da cidade para uma experiência de senti-la, o que pode, como aponta Villa (2013), nos colocar em uma aproximação com o “coração urbano”.

Derivar, neste sentido, é vivenciar o espaço a partir da realidade local, compreender e absorver, em sentido perceptivo, as possibilidades sensoriais do cotidiano (ALVES; MONTE, 2019). A intensa mediação técnica das cidades contemporâneas, ao nos desvincular de experiências íntimas com a urbe atrofia o nosso *ser político*, impactando nossas formas de percepção, comprometendo o exercício da cidadania e o próprio direito à cidade, reduzindo, também, as possibilidades de experiências geopoéticas. Certos de tais influências no comportamento humano, hoje, profissionais de diversas áreas (psicólogos, arquitetos, filósofos, geógrafos, educadores) têm apontado para a importância da construção de cidades que garantam condições básicas para que os indivíduos possam se envolver com o meio, fazendo emergir aquilo que a cidade tem de mais importante: a sua dimensão humana.

A lógica capitalista de produção da cidade mercantiliza o espaço urbano, deixando-o destituído de suas características sociais e privilegiando seus aspectos geométricos e funcionais. Não raro, percebe-se que as cidades supervalorizam as formas, com suas imponentes construções e, muitas vezes, deixam desabrigados os corpos, por não proporcionarem condições básicas e atrativas para a sociabilidade.

Para o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (1974), o espaço constitui uma dimensão importante da alienação dos homens, principalmente, nas sociedades industriais e pós-industriais. Ao estudar a produção do espaço o autor defende que a funcionalização e a desumanização dos espaços ganharam um papel de destaque, principalmente nos espaços mais urbanizados. A alienação, como aponta Frémont (1976), esvazia progressivamente o espaço dos seus valores, reduzindo-os a uma soma de lugares regulados pelos mecanismos de apropriação, de condicionamento e reprodução social. Outros estudiosos, como Richard Sennett (2018), Juhani Pallasma (2017), Jan Gehl (2015) e Jane Jacobs (2011) tecem críticas ao planejamento urbano moderno, principalmente pela forma como interfere no bem-estar do cidadino, destituindo-o de uma relação íntima com o espaço e rompendo com a essência do *ser da cidade* – espaço de trocas, diálogo, do exercício da cidadania e do bem-estar.

A modernidade, como aponta Giddens (1991), altera a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. As instituições modernas de hoje se diferem de todas as formas anteriores de ordem social. O grau de interferência, nos hábitos e costumes tradicionais, é expressivo assim como o impacto

global. Segundo o autor, atualmente o indivíduo tem mais incertezas e dificuldades para lidar com as ansiedades, o que nos conduz à insegurança ontológica, que se revela em uma ameaça constante de que nossa autoidentidade não perdure. A experiência contemporânea tornou-se desconcertante, assim, ampliaram as esferas que a compõe e circunscreve nossa existência produzindo uma desestabilização ao introduzir o novo, o tecnológico, o funcional (MARANDOLA JR., 2012).

“A cidade, nos primórdios, foi sonhada e desejada como um modo singular de Habitar a Terra. Ela é produto do desejo, de um sonho de viver juntos, e não puro produto da necessidade” (CAPREZ, 2015, p. 50.). O propósito de construção das cidades foi instintivo nos seres humanos: aglomerar-se, fixar-se, comunicar-se, fazer escambos, entre tantas outras coisas que caracterizam os sentidos iniciais para a construção de uma cidade. A palavra grega para cidade (*polis*) originalmente significava “multidão”, ajuntamento de pessoas. Assim, pensar que o propósito das cidades é econômico, é uma ideia, sem dúvida muito recente (HILLMAN, 1993).

Richard Sennett (2006), ao falar das antigas cidades aponta que a massa de corpos que antes se aglomeravam nos centros urbanos, hoje está dispersa reunindo-se em polos comerciais; mais preocupada em consumir a qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário. Um dos dramas do mundo contemporâneo, como aponta Dardel (2011), é que a Terra foi “desnaturada”, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar por sua escrita sóbria e vívida.

Nesse sentido, a fluidez das cidades contemporâneas ao intimidar um contato íntimo com os espaços, ofusca a essência da cidade, na qual razão e imaginação, sociabilidade e desenvolvimento, participação e planejamento, construir e habitar deveria coexistir. A cidade contemporânea, por vezes, é tida como a cidade dos olhos, seus movimentos rápidos e mecanizados podem dificultar um contato íntimo e corporal com a mesma. À medida que a cidade do olhar e da “arquitetura da retina” tornam passivos os corpos e os outros sentidos, nos colocamos em uma situação de alienação, de espectadores, incapazes de participar (PALLASMA, 2017). A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores tornou-se reduzida e, constantemente, ameaçada. É preciso, como aponta Gehl (2015), reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta. Criar o espaço, eis o que sugere o geógrafo Armand Frémont (1976). Ao falar

em produção do espaço, terminologia utilizada com frequência entre urbanistas, geógrafos e sociólogos, o autor aponta que este revela em si a predominância de mecanismos econômicos que agem na regulação e alienação do espaço. Para o geógrafo o termo deveria ser substituído, em uma perspectiva de superação, por “criação do espaço”, o que viria a substituir o ordenamento do espaço por uma “arte do espaço”. Segundo o autor, as cidades têm sido produzidas e não criadas, eventualmente tem-se espaços belos nos planos, mas desumanos na realidade vivida.

O despertar da arte do espaço só é concebível, como aponta Frémont (1976), na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores e cineastas. Os mesmos evocam em seus trabalhos a região dos homens e suas individualidades regionais, fato não presente em muitas formas de organização e planejamento do território.

É preciso ir mais longe, incitar à crítica ao que existe, recuar a ordem do ‘standard’, suscitar a elaboração de projetos que deem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos de imaginação jovens (FRÉMONT, 1976, p. 262).

A arte de criar o espaço esboça uma necessidade de se estabelecer vínculos intimistas e democráticos com a cidade, abrindo espaços para o exercício da experiência. Nesta proposição, de “criação do espaço”, faço uma aproximação com o *Plano Cerdà*, que transformou a cidade de Barcelona, na Espanha, tornando-a um exemplo de urbanização mundial. O arquiteto e engenheiro catalão Idelfons Cerdà, em 1859, sob a ideologia de um “urbanismo humanista” aspirava criar uma cidade com ruas largas e espaços verdes, privilegiando um espaço de convívio social. Na sua forma de pensar o urbanismo, preocupou-se em “como pensar a cidade” e no que pensar primeiro destacando conceitos fundamentais como: coerência espacial, homogeneidade, circulação e convívio social — enfatizando a preocupação com aqueles que iam habitar a cidade (INBEC, 2019).

Sobre o plano Cerdà, Albert Serratosa, descreve:

Os critérios e objetivos, explícitos ou implícitos, do projeto para Barcelona exalam humanismo por toda parte e a igualdade, liberdade (privacidade) e coesão social, são os fundamentos essenciais de sua prática. A cidade "igualitária" (integralmente igualitária) é, em suma, o objetivo almejado. Como é também o equilíbrio entre os valores urbanos e as vantagens rurais. "Ruralize o urbano, urbanize o rural" é a mensagem lançada no início da Teoria Geral proposta por Cerdà. Em outras palavras, sua finalidade é priorizar o "conteúdo" (as pessoas)

sobre o "continente" (as pedras ou os jardins). A forma; assunto tão obsessivo na maioria dos planos, nada mais é do que um instrumento da máxima importância, embora, muitas vezes, excessivamente decisiva e às vezes autoritária. A magia de Cerdà consiste em engendrar a cidade a partir da habitação. A intimidade do lar é considerada prioridade absoluta e, em uma época de famílias numerosas (três gerações), possibilitar a liberdade de todos os membros poderia ser considerado utópico. Cerdà acredita que o lar ideal é o isolado, com sutilezas do espaço rural. No entanto, as enormes vantagens da cidade obrigam-nos a compactar, a essência do feito urbano, e a projetar uma casa que permita montá-la num edifício multifamiliar de grande altura, e usufruir, graças a uma distribuição cuidadosa, da ventilação dupla pela rua e pátio interior do bloco. A carícia do sol é garantida em todos os casos (2009, p. 3-4, tradução nossa).

Barcelona que conhecemos hoje, e que falaremos com mais detalhes adiante, em especial sobre as experiências urbanas realizadas na cidade, é, em grande parte, decorrente da influência do *Plano Cerdà*. É comum caminhar por suas ruas e se deparar com jardins internos, quase que secretos entre os edifícios. Ou mesmo se deparar com grandes pátios ao atravessar os pequenos portões de edifícios públicos. Para contemplar a configuração igualitária da cidade e o caráter humanista da proposta, se repartem homogeneamente pelo território os equipamentos, como hospitais, escolas, mercados, igrejas, as praças e zonas verdes (SERRATOSA, 2009).

O processo de planejamento e construção das cidades, ao levarem em consideração o ato de criar, na perspectiva de Frémont (1976), podem reforçar a importância da participação popular e a necessidade de preservar identidades e singularidades locais. As cidades, em condições mecanicistas sob a influência de grandes produtores do espaço, no uso de uma imaginação reprodutora, seriada e repetitiva traz drásticas consequências para a qualidade de vida da população, bem como para sua própria relação com o mundo circundante. Compromete a participação cidadã, acentuando a alienação dos sujeitos, assim, reduz as possibilidades educativas advindas de uma experiência intimista com o espaço vivido, promove a passividade, a monotonia, o cerceamento tátil, bem como priva de uma imaginação criadora, tal como almejada por Frémont (1976) e sugerida por Bachelard (1993).

Na tese intitulada “*Geopoética urbana: um caminho geopoético paradoxal*”, Séverine Steiner (2005), questiona: É possível ligar a cidade à geopoética e, portanto, considerar uma geopoética urbana? Steiner, como aponta Levy (2016), considerou problemática, mas não intransponível a contradição entre a geopoética, que fortalece a ligação Homem-Terra e o urbano ou tudo que toca à cidade, que pelo contrário, em

seus moldes atuais, tende a nos distanciar da Terra. Em verdade, para Steiner, na leitura de Levy (2016), é possível ter uma relação geopoética com a cidade, qualquer que seja, marcada pela indústria ou pela presença de belas paisagens naturais.

Levy (2016), em sua obra *Ville et Geopoetique dans L'oeuvre de Kenneth White*, exemplifica como lugares comuns, no contexto urbano contemporâneo, podem proporcionar experiências geopoéticas. Relata que ao sair para comprar castanhas quentes no inverno, próximo ao seu local de trabalho em Genebra, não encontra mais um ticianês, como antigamente, mas sim um etíope, um homem encaracolado de certa idade. Ainda que os personagens não sejam os mesmos, este é um dos seus lugares de refúgio, um de seus lugares pessoais ou, talvez, aquilo que a cidade ainda pode fornecer de geopoético – encontros com espaços amados (BACHELARD, 1993). O castanheiro queixa-se dos poucos clientes: “os jovens já não compram mais livros ou castanhas [...]” (LEVY, 2016, p. 6). Esse é o início de um pensamento geopoético, o despertar de uma geopoética urbana. É o desenvolvimento de um pensamento geopoético a partir de uma experiência da cidade, que se traduz em uma expressão (LEVY, 2016).

No artigo *A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas* (ARAUJO; MOURA, 2021), apresenta-se um esforço inicial em relação ao tema, um trafegar sutil por uma geopoética urbana, buscando ressignificar a cidade como um repertório poético e pedagógico, situando o homem no mundo a partir de sua dimensão imaginária. Nessa proposta apresentamos narrativas de experiências vividas em cidades latino-americanas e europeias, fazendo uso de fotopoéticas e possibilitando o desvelar poético dessas experiências.

Em outra experiência prévia que trafega pelo tema, apresentamos no artigo *Em busca do sentido da paisagem: percursos por Londrina (Brasil) e Coimbra (Portugal)* (MOURA; ARAUJO, 2019), como os sentidos humanos, a partir da experiência corporal, são meios importantes a serem considerados na apreensão e compreensão do real. A experiência de paisagem se dá pela presença no mundo, envolvendo os olhos, o tato, a audição, a degustação, o olfato – são as percepções do corpo mediadas pela mente/espírito que dão significados diversos e criam imagens das paisagens vividas. Adotou-se, nesta proposta, como ponto de partida a experiência da paisagem, uma geografia informal, originária do mundo da vida, envolvendo aspectos intuitivos, perceptivos e estéticos, pelo qual se busca uma significação e construção de imagens, com o objetivo de estabelecer um diálogo profícuo entre o conhecimento científico e o tácito, advindo da íntima relação existencial entre o Homem e a Terra.

Ambas as experiências prévias nos direcionam a uma proposta de relação mais sensível com a cidade. Assim, como forma de apresentar um pensamento de cidade traduzido em experiências, nos aproximando de uma geopoética do espaço urbano, orientados na metodologia proposta por Rachel Bouvet (2012) e em experiências de derivas, realizamos um ***Caderno de Navegações Geopoéticas***, ilustrando experiências vividas em Londrina, oriundas de deambulações, conversas com transeuntes e registros fotográficos, com experiências vividas em cidades da Catalunha, na Espanha, fruto das vivências do Programa Doutorado- Sanduíche no Exterior (PDSE).²⁴

O caderno de navegações desponta-se como um modo de ser-estar na cidade. As experiências urbanas reúnem-se como uma leitura poética do espaço, em oposição às leituras tecnicistas que fragilizam suas relações sensíveis e íntimas. A descoberta do mundo, em termos sensíveis, como aponta Cabral (2020), se associa, em grande medida, à capacidade que temos de nos deslocar no espaço. Assim, tendo como mote principal o ato de caminhar, entendido enquanto gesto atávico relacionado a um só tempo, ao reconhecimento sensível dos espaços à nossa volta e à possibilidade de sua transformação (CABRAL, 2020); estabelecemos contato com a materialidade da paisagem, advindas do potencial estético inerente ao ato de caminhar.

O caderno, portanto, revela-se como a experiência sensível da paisagem, uma espécie de antídoto contra o espetáculo que marca, muitas vezes, nossa experiência com o espaço urbano. Enquanto uma atitude de subversão à monotonia, abrindo possibilidades de questionamentos sobre nossas relações com os espaços, propomos uma imersão no espaço urbano, deixando florescer possibilidades de outras relações, que ultrapassem as marcas de uma dinâmica social e comportamental voltada à exigência da produção e do consumo.

Em consonância com Nobre (2014), acreditamos que:

Antes de tudo, de nos empenharmos em um trajeto contra o fluxo, devemos parar, e por um momento observar, mas não com um olhar comum, devemos nos deslocar a observar profundamente o mundo. Só assim poderemos compreender a possibilidade de uma nova ótica em nosso cotidiano. Momento esse que chamo de deriva, onde a mente pode fluir por novos canais, que não aqueles já estipulados e determinados. Canais criados a partir de conexões não habituais, na

²⁴ A estância de estudos foi realizada na Universitat de Barcelona, na Espanha, sob a orientação do professor Dr. Joan Tort Donada, no período de outubro de 2021 a maio de 2022.

interação entre pessoas, e na vivência do espaço geográfico (NOBRE, 2014, p.39).

Tais experimentações, marcadas por derivas e deambulares, dando vida ao caderno de navegações, desdobram-se em uma proposta de educação geopoética, a qual permeia embrenhar-se pela paisagem, sendo e sentindo-a, resgatando as raízes do sentido de habitar, ainda que um habitar em transe, no movimento, que nos coloca frente a uma experiência originária da terra - do saber-se ligado a ela (MOREIRA NETO, 2019).

CADERNO DE NAVEGAÇÕES GEOPOÉTICAS

ENTRE BRASIL E ESPANHA



[...] Enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência [...] (KRENAK, 2019, p. 21).

Manter vivas nossas poéticas sobre a existência. Habitar a vastidão do mundo. Habitar a cidade em movimento. Interrogar a maneira pela qual interagimos com os espaços e aprofundar a reflexão geopoética, eis nosso intento inicial.

Esse é um inventário de detalhes, um apanhado de (in)significâncias, nas proposições de Manoel de Barros (2001), daquelas que buscam a poesia nas palavras, no caminhar, nas pausas, paragens e movimentos. Nas coisas. É uma aproximação minuciosa dos trajetos realizados por mim durante viagens e deambulares em tempos pandêmicos. É um ato de deriva, no qual apresento cenas que me saltam aos olhos, narrando uma cartografia relacional, íntima, com os trajetos percorridos.

Nessas páginas, abre-se espaço para incertezas, para projeções e interpretações, contrapondo os modos formais de construção de conhecimento em defesa de outras possibilidades de exploração do mundo. De que modo “dizer o mundo” se os mapas se contentam em representá-lo e reduzi-lo a convenções conceituais? Questiona Onfray (2009). Gostaríamos de dizer o mundo de outras formas, buscando, como bem aponta o autor,

Reativar a fixação das vertigens, retomar nossas anotações, nossos cadernos de croquis, fotos, bilhetes e papéis diversos, consultar novamente os suportes aos quais confiamos nossas impressões solicita a memória com eficácia. Tornamos a mergulhar no amontoado das impressões imediatas retidas no tempo, podendo separar o essencial e trazer de novo à superfície os momentos de luz com os quais se constrói a lembrança. A obra se anuncia e depois se enuncia nesse trabalho voluntarista. Com o passado preparamos o futuro, assim o presente fica mais denso, mais coerente, mais consistente. Organizar os vestígios desobstrui, põe a alma em forma (ONFRAY, 2009, p. 75).

Deambular Geopoético por Londrina

*"a rua dança a cidade:
a rua não tem só malandragem,
tem cultura e arte".*

Trecho caderno de campo. (ARAUJO, 2019).

Pelas ruas de Londrina, em um ato de deambular, colocar-me em movimento, lançando-me ao acaso dos encontros e não encontros; costumava sair para caminhar com frequência. Às vezes pelas ruas centrais, próximo à minha antiga casa, na Avenida São Paulo, às vezes até o lago Igapó ou ao Zerão. Outras pelas ruas paralelas ou por aquelas que eu ainda não conhecia. Eram estes exercícios, primários, que me ajudavam a pensar em uma geopoética do habitar.

Dezembro de 2019; naquele dia em especial, resolvi caminhar pelo centro da cidade, em direção ao calçadão da Avenida Paraná. Era um sábado, as ruas estavam movimentadas. Comerciantes, moradores, visitantes, todos envolvidos na trama urbana, cumprindo seus afazeres e realizando suas obrigações. Mal podíamos imaginar que aquela cena, tão cotidiana e corriqueira, seria interrompida nos próximos meses. Uma pandemia se aproximava e com ela uma nova redefinição do habitar nos seria decretado. Aproximando-me do calçadão, de longe, uma música, ao som de palmas, ecoava. Uma aglomeração de pessoas, em uma espécie de semicírculo, atraídas pela mesma curiosidade – assistir uma apresentação de dança. O grupo que se apresentava trazia como *slogan*, estampado em suas camisetas, “*a rua dança a cidade: a rua não tem só malandragem, tem cultura e arte*”.

Enquanto o evento acontecia, embalado por músicas dançantes, um senhor se aproximou e me perguntou do que se tratava a festividade. Prontamente lhe respondi, pautando-me na resposta que havia recebido ao realizar a mesma pergunta para outra pessoa que ali estava. Embalamos em conversas. Com olhar surpreso, me disse o quanto estava achando bonito ver tantas pessoas, de idades próximas a sua, dançando,

tão bem-dispostas e animadas. Frisou que momentos como esses acabam por desestressar e “aliviam a cabeça”. Morador de uma cidade vizinha, agricultor dedicado à criação de tilápias, disse visitar Londrina com frequência. Na ocasião aguardava por uma consulta médica, e para melhor aproveitar o tempo passeava pelo calçadão. Falou dos noticiários que retratam sempre cenas de violência, desencorajando as pessoas a frequentarem alguns ambientes da cidade. Ao mesmo tempo, incentivou-me a não ter medo e disse que Londrina é uma cidade linda, que há muitas coisas boas e bonitas, como essa para ver.

Figura 3- Deambulares em cena, Londrina – 1



Fonte: Araujo (2019).

Corpo ordinário no cotidiano urbano.

Compreender as pré-existências corporais resultantes da experiência do espaço, para se apreender as pré-existências espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas (JACQUES, 2008, p. 1).

...

Era sexta-feira, meados de dezembro de 2019. A cidade já se encontrava em clima de natal. Com vagar, pus-me a caminhar, sempre atenta e receptiva aos possíveis encontros, descobertas e conversas. Carregava comigo uma pequena caderneta, uma fiel companheira e “guardadora” de detalhes que ilustram, em escrita, as páginas que

seguem. Após algumas voltas, desvios, pausas cheguei ao “Espaço de lazer Luigi Borghesi”, o Zerão. Parada em frente a uma quadra de esportes avistei um grupo da terceira idade, a maioria orientais, praticando uma atividade, na qual não consegui identificar de imediato. Instantes depois um rapaz, movido pela mesma curiosidade, se aproximou e ali assistimos e conversamos a respeito do que poderia ser o jogo praticado. Descobri, mais tarde, em uma pesquisa pela internet que se tratava de um esporte chamado *gateball*. O rapaz com quem eu conversava (por volta de uns 35 anos) não estava com roupas esportivas, parecia estar a passeio. Perguntei se estava caminhando ou praticando alguma atividade física e ele respondeu que estava ali só para passear e se distrair um pouco. Disse que com frequência visita o Zerão, pois gosta daquele espaço arborizado e tranquilo. Mesmo residindo cerca de 5 km do espaço de lazer, relatou que sempre que pode visita o local, seja para a prática de esporte ou pelo simples prazer de sentir-se tranquilo contemplando a paisagem, descansando e interagindo com as pessoas.

Embora de forma rápida, a conversa me chamou atenção, pois algo faz com que ele se desloque de um lugar relativamente distante, para estar em um ambiente que considere agradável e tranquilo. Seria esse um desdobramento da geopoética, a busca por experiências que nos coloquem em situação de bem-estar?

...

A caminho do Parque Arthur Thomas, a fim de participar de um evento chamado *Naturação*, um convite para “estar na natureza”, desenvolvendo atividades ao ar livre, exercitando uma proximidade com os espaços naturais, coloco-me em diálogo com o motorista do aplicativo que me conduz até o local. Em poucos minutos de conversa sou envolta por questionamentos a respeito das experiências de lazer na cidade, as quais me fazem estender os questionamentos sobre o próprio habitar urbano. Era 15 de dezembro de 2019, por volta das 16 horas, no caminho o motorista me pergunta, “*o parque ainda está aberto?*”. Respondi que sim. E que naquela tarde aconteceria um evento ao ar livre, com apresentações musicais e outras atividades. Envoltos em conversas, o motorista relembrou do tempo em que frequentava o parque e disse não fazer mais, com tanta frequência, por falta de tempo.

Relatou, também, que o abandono dos espaços públicos tem aumentado na cidade, fazendo com que as pessoas deixem de usá-lo. Disse-me o quanto a cachoeira do parque era linda e de como gostava de visitá-la. Ainda falou do Jardim Botânico,

relembrando a época em que o parque tinha “moradores” peculiares, como um jacaré e alguns cágados. Disse que costumava levar seus filhos para fazer as trilhas do parque e para ver os animais que ali viviam. Mas a correria atual, imposta pelo trabalho, o fez deixar, pouco a pouco, de frequentar esses espaços. Passando a maior parte do seu tempo em um automóvel, são raras as vezes que consegue sair para caminhar ou ter uma experiência corpórea com a cidade.

Prosseguimos em conversa e ele falou da “Caravana de Natal” que havia passado por Londrina nos últimos dias. Disse que o evento foi lindo e teve sorte de conseguir acompanhá-lo, do início ao fim, pois estava na rua, trabalhando. Para aproveitar o “feliz acaso” decidiu desligar o aplicativo do Uber, estacionar seu carro, e se colocar a assistir. Seu comentário chama atenção e ilustra de certa forma as experiências que passamos a ter com os espaços, impostas pelo ritmo frenético das cidades, nos colocando sempre em estado de passividade. “Ainda é possível falar em experiência urbana?”, questiona Marandola Jr. (2020), colocando a possibilidade ou não da experiência urbana como experiência geográfica em questão.

Entre possibilidade e impossibilidade, a experiência geográfica parece depender de uma reelaboração da linguagem não distanciada de um corpo-mundo situado, como carnalidade cuja reversibilidade lhe confere o sentido de passagem. Ter uma experiência, neste sentido, é ser atropelado, afetado, indo de encontro, no aberto, que implica uma geografia da negatividade, entre o ordinário e o extraordinário, nos desafiando a pensar o habitar urbano em suas ambivalências e descontinuidades (MARANDOLA JR., 2020, p.10).

Ir ao encontro, colocar-se em movimento e experienciar. É preciso, encontrar modos de acessar as experiências urbanas, vivê-las, ainda que na contramão das forças que nos colocam em estado de sedentarismo. Habitar! As mesmas geram um tipo de micro-resistência, em particular, a experiência corporal da cidade, estimulada por errâncias que, por sua vez, resulta em diferentes corpografias.

Uma *corpografia* urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta (JACQUES, 2008, p.1).

Figura 4- Deambulares em cena, Londrina- 2



Fonte: Araujo (2019-2022).

A cidade lida pelo corpo.

Deambular Geopoético por Barcelona

Muitas outras não conseguem escolher para
sende olhar, se perdem a todos momentos
Sinto cheiro do mar, sinto cheiro da
cidade Barcelona é uma medida bonita
de tantas coisas

Trecho caderno de viagem. Barcelona, Espanha. (ARAUJO, 2021).

Estimada Danieli,

Tal vez cuando leas este correo ya estarás en Barcelona, y tomando un primer contacto con la ciudad. Si es así, ¡bienvenida! Y si no, te traslado desde acá el deseo de que tengas un óptimo viaje.

Si todo va bien, y no me indicas lo contrario, te espero el próximo miércoles, a las 10, en el vestíbulo de la tercera planta de la Facultad de Geografía e Historia de mi universidad (calle Montalegre, 6-8; me imagino que te situarás fácilmente en este sector del centro de la ciudad: el barrio del Raval, dentro de la Barcelona antigua o ciutat vella).

Hacia esa hora espero poder aparecer por allí. Tengo una clase a las 12:30, pero creo que hasta entonces podremos disponer de tiempo suficiente para que me expliques un poco tus ideas, propósitos y planes de cara al período que proyectas pasar en Barcelona – que espero que sea, para ti, el máximo de fecundo.

Aprovecho este correo para mandarte unos textos que pienso que pueden serte útiles de cara a una inmersión progresiva en la ciudad. Los dos conciernen una figura que estoy seguro de que, como geógrafo, te va a interesar: Ildefons Cerdà, el ingeniero que concibió, a mediados del siglo XIX, la 'nueva Barcelona' (y, de paso, inventó el urbanismo moderno). El folleto que te adjunto es una magnífica síntesis sobre sus hallazgos y su aportación en general.

También añado – un artículo mío (y del colega, con quien trabajo) que te permitirá introducirte un poco más en el tema; y, particularmente, en la

idea de Barcelona como lugar, que pienso que, de algún modo, podría ser para ti un planteamiento interesante de cara a tus pesquisas.

Bien, creo que nada más. Espero no agobiarte con esta "lluvia de propuestas". Tómatelas, simplemente, como sugerencias. Ahora lo importante es que 'tomes tierra' (en el sentido amplio de la expresión) y que te adaptes con facilidad a tus nuevas coordenadas geográficas.

Un saludo muy cordial, en cualquier caso, y hasta bien pronto,

Joan Tort.

(E-mail recebido no dia 09 de outubro 2021, grifo nosso).

Recebida com tamanha atenção ao chegar a Barcelona, no dia 10 de outubro de 2021, não havia outro desejo, senão o de “*tomar terra*”; lançar-me à deriva, às minhas novas coordenadas geográficas. Ainda carregava no corpo o cansaço de longas horas de viagem, mas a vontade de me aproximar da cidade, de conhecê-la em detalhes era maior. Sentia-me em um estado de encantamento, nada passava despercebido. Era como se a cidade acontecesse no percurso, desvelando-se no movimento. Senti o cheiro do mar depois de tantos anos. Senti o cheiro úmido do bairro *Gótico e do Raval*. Vi turistas, moradores, caminhantes, muitos sem máscaras – para minha surpresa era permitido não usá-las. Ouvi, assim que descia do táxi, o som de um piano que alegrava os transeuntes na *Praça Ramon Berenguer*. Ali, naquela mesma praça (minha primeira morada em Barcelona), passei a ouvir, regularmente, o pianista que vinha tocar aos domingos.

Depois de uma longa conversa com a anfitriã, que tão bem me recebeu, saí pelas ruas sem direção, sem saber para onde ir, qualquer caminho me levaria ao novo, à descoberta. Na companhia de uma “futura amiga”, que acabara de conhecer pessoalmente, também doutoranda em geografia, nos colocamos a caminhar. No trajeto, entre pausas para um café, para olhar as vitrines ou fotografar, falávamos das construções, tentávamos descobrir o significado de alguns símbolos e cartazes espalhados pela cidade. Tentávamos entendê-la, ouvi-la, nos dispondo à descoberta.

Lembro-me, naquele momento, de seguir atenta ao conselho “*ahora lo importante es que 'tomes tierra', en el sentido amplio de la expresión, y que te adaptes con facilidad a tus nuevas coordenadas geográficas*”. Conforme Cabral (2020), ao caminharmos em errância, isto é, desprovidos, ainda que provisoriamente de rumos, de destinos ou de itinerários, nos colocamos à disposição do desconhecido sem a

pretensão de reconhecê-lo ou de delimitá-lo em sua totalidade. Pela caminhada nos dispomos à possibilidade de desvelamentos.

Figura 5- Primeiros registros em Barcelona, dia 10 de outubro de 2021



Fonte: Araujo (2021).

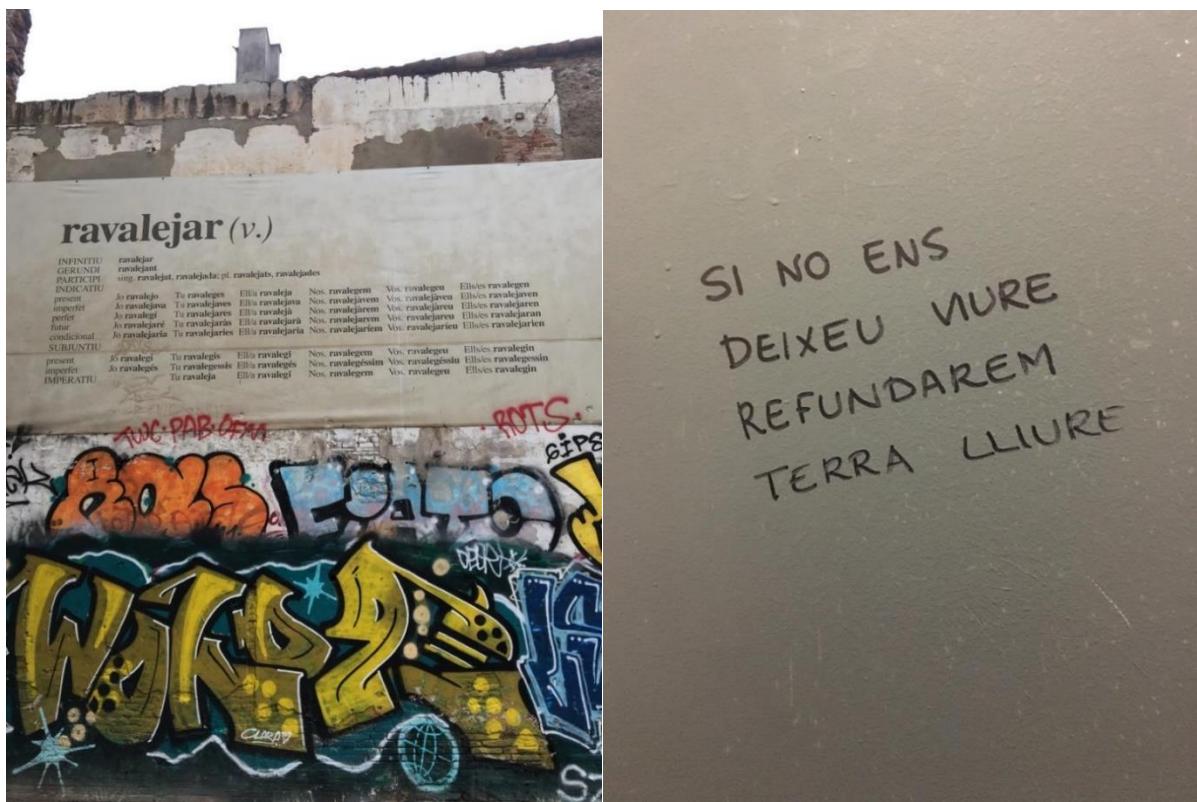
“Chegando a qualquer nova cidade o viajante reencontra o seu passado que já não sabia que tinha: a estranheza do que já não somos ou já não possuímos espera-nos ao caminho nos lugares estranhos e não possuídos” (CALVINO, 1994, p. 30).

Com o tempo, assumindo as novas coordenadas, fui ressignificando lugares, de desconhecidos e incógnitos a espaços familiares. As territorialidades e geograficidades que marcam o espaço urbano, vagarosamente, iam se apresentando. Aos poucos passei a conhecer os locais não mais pelo seu nome de registro, dado no *google maps*, mas pela forma como os residentes os chamavam. A “meca dos skatistas”, por exemplo, é um espaço em frente ao Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA), ponto de encontro de amantes e admiradores do esporte, que se reúnem diariamente para praticar ou assistir as manobras nas escadas, bancos e corrimões.

O “ravaquistão”, outro exemplo, faz referência ao bairro Raval, um dos bairros mais diversos de Barcelona, devido, principalmente, à grande quantidade de

estrangeiros que moram ali, em sua maioria de origem indiana e paquistanesa. Conhecido, por muitos, como um bairro pouco seguro, herança que remota à década de 1970, período em que o bairro era dominado pela presença de drogas e prostituição, hoje, após processos graduais de reforma, o bairro é um lugar de diversidade, uma área vibrante, com museus, ruas repletas de bares boêmios, cafés, livrarias, lojas de grife e muita arte de rua. Frequentando o bairro diariamente, como via de acesso à universidade; pude desconstruir estereótipos dado ao bairro. Por suas ruas estreitas, sempre movimentadas, construí meus primeiros mapas afetivos de Barcelona.

Figura 6- Nas paredes, as vozes do Raval- 1



Fonte: Araujo (2021).

À esquerda, a conjugação de Raval, o verbo *ravalejar*, *em todas as suas conjugações e tempo possíveis*. Para alguns o significado do verbo refere-se passar um tempo no Raval. Mas para muitos, esta obra de arte significa mais do que passar tempo no bairro, define a personalidade e a identidade do mesmo, um sentimento, uma forma de fazer as coisas num bairro cheio de energia. À direita, grafado na parede da Faculdade de História e Geografia da Universidade de Barcelona a frase: “*Se não nos deixar viver vamos refundar a terra livre*”.

Figura 7- Nas paredes, as vozes do Raval -2



Fonte: Araujo (2021).

À esquerda, “a dança das calçadas de uma boa cidade nunca se repete de um lugar para outro, e em todos os lugares está sempre repleta de novos improvisos” (JACOBS, 1961). À direita, “Você ouve os pássaros canoros à noite? A maioria não fica acordada para tal visão! Mas esse voo solitário traz o silêncio ao deleite”; “Você sente os lábios da chuva andando na rua vazia inundada de dor [...]”; “Você pode ver através de todas essas cortinas? Quem está por trás de tudo isso? [...]”.

A experiência de caminhar, diariamente, pela cidade foi o exercício que melhor me permitiu conhecê-la, convertendo-se, naturalmente, em uma metodologia para a compreensão e para habitar a cidade. Vi despontar, nestes percursos, geopoéticas, vozes narrando o desejo de uma relação íntima com a terra, fazendo repercutir a necessidade imediata de habitá-la. Durante os meses que ali residi (a)dotei espaços de estima, por sempre frequentá-los. O café *Buenas Migas*, no bairro Poble Sec, no qual podia sentar para um café, trabalhar e observar o ritmo da cidade. O bar *Rincón del Cava*, com ambiente acolhedor e que reunia diariamente os mesmos frequentadores. O café 365 do lado da universidade, o clube *Cronópios*, no qual ocorria semanalmente

Slam de poesias, todos esses deixaram de serem espaços usuais e se converteram em espaços carregados de significados.

A participação em saídas de campo, também auxiliou na apreensão e cumplicidade com a cidade. Nesses momentos, além de um contato direto com os espaços, me via diante de um laboratório aberto, descobrindo as infinidáveis informações impressas na paisagem. Ir a campo, como aponta De Lima (2016) requer objetividade, mas, ao mesmo tempo, demanda um deslumbramento. “Ninguém parte de uma zona de conforto, do vivido e conhecido, em direção ao abismo, se não tem uma fagulha que lhe desperte um devir. Ir a campo é, também, um impulso de curiosidade” (DE LIMA, 2016, 2017).

Dentre as saídas, recordo-me da primeira que realizei junto ao grupo de estudantes da disciplina de *Ordenamento e Planejamento Territorial* da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona, na qual eu acompanhava com regularidade as aulas. A saída tinha como objetivo realizar um reconhecimento de parte do bairro Raval, em especial próximo à Rambla, observando suas características urbanísticas e arquitetônicas, seus traços básicos enquanto um antigo curso de rio e as transformações dos seus antigos afluentes. Com um roteiro a ser realizado a pé, o ponto de encontro era a entrada principal da universidade, seguindo em direção à *fonte de Canaletas* (figura 8).

Figura 8- Eixo estruturante da Ciutat Vella



Fonte: org.: Araujo (2022).

Localizada na Rambla do Raval²⁵, bairro do distrito da Cidade Velha, nascido da extensão das antigas muralhas medievais da cidade, a fonte de Canaletas guarda uma série de simbolismos. Tradicionalmente o espaço é onde os torcedores do clube de futebol de Barcelona (FCB) comemoram os triunfos da equipe. Mas a história que me chamou a atenção diz respeito a uma lenda, muito conhecida na cidade, a qual diz que quem beber água da fonte das Canaletas, estará sempre apaixonado pela cidade e por mais longe que viva, voltará para visitá-la pelo menos uma vez em sua vida. Cumprindo a superstição, sempre que passava por ali, seguia o ritual, na companhia de outros que ao descobrir a história ou por já saberem dela, repetiam o gesto.

Percorrendo labirintos, em meio ao enredo urbano, me deparava com ruelas e pátios deslumbrantes. Recordo-me da sensação de surpresa e arrebatamento ao atravessar um pequeno portal e me deparar com o grande pátio da *Praça Real* ou mesmo com o jardim do *Edifício Histórico da Universidade de Barcelona*. Estes “redutos secretos”, que só se podem encontrar estando imersos no embaraço da cidade, revelam como os jardins, os pátios, os espaços para trocas, estes testemunhos históricos, eram tidos como sinônimos de bem-estar.

Cada saída de campo, das muitas que realizei, ainda que seguissem um rito específico, com objetivos bem traçados, como: *observar a interação entre o espaço privado (habitação) e o espaço público (ruas e praças) propostas por Cerdà. Ou Comparar as densidades de uso do solo; avaliar a política de intervenção e reabilitação municipal; observar o crescente processo de urbanização do território metropolitano e a tendência à formação de aglomerações; realizar um ensaio de avaliação, in loco, da grande transformação territorial que está ocorrendo na área de referência*, entre tantas outras destinadas a cada nova saída. Sentia que era como receber um conjunto de chaves de lugares íntimos, que iam se abrindo diante das narrativas e histórias contadas a cada parada. Percebia as contradições sociais da cidade e também os detalhes que a tornavam um lugar mais habitável.

Era como ler o texto da cidade por sua arquitetura, pelo contato direto com as ruas, segundo Rossi (2001). Ali estavam inscritas suas políticas, suas economias, suas histórias, e mais que suas dimensões materiais; nas entrelinhas estavam inscritas as formas como as pessoas se relacionam com o espaço. Uma evocação, uma tentativa, de

²⁵ Em língua castelhana e catalã, rambla significa "leito de rio seco" ou "leito de rio temporário". Famosas em Barcelona, as Ramblas são espaços destinados aos pedestres, com vastos comércios de rua, ilustrando um espaço e dinâmico e animado.

exercitar o olhar fenomenológico para compreender as relações essenciais dos habitantes com sua vizinhança, dos caminhantes com os espaços públicos, das pessoas, em geral com a cidade (ALVES; MONTE, 2019). Da mesma maneira considero o exercício realizado pelas ruas de Barcelona, seja em derivas ou andejares propostos pelas saídas de campo.

Figura 9- Derivas urbanas



Fonte: Araujo (2022).

Para além de Barcelona tive a oportunidade de conhecer outras cidades da Catalunha, que revelam uma dinâmica diferente da capital cosmopolita, com monumentos históricos que narram um passado ancorado nos tempos medievais. Estas pequenas cidades, marcadas pela calmaria, respiram história e tradição e muitas guardam consigo uma quantidade significativa de bens culturais, como festividades e a exaltação da gastronomia típica. Pelo grande número de turistas e habitantes, Barcelona é uma cidade multicultural, em vários aspectos. É possível, por exemplo, se comunicar em várias línguas, ainda que o catalão seja o idioma oficial. A primeira diferença que notamos ao nos deslocarmos para pequenas cidades ao seu redor, como a cidade de Vic, cerca de 60 km de Barcelona, é o uso do idioma.

Ali, predominantemente, se ouve o catalão e sente-se com maior intensidade sua defesa e preservação. Meu primeiro contato com a cidade foi para visitar a tradicional *“Feira Medieval de Vic”*, uma das feiras mais antigas e tradicionais da Catalunha. Durante alguns dias o bairro antigo da cidade se converte em uma típica cidade medieval. Moradores e visitantes se vestem com trajes típicos da idade média, dando vida ao cenário. É como um passeio histórico no tempo. E foi nesta ocasião que me deparei com uma parte da Espanha que até então não havia experienciado. Ao parar em uma das barracas da feira para comprar uma bebida quente, usei o castelhano para me comunicar. Fui atendida e compreendida normalmente, mas as respostas e instruções para a retirada do pedido foram dadas em catalão.

Não seria motivo de espanto, tendo em vista que este é o idioma estabelecido como padrão. Todavia, o fato de uma língua ser oficial não pressupõe a normalização de seu uso. A língua catalã tem sido menos falada, sobretudo nos grandes centros, nesse sentido, gera preocupações, pois o idioma materno, como aponta Becattini (2017), é a nossa forma de expressão primária. É por meio dele que interpretamos a realidade, criamos e compartilhamos arte, cultura e ciência. As palavras e estruturas de uma língua são a base a partir da qual um povo cria sua cosmovisão, isto é, a maneira subjetiva de ver e entender o mundo, as relações humanas e o nosso lugar na sociedade (BECATTINI, 2017).

Como aponta Perreira (2019), durante a ditadura de Francisco Franco, de 1939 a 1975, o idioma catalão, assim como outras línguas regionais como basco e galego, tiveram seu uso proibido no território espanhol. Não só o uso da língua, mas a autonomia cultural da região da Catalunha foi suprimida durante o regime, o que

causou uma série de revoltas separatistas.

Em conversa com uma colega de laboratório, natural da Cidade do Cabo, na África do Sul, que também realizou uma estadia na Universidade de Barcelona, ela relatou sua própria experiência com a perda do idioma materno. Na escola que frequentou quando criança, inclusive na universidade, tinha como idioma base o inglês. Hoje é comum nas escolas adotarem até mesmo o alemão, relatou. Em casa, com seus pais, falava o idioma materno, o qual lentamente vem perdendo pela ausência de uso.

Figura 10 – Ruas de Vic



Fonte: Araujo (2021).

Registros da cidade de Vic. À esquerda a inscrição no banco de concreto traz a expressão “Viva a Terra”. À direita, um grupo toca músicas típicas pelas ruas da cidade.

A perda de um idioma traz consigo o ocultamento de um legado afetivo e simbólico. Por isso a importância da defesa do uso do catalão, uma forma de resistência e proteção ao seu legado cultural. Em Barcelona, nos bairros menos centrais ou estabelecimentos mais tradicionais, de pouco turismo, é comum ouvir o idioma. Nas

áreas centrais, devido a grande quantidade de estrangeiros e falantes de outras línguas, pouco se escuta. O castelhano e o Inglês predominam. Nas escolas, por sua vez, o uso do catalão é obrigatório, o que se estende para algumas universidades (figura 10).

Além de uma imersão no idioma local, principalmente para os que não o dominam, algumas das atividades que chamaram atenção na cidade foram as demonstrações de ofícios tradicionais, como serralheria, sopro de vidro, trabalho em couro, entre outros. Em uma época em que tudo parece ser produzido em massa, são essas atividades que subvertem a lógica de produção e demonstram a importância dos conhecimentos manuais, passados de geração para geração. Enquanto valorização das tradições; naquele dia também tive a oportunidade de assistir apresentações como os teatros de rua, recitais de poemas e pequenos concertos musicais.

Figura 11 - Em defesa da língua Catalã – paredes da Faculdade de História e Geografia, UB



Fonte: Araujo (2021).

“Defendam o catalão” .

“Se o professor muda o idioma, reclame!” .

“Se não te deixarem fazer o exame em catalão, reclame!” .

“A aula deixou de ser ministrada em catalão? Reclame!” .

Em um movimento de habitar a paisagem, durante o caminho muitas outras cenas foram sendo desveladas. Tendo as ruas das cidades como uma espécie de biografia, na qual a vida de seus habitantes e suas relações com os espaços iam sendo narradas, fui lançando-me as percepções, apreendendo as cidades de maneira “corpográfica”, mapeando com e no corpo, as experiências dessas relações. Com efeito, “A rua, é a persona da população, dos que nela praticam suas vivências diárias, dos que nela habitam. É palco para manifestações, cria uma ambição quase metafísica que comove e impulsiona fenômenos” (ALVES; MONTE, 2019, p. 632).

Andar, deambular, ir devagar, torna-se, como aponta Alves e Monte (2019), um meio de subversão, um ato de rebeldia, uma atitude política no ir e vir da cidade. O caminhar, segundo os autores, desprovido de intenção funcional, apenas como vivência, como prática estética, é um ato revolucionário e eu diria geopoético. Ouvir as cidades, lê-las por suas ruas, em detalhes, enquanto instância do povo, da liberdade de expressão, do projetar dos desejos e ideias. Enquanto ato político, enquanto ato poético.

Figura 12 – Ruas



Fonte: Araujo (2021).

Árvore dos desejos nas ruas de Vic, contendo os sonhos e esperanças de seus visitantes. Pinturas em oficina livre nas ruas de Barcelona.

O poema do mundo não cessa de invocar propostas de deciframentos (ONFREY, 2009). Assim me sentia a cada ato de deambulação, frente às possibilidades ínfimas de deciframentos, explorando a superfície poética do espetáculo urbano. Foram muitas as *corpografias* traçadas em território espanhol, sempre buscando abarcar os espaços enquanto experiência, registrando, por meio de uma atitude corpográfica, as tonalidades afetivas das paisagens (figura 12).

As práticas de derivas realizadas ilustram a plasticidade do fenômeno urbano, tensionando as imagens prontas construídas de uma cidade. As mesmas multiplicam as perspectivas através das quais percebemos e construímos mentalmente a cidade, a partir de um mundo plural e de novas narrativas urbanas. Como um mecanismo desobjetivizador da cidade, como aponta Blanch (2014), a prática da deriva desvela-se enquanto um dispositivo necessário para a construção de uma vida livre e criativa.

A deriva, neste sentido, “[...] baseada em sua capacidade de promover estranhamento, aumenta as fileiras dos mecanismos que obstruem a expectativa predeterminada, que devolvem a experiência ao campo da descoberta, surpresa e vivencia, ampliando assim o campo da realidade: ampliando a vida” (BLANCH, 2014, p. 122).

A experiência subjetiva, ofertada pelas derivas relatadas constituem uma ferramenta de ampliação da percepção do mundo. Assim, para além de um documento ou um relato íntimo, permitem um atrito com a realidade objetiva. A cidade percebida, por meio de um filtro corporal, bloqueia abordagens estritamente analíticas, ofertando um mecanismo multiplicador de perspectivas e carregado de significações.

Das experiências colecionadas guardo detalhes. Da travessia “do mar para a montanha”, quando deixei a *Praça Ramon Berenguer*, próxima ao mar, e me destinei ao novo endereço na *Praça Espanha*, próximo à montanha de *Montjuic*.

Malas prontas; é hora de dizer até logo a Plaza Ramon Berenguer e ir em direção ao meu novo cantinho. Na cozinha um abraço de agradecimento à anfitriã que tão bem me acolheu. Com os olhos brotando em lágrimas me despeço e deixo ali toda a gratidão pelo espaço que me acolheu quando tudo era insegurança e medo. Na companhia de duas malas e uma mochila desço pelo elevador. Na tela do celular a mensagem: “te recojo dirección montaña”. O uber já se aproximava e me indicava o sentido no qual eu deveria me posicionar à sua espera – sentido montanha. Deixo o mar e vou para montanha (Trecho caderno de viagem, ARAUJO, 2021).

Das recordações, ainda ressoa a primeira vez que avisto a neve, no pequeno município de Úrus, vendo, sentindo e provando-a, em um profundo estado de encantamento. Do sabor marítimo de Cadaqués, cidade-inspiração do artista Salvador Dalí, aninhada no Parque Natural Cap de Creus, um espetáculo natural, situado no ponto mais oriental da península Ibérica. Do primeiro mergulho nas águas geladas do mediterrâneo. Do cheiro perfumado das ruas centrais de Girona, que nos faz esquecer as horas, admirando sua arte arquitetônica com importantes manifestações românicas. Das ruas em pedra e floridas, em um cenário quase que cinematográfico, de Tossa de Mar, uma cidadela medieval à beira-mar. Atravessando territórios, da Catalunha à Andaluzia, da Costa Brava à Costa do Sol. Do litoral aos Pireneus Catalães, guardo o registro dessas experiências mapeadas no corpo.

Figura 13- Cidades visitadas na Espanha



Fonte: Araujo (2022).

“Tudo começa no desejo, desejo de descobrimento, desejo de desconhecido, de perder-se, de encontrar-se. No momento de escolher uma destinação recorremos a nós mesmos como um catálogo de possibilidades. Em nossas mais profundas vontades, cada um se descobre portador de uma paixão, pelo mar, pelas montanhas, pelas cidades, pelos campos, pelos desertos. Cada ser busca o ambiente em que se sente mais à vontade, sempre existe uma

geografia esperada por cada viajante, aquela que desperta em seu inconsciente alguma conexão com sua memória.”
 (NOBRE, 2014, p. 25).

Livre de teorias preestabelecidas e despindo-me da cegueira do cotidiano, me deslocava a ver e a sentir as cidades, construindo minha própria geopoética e estando atenta aos seus desvelamentos, de diferentes formas, nos espaços percorridos. O derivar não pode ser entendido como referência a um ser perdido ou à mercê dos fluxos que nos impulsiona à mecanização dos comportamentos, mas como forma de encontro, um derivar da mente e do corpo, pois aguçamos nossas percepções sobre o meio em que estamos e o que acontece ao nosso entorno (NOBRE, 2014). Assim, damo-nos a possibilidade de habitar e dizer o mundo de maneiras outras.

Tendo a experiência como base fundante, o *Caderno de Navegações Geopoéticas*, encontra o florescer de conhecimentos nas páginas vividas do cotidiano. Colocando a teoria em um campo de experimentação corpóreo, sensível e caminhante, oportuniza o (en)levar-se pela paisagem, decifrar seus signos e “*tomar terra*”. O peso intelectual cede lugar a leveza do sentir; cores, perfumes, palavras, imagens, emoções. Ali, *habitando* o movimento, fazendo do (des)conhecido morada, uma quantidade de informações assaltam o corpo. Afasta-se o anedótico e surge o essencial (ONFRAY, 2009).

Ainda que no movimento, no núcleo da experiência nômade, *habitamos!* E habitar diz, como sugere Moreira Neto (2019), cuidar da Terra, que é corpo. Mas na contemporaneidade, frente a realidade do *on-line*, suspende nossa realidade material, voltando nossos modos de ser para a virtualidade e deixando para segundo plano aquilo que é atual, aqui e agora (MOREIRA NETO, 2019). Neste exercício caminhante, de derivas e deambulares, experienciamos a poética do instante, do agora, uma *geopoética em ato*. “Uma poética da geografia supõe essa arte de deixar-se embeber pela paisagem, para querer depois compreendê-la, vê-la em suas combinações [...] onde o poeta acompanha o geógrafo e o filósofo, como complemento, não como inimigo” (ONFRAY, 2009, p. 82).

Encontramos no cerne da experiência corpórea, no deambular, uma autêntica leitura do real geográfico, atestando, como aqueles que habitam a casa, que o espaço não é algo meramente utilitário, mas um espaço concreto da intimidade humana. E assim, enquanto um modo de retorno para a *Casa-Mãe-Terra*, pensaremos, no próximo capítulo, uma *educação geopoética*.

CAPÍTULO 5

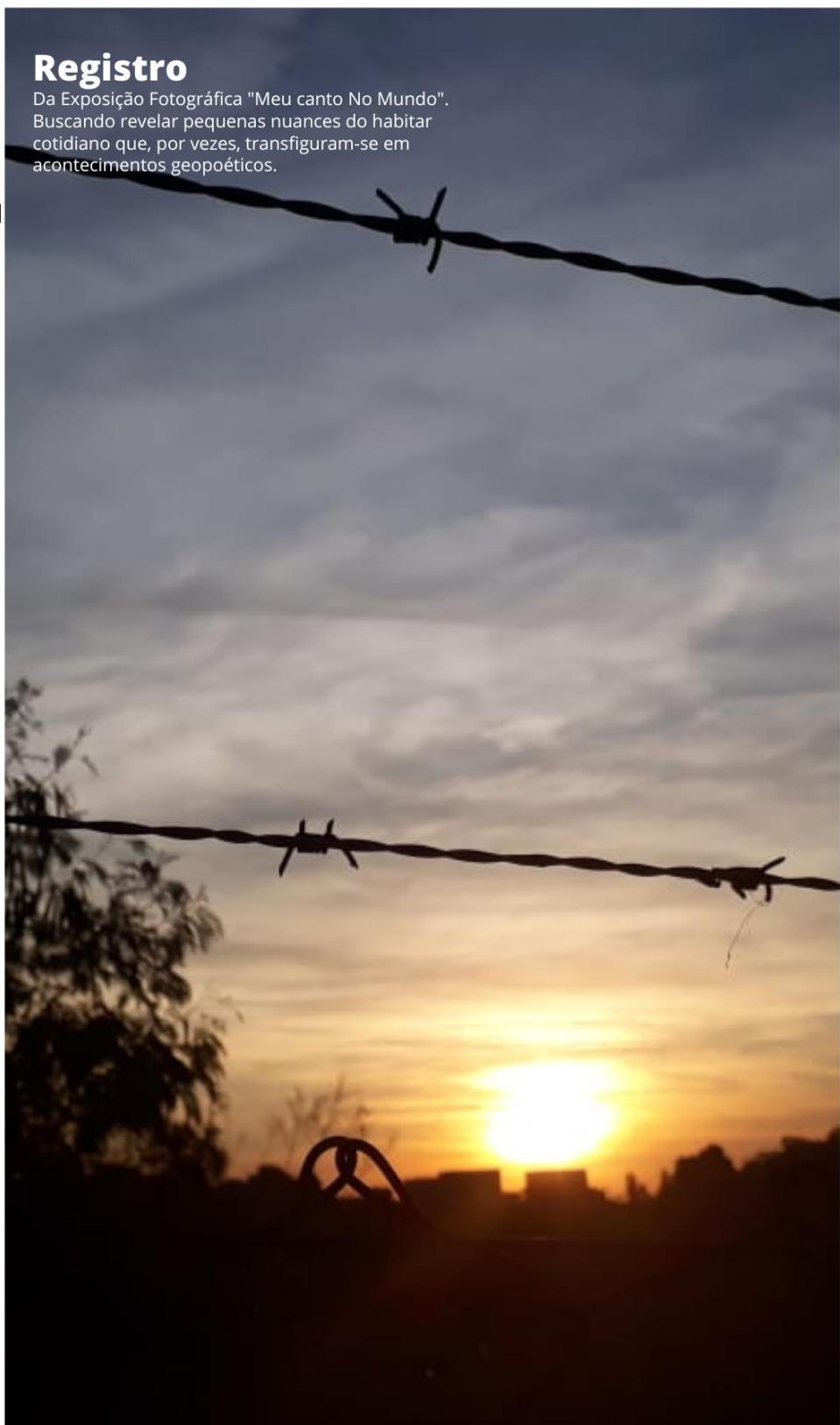
Educação Geopoética

Exposição Fotográfica



Registro

Da Exposição Fotográfica "Meu canto No Mundo".
Buscando revelar pequenas nuances do habitar
cotidiano que, por vezes, transfiguram-se em
acontecimentos geopoéticos.



“Em tempos difíceis o horizonte emana esperança”
(GALDIN, 2020).



Errâncias. Colagem digital. (ARAUJO, 2022).

“A geografia serve primeiro para elaborar uma poética da existência, para descobrir ocasiões de fazer funcionar nosso corpo como uma bela máquina sensual, capaz de conhecer exercitando cada um dos cinco sentidos, sozinhos ou combinados [...]” .
(ONFRAY, 2009, p. 68).

Acima do racionalismo estreito do qual vivemos, Constança César (1989), nos encoraja: é possível encontrar um horizonte mais aberto, em que o parentesco de invenção, a dimensão de aventura intelectual, a ciência e a poesia não se oponham, mas tenham eixos complementares. “É possível habitar o mundo, fazer dele o espaço de uma consciência poética, isto é, criadora” (CÉSAR, 1989, p.6). É com este propósito que pensamos uma educação geopoética, contemplando uma abordagem aberta, valorizando um contato com o mundo, acessando suas poéticas e resgatando o sentido do gesto habitar – o cuidar da Terra (MOREIRA NETO, 2019).

Voltar-se para a (T)terra, para a nossa casa comum, encontrando as raízes do sentido de habitar, eis o propósito de uma educação geopoética. É pelo habitar, como aponta Moreira Neto (2019), que temos a oportunidade de novamente fazer uma experiência originária da terra, retomando, ontologicamente, o saber-se ligado à ela.

O conhecimento do mundo é, inicialmente, poético lembra-nos Bachelard (2008). Através dele acessamos a materialidade do mundo, construímos um caminho de retorno à casa – abrigo, proteção. Indicando caminhos para a unificação do saber, que não é somente científico, Bachelard (2008) afirma a prioridade da *poiesis* em relação à ciência, isto é, a recriação do mundo, envolvendo uma forma criativa de descobertas. Por essas vias, percebemos que a geopoética, anunciada por alguns geógrafos enquanto geografia criativa (MAGRANE, 2019; BOGOMYAKOV, 2017), capaz de trazer à luz novas descobertas, imprime em si uma educação estética de mundo, uma educação dos sentidos e da percepção sensorial, reverberando em uma relação profícua e inteligente com a Terra, reinventando e fazendo emergir novos modos de pensar e habitar os ambientes que nos cercam.

Não se restringindo a uma leitura sentimental do espaço, a geopoética, ao questionar pensamentos sedimentados, esboça uma potência educativa, capaz de estimular atitudes de cidadania, nos sensibilizando de nossa condição de cidadãos, não apenas de um país, mas de um mundo, sendo, portanto, responsáveis por ele. Ao oportunizar o exercício da crítica à realidade que nos circunda, aguçando a curiosidade agressiva, inspetora, como nos recorda Bachelard (2019), a geopoética conduz a diferentes modos de pensar e agir, proporcionando um retorno às valorizações primitivas, às poéticas do habitar.

Frente ao mundo contemporâneo, marcado por uma visão niilista e antionírica, no qual o avanço das tecnologias subjuga as sensibilidades pela técnica, a geopoética reafirma a sua potência de transformação por um caminho radical, criativo e estético

por meio da participação política e poética. O "poético", nesse contexto, torna-se sinônimo de potencial humano para constantemente tornar o mundo novo (BACHELARD, 1958). Assim, "se geografia significa escrita da terra, a geopoética pode ser interpretada como a criação de mundo. É fundamentalmente sobre criatividade" (MCFADYEN, 2018, n.p.).

Na obra *Les Savoirs vagabonds: une géopoétique de l'éducation*, o autor Thierry Pardo (2019), relata as lições silenciosas que aprendeu com os ambientes que frequentou em diversas viagens. Destaca como essas peregrinações pelo mundo contribuíram para sua educação e formação, inclusive a de seus filhos, estimulando o imaginário educacional fora dos caminhos da educação formal. Em sua obra o autor nos convida a redescobrir nossa intimidade com a natureza e nossa solidariedade com o universo, tendo como resultado uma meditação sobre a condição humana, a construção da identidade, da alteridade e uma introdução à geopoética da educação.

A geopoética junta esforços em torno de uma perspectiva transdisciplinar defendendo um olhar atento, curioso e questionador sobre a realidade, buscando instaurar uma atitude crítico-criativa como forma de lidar com os distintos problemas que afligem a humanidade. Ao assumirmos as premissas geopoéticas encontramos um caminho frutífero de acesso a uma intimidade com a matéria geográfica, uma forma de experimentarmos a Terra como base, como condição de toda existência.

Muitos problemas sociais, inclusive os educacionais, que temos hoje estão ligados, de alguma forma, à "perda do olhar sensível", à nossa falta de "percepção" em relação ao mundo, ao nosso ambiente, aos lugares habitados, às pessoas que nos rodeiam. A percepção dos lugares, dos sentidos, da relação do ser humano com os espaços que habita e com a natureza é importante para que consigamos nos relacionar de forma consciente e solidária com o mundo em que vivemos. Por isso a geopoética é uma questão relevante para a educação, no despertar da consciência geográfica, nos direcionando a esse olhar sensível.

Pensar uma educação geopoética deve partir, em primeiro lugar, da valorização das experiências, do contato com o mundo, de uma inteligência corporificada baseada na experiência com o espaço, demonstrando que o contato com os ambientes é significativo e necessário. A própria tradição da Geografia, ao valorizar aulas e trabalhos de campo, se aproxima, naturalmente, de uma experiência corporificada com os espaços. Por meio de uma educação geopoética é possível aprofundar os modos como essa relação se estabelece, de modo que não seja a marca de um olhar pragmático

sobre o espaço. Uma educação geopoética busca além de um contato íntimo com a terra, promover uma renovação no modo de pensar e se relacionar com a mesma. Trata-se de um movimento de questionamentos do saber estabelecido, da abertura para diferentes perspectivas, e de um olhar entusiasta para o mundo, vendo-o fora dos quadros de referências convencionais, evocando o vigor de novas ideias. Como sugere Merleau-Ponty :

Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-Outro-as coisas” no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda (2006, p. 89).

Ao retornarmos às fontes do mundo vivido, encontramos uma forma de habitar, de acessar as geograficidades que nos são próprias. Navegando pelos sinais de cansaço, desencantamento e buscando revertê-los, a geopoética instaura uma espécie de renovação, explorando possíveis mudanças no modo de ser e estar no mundo. A Geografia, por exemplo, permeada por distintas áreas do conhecimento, em um encontro com a geopoética, pode entendê-la como um campo das geohumanidades emergentes, sendo amplamente relevante para se pensar questões socioespaciais, ambientais e principalmente para escavar e praticar formas harmônicas de habitar o mundo, visto que a geopoética, ou como aqui propomos uma educação geopoética, imprime em si uma aprendizagem estética de mundo, uma aprendizagem dos sentidos e da percepção sensorial.

A geopoética, como vimos, é crítica do pensamento e da prática ocidental que promoveu em seus discursos e atitudes uma dicotomia entre os seres humanos e o resto do mundo natural. Em sua abordagem propõe que o universo seja pensado e vivido como um todo potencialmente integrador e que os vários domínios em que o conhecimento foi separado, possam ser unificados por uma poética que coloque o planeta Terra no centro da experiência (WHITE, 1989). Assim, a geopoética, e consequentemente uma educação geopoética, se fortalece promovendo uma nova

sensação de mundo que é experimentada tanto intelectualmente, desenvolvendo nosso conhecimento, quanto sensivelmente, usando todos os sentidos para tornar o ser humano sintonizado com o mundo. Isso, todavia, requer um trabalho árduo de desconstrução e construção, de retificação de ideias e renovação do espírito.

Buscando expressar um contato sensível e inteligente com a Terra por meio de uma poética, isto é, uma linguagem retirada de um modo de ser que tenta expressar a realidade de diferentes maneiras, por exemplo, a expressão oral, escrita, artes visuais, música e outras tantas combinações e manifestações possíveis da arte (WHITE, 1989), a geopoética demonstra sua força criativa e seu espírito inquiridor, a fim de questionar e reconstruir as relações essenciais que nos ligam a Terra.

Pensando em tais relações, na busca por uma intimidade terrena, e na projeção de uma educação permeada pela geopoética, é necessário questionar-se sobre o modo como a imaginação e a subjetividade, fundamentos para uma relação essencial com a Terra, apresentam-se na contemporaneidade, bem como refletir sobre as experiências geográficas no ritmo do mundo circundante, uma vez que estas, como aponta Dardel (2011), convidam o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior e social.

Jean-Jacques Wunenburger (1991), filósofo francês, especialista em estudos da imaginação, mostra em seu texto *Le desert et l'imagination cosmo-poétique*, como uma longa tradição intelectualista buscou alojar a imaginação nos recônditos escuros da alma, por acreditar que esta viria a interromper as atividades lógico-intelectuais ou mesmo que a imaginação, vista como um campo de revivescências enfraquecidas das percepções externas, comprometeram a relação com a realidade. Por um longo tempo temas relacionados à imaginação e ao imaginário sofreram severas críticas, pois não eram considerados seguros e capazes de contribuir com a elaboração de conhecimentos. Ainda hoje, a racionalização do mundo parece desprover o homem de imaginação criadora, transformando o mundo em um objeto servil da razão utilitária e instrumental (RODRIGUES, 2008).

Mas a imaginação, como aponta Wunenburger (1991), poderia ser apreendida no período do Renascimento, em várias correntes teúrgicas, como uma atividade de ressonância total do sujeito com o exterior - meio ambiente, natureza e cosmos, assim como, um meio de enfrentar a existência e preservar o nosso ser (WUNENBURGER, 1991). Entre os precursores dos estudos sobre imaginação, Gaston Bachelard, demonstra em sua obra como a razão e a imaginação são caminhos fundamentais e

indispensáveis para a constituição e formação do humano. Transitando pela via epistemológica e poética o filósofo promove uma aproximação entre racionalidade e imaginação, mostrando que ambas são complementares na busca de uma formação e expansão íntima, reconhecendo, na contemplação da realidade, no mundo circundante, o germe de um mundo melhor, um caminho, quiçá, para a projeção de uma educação geopoética, construindo a tão almejada relação sensível e inteligente com a Terra (WHITE, 1989).

Em suas obras de vertente poética, Gaston Bachelard busca resgatar a importância de situar o homem no mundo a partir de sua dimensão imaginária, demonstrando como a mesma abre possibilidades para formação humana, bem como estimula um transmutar internamente, um amadurecimento do ser. Esse transmutar interno abre possibilidades de (trans)formação, permitindo meditar sobre nossa atual condição de ser e estar no mundo. Como aponta Rodrigues (2008), Bachelard nos oferece uma possibilidade de espanto imaginário que induz e desperta a nossa atenção diante de nós, do outro e do mundo no qual vivemos. O espanto imaginário seria o “[...] momento originário de um despertar para a importância da imaginação criadora na experiência humana” (RODRIGUES, 2008, p. 75).

Para Bachelard, filósofo-sonhador, é possível um reencantamento do mundo. Em um movimento entre razão e imaginação, sua obra transborda um dos fundamentos bases do movimento geopoético: a transdisciplinaridade. Essa dialogia entre campos distintos do conhecimento retifica a ideia de um pensamento dominante e abre espaço para novas descobertas. A imaginação se revela como uma renovação na relação Homem-Terra. Condicionados culturalmente a agir com razão, a não se deixar enganar pelos devaneios e sonhos, a imaginação, prisioneira de uma existência regulada por leis de mercado, encontra em Bachelard, em especial em suas obras da vertente poética, liberdade para voar e escrever o poema-mundo.

Em sua obra *Ar e os sonhos*, originalmente publicada em 1943, o filósofo vê a imaginação como um movimento de abertura, de novidade, um lançar-se para uma vida nova. Ele destaca: “por ella recibimos, em nuestro ser íntimo, un suave empujón, el empujón que nos commueve, que pone em marcha el ensueño saludable, el ensueño verdadeiramente dinâmico” (BACHELARD, 1958, p.12, tradução nossa).²⁶ Vemos que a imaginação traz ao ser um dinamismo inovador, uma vontade de ser mais,

²⁶ “Por ella recibimos, en nuestro ser íntimo, un suave empujón, el empujón que nos commueve, que pone en marcha el ensueño saludable, el ensueño verdadeiramente dinâmico”.

promovendo uma abertura a novos modos de existir, de se relacionar com o mundo. Tais benefícios coincidem com um dos anseios contemporâneos, bem como uma das bases do pensamento geopoético: o encontro com uma arte de viver, que se sustente em formas harmônicas de ser e estar no mundo, resgatando a dimensão onírica que nos permeia, como forma de compreender os laços que nos unem uns aos outros em especial ao nosso espaço de morada.

Por meio da imaginação, impressões íntimas sobre o mundo exterior vão sendo projetadas, em um movimento de abertura e de encontro, imagens novas ou ocultas, vão sendo apresentadas. Para além de um convite poético de ser-e-estar no mundo, Bachelard nos faz um convite ético, sendo sua filosofia permeada, em um jogo de palavras, por uma po[ética]. O filósofo propõe uma nova ética de ser no mundo, que busque um significado que ultrapasse a eficácia técnica, resgatando nossa dimensão humana, nossas raízes. Para tanto, faz uso da poesia, expressando o lado noturno do homem, aquele que sonha, que imagina, que se deixa conduzir pelos caminhos do imaginário. Bachelard defende o “homem das 24 horas”, caracterizando a completude das duas fases de seu pensamento, a diurna (epistemológica) e a noturna (poética). Para o filósofo, razão e imaginação são indispensáveis e fundamentais para a constituição do ser humano, bem como de sua morada terrena. A filosofia bachelardiana impulsiona na direção de uma relação ética e sensível com a Terra, com a nossa casa comum, corroborando com os pressupostos da geopoética proposta por Kenneth White (1989) e sendo a base para o projetar de uma educação geopoética.

A reflexão sobre o papel da imaginação no contexto contemporâneo denuncia comportamentos que distanciam de uma abertura para o novo, de um despertar. Bachelard (1993) já alertava que só percebe bem sua realidade aquele que a imagina, pois o real está subsidiado no imaginário; um ser privado da função do irreal é um ser tão neurótico como o homem privado da função do real. Deste modo, o resgate e a defesa da imaginação é um dos caminhos que conduzem a uma educação geopoética, a uma renovação emergente no contexto vigente. Como pontua John Wrigth (2014), a valorização da subjetividade e da imaginação são qualidades fundamentais para um bom geógrafo, para uma ciência clara, viva e condizente com a realidade da vida.

Pensando em nossas experiências, no ritmo do mundo circundante, outro ponto que revela a emergência de uma renovação crítico-criativa, enquanto fundamento de uma educação geopoética, é proposto por Besse (2010), em sua obra *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. O autor fala da emergência da experiência, da

consciência e do sentido de paisagem na modernidade, da importância de existirmos enquanto “sujeitos de paisagem”, isto é, romper com a visão contemplativa de mundo. Tal sugestão aponta para uma emergência, um apelo à renovação, um chamado geopoético. Segundo o autor, no início do século XVI as condições e a forma de interpretação do mundo se alteraram, mudando o sentido da Terra representada. Tal mudança se relaciona ao período dos descobrimentos, das grandes navegações, no qual o desafio europeu era representar a Terra em sua totalidade, dotando-a de uma visão contemplativa que aos poucos passou a desconsiderar valores singulares, simbólicos e afetivos.

Dardel (2011) aponta que a cegueira geográfica era obstinada no grande navegador, e que muitas vezes se encontrava dominado por sua razão. As explorações realizadas a partir do século XVI, de bem ou mal grado, transformaram a imagem que os homens tinham da Terra. A geografia científica, por exemplo, estava em gestação no período dos descobrimentos, desabrochando em atitudes metódicas e de verificação de hipóteses frente à realidade geográfica. A “geografia das velas desfraldadas”, como sugere Dardel (2011), que se opõe a geografia de laboratório, de gabinete, buscando despertar para o novo, para as descobertas, para a renovação de nossa sensibilidade a fim de melhor compreender a nossa condição terrestre, foi se ofuscando. Mas é nela que buscamos nos amparar ao projetar uma educação perpassada pelos princípios geopoéticos, uma educação que preze a construção de narrativas sensíveis e íntimas com a paisagem, um mapeamento afetivo com os espaços.

Em condições de modernidade, muitas doutrinas relacionam-se com o desencantamento de nosso universo, orientadas por um saber que nivelá, aniquila as diferenças, e ofusca as singularidades. A descontinuidade dos costumes e da relação tempo-espacó continuou a crescer, assim como a experiência corpórea com os espaços passou a ser condicionada, dando espaço às dimensões padronizadas, vazias, penetrando e moldando os lugares em termos de influências sociais (GIDDENS, 1991), e ambientais, bem como corroborando com o sentido de Terra enquanto paisagem dos olhos. Ainda embebidos em uma superficialidade cósmica, nos deparamos hoje, com o apelo sensível de uma simpatia terrena, ou seja, a emergência de transformações urbanas e rurais planetárias que oportunizem um viver em harmonia.

Dardel (2011) já alertava sobre a dificuldade de imaginar, em sua época, outra relação do homem com a Terra, para além do conhecimento objetivo proposto pela geografia científica. De certo modo, não é diferente na contemporaneidade, em que

estamos programados a promover uma ordem espacial do mundo, ao vê-lo como um espaço a ser dominado, moldado. Mas também é conveniente lembrar que, da mesma forma que o Ocidente se esforça para submeter à Terra ao seu poder através da ciência e da indústria, vemos se multiplicar os meios que o homem cria para se evadir desse mundo artificial e retornar, com a geografia, a um contato natural com a Terra. Esse retorno à experiência geográfica, ao mundo circundante, ou ainda a uma geografia heroica ou das velas desfraldadas, é um dos movimentos que podem impulsionar uma educação geopoética.

Com uma postura crítica, a geopoética revela-se como forma de resistência e questionamento, no modo como habitamos e nos relacionamos com a Terra. Por conseguinte, é entendida como um caminho para uma renovação crítico-criativa, reverberando na relação sensível entre Homem-Terra, tanto no âmbito teórico (mundo das ideias), quando no âmbito empírico (psicológico, social e ambiental). Há uma contraposição entre a visão funcionalista, marca da experiência urbana contemporânea, e a geopoética, que prega uma renovação cultural radical e crítica numa perspectiva pós-colonial contra as homogeneidades. Neste sentido, é possível reconhecer o potencial da geopoética no contexto das cidades contemporâneas, bem como outros contextos, na medida em que o olhar, atento e questionador, passa ser exercitado.

Tony MacManus (2007), autor de *The Radical Field*, acreditava apaixonadamente que a geopoética, enquanto uma teoria-prática do mundo; uma abordagem para se pensar e viver abrem caminhos para a criatividade, podendo criar possibilidades de experienciar e expressar o mundo de uma forma viva e perceptiva. Para ele, a geopoética fornece a esperança e a base para uma renovação cultural radical (MCFADYEN, 2018). Assim, apostava na geopoética enquanto uma renovação crítico-criativa, capaz de contribuir com os desafios que enfrentamos hoje – ecológicos, sociais e políticos.

A proposta de uma educação geopoética revela-se em uma experiência estética intensificada em oposição a uma experiência anestésica de mundo.

Eu visualizo a geopoética como a busca rigorosa de clareza de pensamento, perseguindo aqueles lampejos de percepção, criatividade e conexão, mas sempre baseada em minha experiência estética corporificada de estar no mundo (MCFADYEN, 2018, n.p. tradução nossa).

As experiências narradas no *Caderno de Navegações Geopoéticas*, apontam um caminho para o exercício de uma educação geopoética. Explorando a construção de conexões entre memória e espaço, o caderno materializa reflexões estéticas, conceituais, poéticas e sociais da paisagem. As experiências promovidas pelas derivas ou deambulações, entendendo-as como a junção da ação de deixar-se (en)levar e, ao mesmo tempo, ter consciência sobre a influência dos espaços em nossas emoções e comportamentos, como aponta Nobre (2014), promovem um espaço de abertura para que as vivências e experiências possam ser incitadas como formas de conhecer.

“Ler o mundo é algo demasiadamente fundamental para estar confinado aos livros, ou a eles confinado: porque ler o mundo é também ligar as coisas do mundo segundo suas *relações íntimas e secretas*, as suas *correspondências* e suas *analogias*” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 15). Ler o mundo é, também, experienciar, pois o conhecimento formal, sozinho, é incapaz de mensurar elos afetivos que ligam o ser humano a Terra e ao ambiente em que vive.

Neste sentido, a educação geopoética, a qual busca um retorno a Terra, entendendo-a como fundamento e defendendo modos sensíveis de habitá-la, inicia um espaço no qual possamos ler o mundo de maneira imaginativa, sensível e poética, reanimando, inclusive, a tradição geográfica que carrega em si o desejo de conhecimento de seus signos.

Para tanto, uma educação que busca aninhar-se na experiência, enveredando uma fenomenologia do espaço, deve encontrar sua base filosófica e pedagógica longe de um racionalismo tradicional, que postula a supremacia da razão em relação à experiência e a crença em uma estrutura racional das coisas (BARBOSA; BULCÃO, 2004). A educação geopoética encontrará seus sustentáculos, suas raízes, na *pedagogia da imaginação* bachelardiana, a qual, como aponta Barbosa e Bulcão (2004), defende que o vivenciar das imagens poéticas é um caminho fundamental de formação do sujeito. A imaginação conduz à liberdade, permite o surgimento do novo e do inesperado (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

Retornar à casa, encontrar nossos espaços de intimidade, ser habitante do mundo – eis o clamor de uma educação geopoética. “Depois da viagem, do movimento, da efervescência, o retorno a casa (*maison*, em francês, palavra fixada etimologicamente a partir de *mainere*, ficar) autoriza a recuperação das forças e das energias despendidas” (ONFRAY, 2009, p. 66). Retornemos! E resgatemos os sentidos que foram se perdendo, em especial, o sentir-se ligado à Terra.

Entremeios



Aberturas. Colagem digital. (ARAUJO, 2022).

“O entremeio gera assim uma geografia particular, nem aqui nem alhures, uma história própria, nem enraizada nem atópica, um espaço novo, nem fixo nem inapreensível, uma comunidade nova, nem estável, nem durável. Lugar dos cruzamentos, superfície de extraterritorialidades, ele induz ilhas de sentido produtoras de arquipélagos aleatórios destinados à decomposição. Entre o lugar deixado e a terra que se pisa ao chegar, trazido sobre a água, nos ares ou deslocando-se numa translação que isola do chão, o viajante descobre algumas novidades metafísicas: as alegrias da comunidade pontualmente realizada na insignificância vivida em comum, a prática da duração como um escoar assombroso, a impressão de habitar um local inteiramente produzido pela velocidade do deslocamento. É nessa espera mágica que a viagem solidamente se inicia”.

(ONFRAY, 2009, p. 39).

Ao compreender o caráter provisório do conhecimento, procurarei finalizar a presente tese situando-a no *entremeio*, um lugar de cruzamentos simétricos, um mundo intermediário — não mais o lugar deixado, ainda não no lugar cobiçado, mas flutuando, ligando as duas margens, como tão bem lembrou Onfray (2009), em sua *Teoria da Viagem*. Mas, para chegarmos nesse *entremeio* é preciso retomar ao ponto de partida, de onde a viagem, de fato, começa. E é no anseio de investigar a geopoética em uma aproximação com a Geografia, pensando em possíveis contribuições para um fazer geográfico que evoque a sensação de Terra experimentada como base, como nos convida Dardel (2011), que ela se inicia.

A pergunta que abre a investigação quer saber: quais as possíveis contribuições da geopoética para a Geografia, em especial, na constituição de um fazer geográfico atravessado por um senso estético, poético e pedagógico do mundo? A amplitude do questionamento nos levou para várias direções e nessa jornada de investigação procurou-se colher as possíveis respostas, originadas no percurso, que se aproximam do desejo de entendimento.

Trafegando por dois percursos bases, nos quais se assentou a problemática de pesquisa, demos início a grande deriva que marca a presente tese. O primeiro percurso se assentou no problema conceitual da geopoética. Sua rara biografia em língua portuguesa nos colocou na contramão de um caminho rápido para o seu entendimento. Como pontuamos no decorrer do trabalho, a geopoética não é um conceito que se pode explicar facilmente. A primeira impressão que temos ao nos deparar com o movimento é a sensação de fazer geopoética há muito tempo sem saber (BOUVET, 2012). Como indica a autora, para obter uma melhor ideia do que é a geopoética, seria “importante conhecer a obra de Kenneth White, os *Cahiers de géopoétique* e outras publicações dos *Ateliers*, quanto sair para explorar conjuntamente o mundo exterior e o mundo das ideias” (BOUVET, 2012, p.11).

A sugestão da autora, por sua abrangência, nos colocou, desde o início, frente ao desafio e impossibilidade de compreender a geopoética como um todo, ainda que este tenha sido parte do desejo inicial, o de chegar à essência da teoria. Tivemos acesso a um grande número de manuscritos do fundador do movimento, em especial, os disponíveis no site do *Instituto internacional de Geopoética*. Mas estes estão longe de ser “a obra do autor”. Eles nos servem de norte, de orientação inicial, nos colocando em deriva — um percurso no qual sabemos de onde partimos, mas não sabemos, ao certo, aonde chegaremos.

Em um trabalho (in)cansável de tradução de alguns textos sobre a filosofia geopoética de White e de estudiosos que vêm, há tempos, se debruçando sobre o assunto, ampliamos o leque de informações e entendimento sobre o tema, mas ainda assim permanecia, durante o percurso da tese, a eterna sensação de incompletude. Substanciada, ainda que de modo básico, pelas leituras e primeiras interpretações sobre a temática, tomei impulso de voo e projeção, passando a escrever e pensar uma geopoética de mãos dadas com autores de cabeceira que, de modo singular, sempre me colocaram em um estado geopoético de viver e de pensar a geografia.

Assumo, então, a tarefa de pensar geopoética em uma aproximação com Bachelard, filósofo que acompanho há algum tempo. Anuncio uma geopoética por via da intimidade, entendendo que é somente através de uma relação íntima com os espaços, de uma abertura à intimidade que adentramos o interior das coisas, isto é, deixamos a função de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos e nos direcionamos para uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora (BACHELARD, 2019). Também dou asas a geopoética entendendo-a enquanto projeção da *anima*, marcada por uma força de repouso e de bem-estar, visto que a *anima* é da ordem do onirismo, do acolhimento e do devaneio, é uma força de compreensão das entrelinhas que marcam nossa relação existencial com a terra, revelando suas sutilezas. Sem devaneio de *anima*, questiono: *como decifrar os signos da terra, como nos convida Dardel? Como compreender e expressar essa relação com a terra, tarefa dada à geopoética, senão por um impulso de anima?* A geopoética é da ordem da *anima*, aceita e acolhe as evasões não objetivas, dispensa o heroísmo, o patriarcado e caminha junto a um processo de encantamento do mundo. O desejo por uma relação sensível com a terra traz à luz sua força de *anima*.

Nesse impulso, de compreensão e projeção da geopoética, coloco-me diante de outro grande pensador, Eric Dardel. Para mim, Dardel e Bachelard, sempre estiveram em um profundo movimento geopoético, ainda que em suas obras não tenham feito uso do termo. Na obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, Dardel lembra-nos que o geógrafo que mede e calcula vem atrás, à sua frente há um homem a quem se descobre a “face da Terra”. Há, aqui, uma visão primitiva da Terra, pautada em experiências, quiçá, experiências geopoéticas. Por diversas vezes, pensei que a *geograficidade* de Dardel pudesse ser a expressão da geopoética whiteana, tratando-a, muitas vezes, com um ar de sinônimo. Mas, em algum momento, outra ideia me seduziu e passei a percebê-la como uma forma de pensamento, teórico e empírico, que

permite acessar a *geograficidade*, trazendo à luz os signos da relação concreta Homem-Terra. Assim, geopoética e geograficidade não se traduzem da mesma forma. A primeira parece-me uma forma de expressão, uma forma de dizer, próximo a uma “linguagem terrena”, que revela nossa condição humana, nossa existência terrestre, marcada pela segunda.

Ainda trafegando no primeiro percurso, o problema conceitual da geopoética, verificamos, através de conversas com graduandos e professores de geografia, como o conceito permeia o solo acadêmico, em especial da geografia, o que resultou, partindo de evidências de desconhecimento da abordagem, na necessidade de caminhos que aprofundem o debate, desatando-o de uma interpretação reducionista, muitas vezes ligada a uma leitura romantizada e utópica da realidade ou uma vaga expressão lírica da geografia. Essa é uma lacuna que o trabalho, em sua brevidade e tentativa inicial de entendimento da geopoética, não pode cumprir em maiores detalhes ou profundidade ficando, em aberto, o desejo de projeções futuras.

O segundo percurso pelo qual adentramos, concentrou-se em torno das reflexões sobre o modo atual de habitar e se relacionar com os espaços que nos cercam. Diante da necessidade de pensarmos caminhos de acesso à relação sensível Homem-Terra, então, apostamos nas contribuições do pensamento geopoético. Ao nos aprofundarmos no conceito, percebemos que na medida em que a geopoética estabelece uma relação sensível e ética com os espaços, contribui para o aprimoramento de atitudes que buscam reaproximar os indivíduos dos espaços vividos, podendo ser base para temas emergentes, como no âmbito da conservação do meio, redução de impactos e principalmente, para o direito de habitar a Terra.

Nesse ensejo, nos aproximamos, ao longo da pesquisa, de uma projeção de *geopoética urbana*, explorando temas do habitar contemporâneo, por vias da *intimidade* e da *anima*, ao propor o *Caderno de Navegações Geopoéticas*, o qual se revela em experiência sensível da paisagem e antídoto contra a passividade e o espetáculo. Enquanto modo experimental de exercitar uma relação sensível com a terra, o caderno reuniu experiências de viagem e deambular urbano. Ademais, entendendo-os como modo básico de se relacionar com o mundo, promovendo o resgate da própria tradição empírica da geografia, alinhada à geopoética, como modo de expressão e experimentação, desbordando-se em uma proposta, que merece maior profundidade em termos futuros, de *educação geopoética*.

A educação geopoética anunciada aproxima-se assim, como a própria tradição geográfica em suas propostas de campo, de uma experiência corporificada com os espaços, mas de modo que não seja a marca de um olhar pragmático sobre o mesmo. Uma educação geopoética busca além de um contato íntimo com a terra, promover uma renovação no modo de pensar e se relacionar, contribuindo com uma formação voltada para a cidadania, assumindo o compromisso ético e poético do habitar – o cuidar da Terra. Voltar para a nossa casa comum e saber-se ligado à ela (MOREIRA NETO, 2019).

Com o objetivo de investigar a geopoética em seu campo de pesquisa e criação transdisciplinar, em âmbito teórico e empírico, encontramos nesse percurso uma teoria que muito tem a nos oferecer, enquanto geógrafos e professores de geografia, em especial por seu desejo de uma *experiência fonte*, compreendendo e expressando nossa relação com o mundo e postulando uma continuidade entre a experiência do espaço e a linguagem que o expressa. É neste sentido que nos aproximamos do fio condutor explorado na presente tese, o qual encontra na geopoética, a possibilidade de uma educação dos sentidos e das percepções sensoriais, tão caras e urgentes para a geografia, reinventando e fazendo emergir novos modos de pensar e habitar os ambientes.

Talvez, chegamos ao fim dessa tese longe da geopoética anunciada por seu fundador, Kenneth White (1989), mas próximo de uma geopoética entendida e projetada, com os pares que me ajudaram a pensá-la em uma perspectiva geográfica. *Situamo-nos no entremeio*. O primeiro entremeio, aquele que surge com o desejo de partida, com a destinação de voo, que supõe o desconhecido. O segundo, corresponde ao retorno para a casa, o realizado. É no primeiro que nos situamos, “cada vez mais longe do seu domicílio, cada vez menos distante da sua destinação” (ONFRAY, 2009, p. 26). Ainda em destinação, em defesa da Terra como fundamento da Geografia, seguimos projetando e visualizando novos desdobramentos da presente pesquisa, em especial, a defesa de uma geopoética alicerçada em um movimento nômade, portadora de um sentimento universalista de Terra, não colonialista no qual, defende-se uma paisagem enquanto negação de outra.

REFERÊNCIAS

- AMAR, Georges,. Le sens de la terre. **Cahiers de Géopoétique [en ligne]**, n. 1, 1990.
- AMAR, Georges. Du surréalisme à la géopoétique. **Cahier de géopoétique**, n. 3, 1992.
- AMAR, Georges. **Laboratoire de géopoétique appliquée**. França: l'archipel. Disponível em:https://www.geopoetique.net/archipel_fr/institut/introgeopoetique/textes_fond_plastiques3.html. Acesso em: 11 maio 2021.
- ALVES, Lahys Barros; MONTE, Luiz. Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade. **ICHT**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/Vivenciando-paisagens-e-lugares-O-caminhar-como-a-arte-de-habitar-a-cidade-.pdf>. Acesso em: 18 no. 2022.
- ARAUJO, Danieli Barbosa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas. **Geograficidade**, v. 11, n. 1, p. 48-62, 2021.
- ARAUJO, Danieli Barbosa. Inexploradas Entranas: a geopoética enquanto um caminhar e (re)descobrir a Terra. **Anais do XIV ENANPEGE**. P. 1-15, 2021.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Padua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Título original: La poétique de l'espace.
- BACHELARD, Gaston. **El aire y los sueños**: Ensayo sobre la imaginación del movimiento. México: FCE, 1958.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes. 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Martins Fontes, 2019.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. Bachelard: **pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.
- BARROS, Manoel de. Meu quintal é maior do que o mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 149, 2015. DE BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Editora Record, 2001.
- BECATTINI, Natália. O que o mundo perde quando morre uma língua. **360 meridianos**. 23 out. 2017. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/2017/10/linguas-ameacadas-extincao.html>. Acesso em: 18. nov. 2022.
- BERQUE, A. **El pensamiento paisajero**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.
- BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Universidade Federal Fluminense, 2010.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. **O homem e a Terra**, 2011.
- BENACHIR, Hanane; BOUVET, Rachel; WHITE, Kenneth. Vers une architecture

- géopoétique. **Le nouveau territoire:** l'exploration géopoétique de l'espace, p. 205-220, 2008.
- BESOMBES, Camille. Géopoétiser avec Kenneth White. In: **Terrestres.** 2021. Disponível em: <https://www.terrestres.org/2021/02/25/geopoetiser-avec-kenneth-white/>. Acesso em: 18 nov.2022.
- BLANCH, Roger Paez. Derivas urbanas: la ciudad extrañada. Rita: **Revista Indexada de Textos Académicos**, n. 1, p. 120-129, 2014.
- BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.
- BOUVET, Rachel; MARCIL-BERGERON, Myriam. Pour une approche géopoétique du récit de voyage. **Arborescences: revue d'études françaises**, n. 3, 2013.
- BOUVET, Rachel; WHITE, Kenneth. **Le nouveau territoire:** l'exploration géopoétique de l'espace. Université du Québec à Montréal, Figura, Centre de recherche sur le texte et l'imaginaire, 2008.
- BOGOMYAKOV, Vladimir Gennadyevich. Contemporary Geopoetics in the Context of the Formation of a New Geospatial Discourse. **Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, v. 8, n. 4, p. 106-111, 2016.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo:** ou as estações na cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAPREZ, Pierre. **Imagens da cidade e geopoética.** Pelo direito de sonhar a cidade. 2015. 146 fls. **Tese** (Doutorado em arquitetura e urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- CASTRO, Manuel Antônio de. **Dicionário de Poética e Pensamento.** Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>. Acesso 18 nov. 2022.
- CABRAL, Arthur Simões Caetano. Caminhar, descobrir, projetar: Reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo. **Revista Jatobá**, v. 2, 2020.
- CÉSAR, Constança Marcondes. **Bachelard:** ciência e poesia. Edições Paulinas, 1989.
- COLLOT, Michel; ALVES, Ida. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, v. 17, n. 33, 2012.
- DARDEL, E. **O homem e a terra.** Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEGUY, Michel. **Figurations:** poèmes, propositions, études. Editions Gallimard, 1969.
- DEGUY, Michel; GLENADEL, Paula; SISCAR, Marcos. **A rosa das línguas.** Cosac & Naify, 2004.
- DEBORD, Guy. **Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo,** Fenda, Lisboa, 1995, p. 49.
- DE ECHEVERRI, Ana Patricia Noguera; RAMÍREZ, Leonardo; ECHEVERRI, Sergio Manuel. Métodoestesis: Los caminos del sentir en los saberes de la tierra una aventura geo-epistémica en clave sur. **RIAA**, v. 11, n. 3, p. 3, 2020.
- DE OLIVEIRA SALDANHA, Maria Teresa; KLAUTAU, Perla. Articulações entre Winnicott e Bachelard. **Cadernos de Psicanálise| CPRJ**, v. 43, n. 44, p. 203-215, 2021.

- DE PAULA, F. C. Sobre geopoéticas e a condição corpo-Terra / About geopoetics and the body-Earth condition. **Geograficidade**, v.5, n.1, p. 50-65, 2015.
- DE SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes; DE ALMEIDA, Maria Geralda. Geografias criativas: afinidades experienciais na relação arte-geografia. **Sociedade & Natureza**, v. 32, p. 484-493, 2020.
- DE LIMA, Theo SOARES. Sobre derivas, coremas e paisagens. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 43, n. 2, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou a gaia ciência inquieta. **Lisboa**: KKYM + EAUM, 2013.
- DONADA, Jon Tort. **Estancia de Estudios**. Destinatário: Danieli B. Araujo. Barcelona, 09 de out. 2021. 1 mensagem eletrônica.
- ELLARD, Colen. **Psicogeografía**: la influencia de los lugares en la mente y en el corazón. Trd. Gemma Deza Guil. Barcelona, Espanha: Ariel, 2016.
- FARIÑA, José. Topofilia. In: *Urbanismo, territorio y paisaje*, 2018. Disponível em: <https://elblogdefarina.blogspot.com/2018/12/topofilia-yi-fu-tuan.html>
- FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. Habitar uma paisagem “velha”: a fotografia como linguagem da pesquisa e do ensino da geografia. **Revista Signos Geográficos**, v. 1, p. 20-20, 2019.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- FERRETTI, Federico. From the drought to the mud: Rediscovering geopoetics and cultural hybridity from the Global South. **Cultural geographies**, v. 27, n. 4, p. 597-613, 2020.
- GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Trad. Anita Di Marco. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original: Cities for people.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GOMES, P. C. **Geografia e Modernidade**, Rio de Janeiro, 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GRATÃO, L. H. B. Geografia e Geopoética: contribuição de Kenneth White para a compreensão da poética e da estética do mundo. III Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais**. Niterói, 2012. p. 17.
- GRATÃO, Lúcia H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, Lívia et al. (Org.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p. 15-27.
- GRATÃO, Lúcia H. B. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. **Rev. abordagem gestalt**. [online]. 2016, vol.22, n.2, pp. 148-155. ISSN 1809-6867.
- HASHAS, Mohammed. **Intercultural Geopoetic in Kenneth White's Open World**. Cambridge Scholars Publishing, 2017.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. Trad. Gustavo Barcelos e Lúcia Rosenberg. São Paulo. Ed. Studio Nobel, 1993.

- HEIDEGGER, Martín. Construir, habitar y pensar [en línea] dirección de URL: <https://www.fadu.edu.uy/estetica-disenoii/files/2013/05. Heidegger-Construir-Habitar-Pensar1.pdf>, 1951.
- ITALIANO, Federico. Defining Geopoetics. **TRANS-. Revue de littérature générale et comparée**, n. 6, 2008.
- INBEC. Barcelona: Conheça o Plano Cerdá e a tecnologia subterrânea de coleta de lixo. Inbec, 2019. Disponível em: <https://www.inbec.com.br/blog/barcelona-conheca-plano-cerda-tecnologia-subterranea-coleta-lixo>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, v. 8, 2008.
- KONOŃCZUK, Elżbieta et al. Nos meandros da geopoética. **Teksty Drugie**, n. 1, p. 152-164, 2016.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- LABORDE, Miguel. **Centro de Estudios Geopoéticos de Chile**. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/es/91-mapa-del-archipielago/centro-de-estudios-geopoeticos>. Acesso em: 05 jan. 2021
- LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. **L'Homme et la société**, v. 31, n. 1, p. 15-32, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins.
- LEICESTER, Graham. **Geopoetics with a purpose**. 2009. Disponível em: <https://www.internationalfuturesforum.com/s/232>. Acesso em: 10 maio 2021.
- LÉVY, Bertrand. Ville et géopoétique dans l'oeuvre de Kenneth White. **Ville et géopoétique**, 2016.
- LÉVY, Bertrand. L'empreinte et le déchiffrement: géopoétique et géographie humaniste. **Cahiers de géopoétique**, v. 1, p. 27-35, 1992.
- LEEUW, Sarah; MAGRANE, Eric. Geopoetics. in Radical Geography: **Antipode** at 50, p. 146-150, 2019.
- MARANDOLA JR. E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MARANDOLA JR, E. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez. 2005.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 7-18, 2017.
- MARANDOLA JR, Eduardo. AINDA É POSSÍVEL FALAR EM EXPERIÊNCIA URBANA? HABITAR COMO SITUAÇÃO CORPO-MUNDO. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 10-43, 2020.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; DE OLIVEIRA, Lívia. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, 2018, vol. 8, no 2, p. 139-148.

MARGANTIN, Laurent. **Iles d'un monde ouvert**. La Revue des Ressources, 2004. Disponível em : <https://www.larevuedesressources.org/iles-d-un-monde-ouvert,310.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

MAGRANE, Eric et al. (Ed.). **Geopoetics in Practice**. Routledge, 2019.

MACFADYEN, Mairi. **Finding Radical Hope in Geopoetics**. In. Scottish centre for geopolitics. 2018. Disponível em: <http://www.geopoetics.org.uk/mcmanus-geopoetics-lecture-mairimcfadyen/>. Acesso em 14 abril 2020.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MCMANUS, Tony. **The Radical Field: Kenneth White and Geopoetics**. Sandstone PressLtd, 2007.

MURAD, Carlos Alberto. A Linguagem da Luz do olhar: Notas para uma Fenomenologia da Imagem Fotopoética. **interFACES**, v. 4, n. 1, p. 99-109.1997

MORENO, A. M. **Cosmos e imaginación en Gastón Bachelard**: una dinámica del despertar. Tesis doctoral dirigida por Ricardo Pinilla Burgos. Madrid: La Universidad Pontificia Comillas, 2017. 305 p.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal; ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Em busca do sentido da paisagem**: percursos por Londrina (Brasil) e Coimbra (Portugal)". In: YAMAKI, Humberto; CUNHA, Lúcio (orgs). Paisagem e território: expedições. Londrina : UEL, 2019. P. 39

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. Reflexões sobre a experiência geográfica na era da tecnologia. **Ágora**, v. 19, n. 1, p. 145-154, 2017.

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. Ser-no-mundo on-line: a investigação geográfica do habitar contemporâneo. **Revista Geografias**, p. 55-77, 2019.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem: poética da geografia**. trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2012.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: G. Gili, Ltda, 2017.

PARDO, Thierry. **Les savoirs vagabonds** - Une géopoétique de l'éducation. Montréal: Éditions Écosociété, 2019.

PEIXOTO, Adão José. **A origem e os fundamentos da fenomenologia**: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. Concepções sobre fenomenologia. Goiânia: Editora UFG, 2003.

PERREIRA, Joseane. Origem e a tradição da língua catalã, falada por mais de 10 milhões de pessoas no mundo. **Aventuras na História**. São Paulo, 2019.

Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/entenda-a-origem-e-a-tradicao-da-lingua-catala-falada-por-mais-de-10-milhoes-de-pessoas-no-mundo.phtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

PESSOA, Cecília. Resenha: A vida não é útil. In: **Amazonia Latitude**. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2020/12/08/RESENHA-A-VIDA-NAO-E-UTIL-LIVRO-KRENAK/>. Acesso em: 10 set. 2022.

PRICE, Carol. **Geopoetics, an Exciting Collaboration Between Writers and Scientists**. 2015. Disponível em: <https://medium.com/technical-excellence/geopoetics-an-exciting-collaboration-between-writers-and-scientists-f76b7f6fb6ec>. Acesso em: 11 maio 2021.

PINHEIRO, Paulo César; NOGUEIRA, João. **Rocinha**. Disponível em: <https://www.kboing.com.br/joao-nogueira/rocinha/>. Acesso em: 11 maio 2021.

POZZA, Gustavo Luiz. **A fenomenologia como avaliação estética da fotografia**. Sapere Aude, p. 643-656.

RAMBOURG, Márcia. **Na autoestrada da história**. Instituto Internacional de Geopoética, 1994. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/109-na-autoestrada-da-historia>. Acesso em: 10 out. 2020.

ROBERTS, Richard H. **Scottish Centre for Geopoetics**. Geopoetics in a time of Catastrophic Crisis, 2020. Disponível em: <http://www.geopoetics.org.uk/category/geopoetics/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

ROCHA, Gabriel Kafure da. **Metaontologia dos espaços: uma aproximação geopoética por Bachelard ao encontro de Heidegger**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29034>. Acesso em: 15 fev. 2020.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Filosofia onírica de Gaston Bachalard em mundos desencantados e tempos sombrios. **Ambiente & Educação**, v. 13, n. 1, p. 67-82, 2008.

ROGGERO, Pascal. **Géopoétique et anthropopolitique du territoire**. In Jean-Louis Le Moigne et al., Intelligence de la complexité. Paris: Hermann. 2013, p. 259 - 266.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2001.

RYBICKA, Elżbieta. **Geopoetyka: przestrzeń i miejsce we współczesnych teoriach i praktykach literackich**. Kraków: Towarzystwo Autorów i Wydawców Prac Naukowych "Universitas", 2014.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não**, p. 21-40, 2018.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: editora Record, 2018.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SERRATOSA, Albert. *Cerdà. Urbs i Territori*. [catálogo de exposición], Editorial Electa España, Madrid 1994 (version en catalán). Impreso en Imgesa. D.L.: B-18.001-2009.

SPRINGER, Simon. Earth writing. **GeoHumanities**, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2017.

STEINER, Séverine. Géopoétique urbaine: un cheminement paradoxal. **Mémoire de licence de géographie**. Université de Genève, 2005, 75 p.

- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: SciELO-EDUEL, 2012.
- TORGA, M. Bucólica. In: **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQzMjU5NQ/>. Acesso em: 20 ago. 2022
- VÃ FILOSOFIA. A casa Onírica. In: **A Va Filosofia**. Disponível em: <http://avafilosofia.blogspot.com/2011/01/casa-onirica.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- VILLA, Jennifer de Jesús. Derivas urbanas y construcción de psicogeografías. **Blogs URBS**. Disponível em: <http://www2.ual.es/RedURBS/BlogURBS/derivas-urbanas-y-construccion-depsicogeografias/#:~:text=%C2%BFQu%C3%A9%20es%2ouna%20deriva%2ourbana,%2C%2otexto%2C%20im%C3%A1genes%2C%2odibujos>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. Le désert et l'imagination cosmo-poétique. In: **Colloque de Nîmes «Géographie de la culture–espace, existence, expression**. 1991.
- WHITE, Kenneth; Poulet, Régis. **Panorama géopéthique**: théorie d'une textonique de la Terre (Carnets de la grande ERRance t. 1) (French Edition). Editions de la Revue des Ressources. Edição do Kindle. 2014.
- WHITE, kenneth. **Textos fundadores**. Instituto Internacional de Geopoética. 1989. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores>. Acesso em: 27 mar. 2020
- WHITE, kenneth. **Éditorial, Cahiers de géopoétique**. In Cahiers de géopoétique n° 1. 1990. Disponível em: http://geopoetique.net/archipel_fr/institut/cahiers/index.html#N1. Acesso em: 11 maio 2021
- WHITE, Kenneth. **Le plateau de l'albatros: introduction à la géopoétique**. Le Mot et le reste, 2018.
- WHITE, Kenneth. Elements of geopolitics. **Edinburgh Review**, v. 88, p. 163-178, 1992.
- WHITE, kenneth. **La géopoétique face aux visions myopes et aux ambitions délétères**. 2015. Disponível em: <https://www.larevuedesressources.org/la-geopoetique-face-aux-visions-myopes-et-aux-ambitions-deleteres,2874.html>. Acesso em: 06 maio 2021.
- WHITE, Kenneth. **Open World**: The Collected Poems 1960-2000. Birlinn Publishers, 2003.
- WRIGHT, John. K. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. Geograficidade*, v. 4, n.2 p. 4-18, Inverno de 2014.



Anexos

ANEXO A

Levantamento Catálogo de Teses e Dissertações Capes

As pesquisas, listadas abaixo, ilustram uma busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes²⁷, entre os anos de 2015 e 2022, que permeiam a temática *geopoética*. As mesmas não se restringem ao campo da Geografia, perpassam outras áreas do saber, demonstrando a importância de desenvolvimento de uma linha de investigação no âmbito geográfico.

1. FIGUEIREDO, Luiz Afonso Vaz de. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas**, 01/11/2010 466 f. Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA FÍSICA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: CAPH - FFLCH - USP **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.**
2. ROCHA, GABRIEL KAFURE DA. **Meta-ontologia dos espaços: uma aproximação geopoética por bachelard ao encontro de Heidegger**, 27/02/2020 219 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamede - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRN.
3. BRANDAO, GABRIELA GAZOLA. **Ser terra casa e paisagens do café da Mantiqueira das minas gerais**, 20/12/2021 143 f. Doutorado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BAU.
4. ONGARO, DIEGO BARATA ZANOTTI. **Geopoéticas do espaço e da mobilidade: performances de trânsito nos filmes de Clarissa Campolina**, 11/04/2016 110 f. Mestrado em ARTES, CULTURA E LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Repositório Institucional Digital da Produção Científica e Intelectual da UFJF
5. ARIAS, DIANA ALEXANDRA BERNAL. **A rosa do deserto hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo**, 16/06/2015 138 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Unicamp.
6. GOMES, BERNARDO PERROTA LEGAL. **Geopoética das Paisagens: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano no Rio de Janeiro**, 26/08/2019 240 f. Mestrado Profissional em ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: undefined.
7. SOUZA, IZABELA FERNANDES DE. **Sou entre elas. Na encruzilhada dos saberes: fronteiras, escrevivências e (re) existências de mulheres negras na cidade de foz do iguaçu**, 23/08/2019 168 f. Mestrado em Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, Foz do Iguaçu Biblioteca Depositária: Biblioteca Latino-Americana (BIUNILA).

²⁷ Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

8. SANTOS, GISELE CRISTINA ROSA DOS. **A geopoética do espaço no teatro:** relação entre espaço e paisagem na dramaturgia de Federico García Lorca' 12/12/2014 undefined f. Doutorado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: Universidade de Brasília.

9. SANTOS, RAISSA STUDART DOS. **Terras Caídas:** como navegar em águas rasas. 16/08/2021 247 f. Mestrado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: Universidade de Brasília.

10. SANTOS, MAURICIO DOS. **Kosi falá, Kosi orixá. Língua de santo:** uma linguagem afro-brasileira. 05/10/2018 131 f. Mestrado em Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, Foz do Iguaçu Biblioteca Depositária: Biblioteca Latino-Americana (BIUNILA).

11. JUNIOR, JOSE NELSON MARQUES. **Litoral e Incêndios:** Um estudo geopoético na dramaturgia de Wajdi Mouawad' 02/08/2017 130 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades.

12. NÓBREGA, ALESSANDRO TEIXEIRA. **Geopoética da imaginação em Antônio Francisco.** 01/05/2011 184 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: BCZM e Setorial do CCHLA (UFRN)
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

13. ORDONEZ, FRANKLIN JHONATAN BARRETO. **Paisajes de la soledad:** El llano en llamas (Juan Rulfo, 1953) y Vidas secas (Graciliano Ramos, 1938). 05/04/2017 undefined f. Mestrado em Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, Foz do Iguaçu Biblioteca Depositária: Biblioteca Latino-Americana (BIUNILA)

14. Gratão, Lúcia Helena Batista. **A Poética 'O Rio' - Araguaia! De cheias e vazantes (à) luz da imaginação.** 01/05/2002 150 f. Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA FÍSICA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: CAPH-USP.

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

15. JUNIOR, Raimundo Borges da Mota. **Imagens geopoéticas em vidas secas:** travessias da literatura ao cinema. 08/04/2021 undefined f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Central Julieta Carteado.

16. MACEDO, CLARISSA MOREIRA DE. **A terra em dois atos:** imagens telúricas na poética de Juraci Dórea e Miguel Torga. 11/09/2018 180 f. Doutorado em LITERATURA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Macedo Costa – UFBA.

17. SANTOS, LILAZ BEATRIZ MONTEIRO. **Geopoética e conservação da APA do Morro do Cachambi.** 19/12/2019 192 f. Mestrado Profissional em ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: undefined.

18. MOURA, MARCELA FERREIRA DE. **Paisagens possíveis:** a geopoética de Josoaldo Lima Rêgo' 04/09/2017 88 f. Mestrado em LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária:

NADIR

KFOURI.

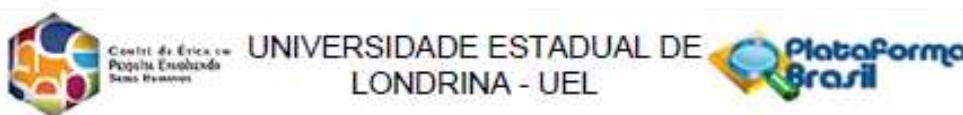
19. GALLO, PRISCILA MARCHIORI DAL. **A ONTOLOGIA DA GEOGRAFIA À LUZ DA OBRA DE ARTE: O EMBATE TERRA-MUNDO EM “OUT OF AFRICA”** 27/02/2015 undefined f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: undefined.
20. ALBUQUERQUE, LUCIMAR MAGALHAES DE. **DORITY E DÉRCIO MARQUES: GEÓGRAFOS DAS CANÇÕES'** 17/06/2016 301 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
21. CRAPEZ, PIERRE GEORGES GABRIEL. **IMAGENS DA CIDADE E GEOPÓÉTICA (PELO DIREITO DE SONHAR A CIDADE).** 28/01/2016 317 f. Doutorado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BAU-UFF.
22. MORAES, VIVIANE MENDES DE. **Entre as savanas de aridez e os horizontes da poesia: a multifacetada geopoética de Rui Knopfli'** 26/02/2015 250 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ.
23. CARVALHEDO, TISSIANA DOS SANTOS. **Trilhas de Vida e Arte: a geopoética do reparar na aventura de fazer e pensar teatro no IFMA campus Codó'** 13/07/2018 undefined f. Mestrado Profissional em PROFARTES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, Uberlândia Biblioteca Depositária: undefined.
24. SILVA, MARCIA FRANCO DOS SANTOS. **Cartografia e Geopoética. Um olhar cartográfico sobre a 8ª Bienal do Mercosul.** 14/05/2015 96 f. Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ
25. SILVA, VANESSA CORREIA DE ARAUJO. **A geopoética de Sophia de Mello Breyner Andresen: paisagem e escrita.** 12/09/2019 104 f. Mestrado em LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Nadir Kfouri PUC – SP.
26. CARVALHO, FRANCISCO FERNANDO LIVINO DE. **Varandarana, uma arquitetura geopoética:** a importância da Arte na gestão das áreas protegidas' 20/08/2020 undefined f. Mestrado Profissional em ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: undefined.
27. CRUZ, LEONARDO RAMOS. **As montanhas falaram alto, eu, da escola respondi:** Uma Escrevivência Geopoética para a Conservação da Natureza. 28/07/2021 172 f. Mestrado Profissional em ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNIRIO.
28. SILVA, FELIPE KEVIN RAMOS DA. **Memória, Percepção & Experiência a Geopoética do Habitar Ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará).** 04/12/2017 152 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPA.
29. JUNIOR, ROBERTO ANTÔNIO PITELLA. **...OU ONDE HABITAM AS IMAGENS... (a partir de um processo fotográfico relacional e líquido)**' 01/12/2011 88 f. Mestrado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR

Biblioteca Depositária: EBA - UFBA - Central UFBA
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

30. Cappucci, Maria Angela Silva. **Imagens-Mundo e História na Literatura de Derek Walcott** 01/03/2009 174 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

Anexo B

Parecer Consustanciado pelo CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: A GEOPÓÉTICA NAS EXPERIÊNCIAS ÍTIMAS: SOBRE EDUCAÇÃO E PERCEPÇÃO SENSÍVEL DO LUGARES

Pesquisador: Danieli Barbosa de Araujo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32490620.2.0000.5231

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Londrina - UEL

Patrocinador Principal: Universidade Estadual de Londrina - UEL

DADOS DO PARECER

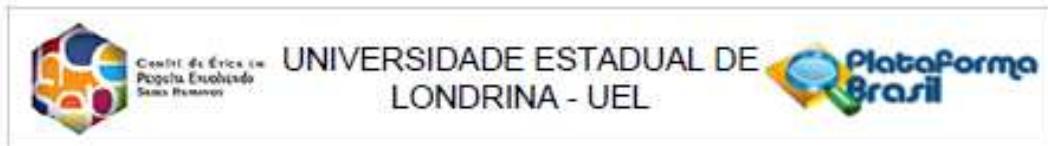
Número do Parecer: 4.126.225

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado "A GEOPÓÉTICA NAS EXPERIÊNCIAS ÍTIMAS: SOBRE EDUCAÇÃO E PERCEPÇÃO SENSÍVEL DO LUGARES", sob responsabilidade da pesquisadora Danieli Barbosa de Araujo, vinculada à UEL. Trata-se de uma Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Geografia - CCE.

Pesquisa qualitativa de natureza exploratória a qual envolve pesquisa bibliográfica e de campo. A abordagem utilizada na construção da pesquisa é a Geografia Humanista de base fenomenológica, cujo método pressupõe considerar as relações humanas, sua interação com o meio, valorizando as significações que o homem tem sobre um dado espaço. No método fenomenológico de pesquisa, o investigador de início, está preocupado com a natureza do que se vai investigar, de modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno, busca-se antes retornar à experiência do mundo a partir de uma consciência pré-científica. Não se trata de ignorar as teorias científicas, mas colocar "em parênteses" os princípios explicativos ou preconceitos que ofusciam a essência do fenômeno. A fenomenologia surge num contexto de revisão de verdades tidas como cientificamente inabaláveis, num momento em que as ciências assumiam um papel de distanciamento do homem, em que tudo era reduzido ao mundo da experiência, ao mundo empírico, realidades podiam ser testadas, comprovadas, experimentadas,

Endereço:	LABE00 - Sala 14	CEP:	86.057-970
Bairro:	Campus Universitário		
UF:	PR	Município:	LONDRINA
Telefone:	(43)3371-5455	E-mail:	cep268@uel.br



Continuado da Página 4-128-225

intemupção

- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
 - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
 - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
 - justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJECTO_1563170.pdf	26/06/2020 13:43:45		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	26/06/2020 13:42:46	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	26/06/2020 13:40:19	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Outros	regulamento.docx	26/06/2020 13:21:25	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Orçamento	gastos.docx	26/06/2020 13:12:12	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Outros	confidencialidade.pdf	26/06/2020 13:05:50	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	26/06/2020 12:58:48	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.doc	23/05/2020 16:38:05	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito
Brochura Pesquisa	brochura.pdf	23/05/2020 16:37:48	Danieli Barbosa de Araujo	Aceito

Situação do Parecer:

Approved

